

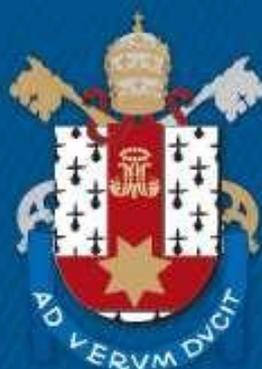
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DANGLAR MACHADO DUARTE GOULART

**UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA ADOÇÃO DE
CRIANÇAS POR CASAIS DE PESSOAS DO MESMO SEXO
EM DIFERENTES NARRATIVAS AUDIOVISUAIS**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

DANGLAR MACHADO DUARTE GOULART

**UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA ADOÇÃO DE
CRIANÇAS POR CASAIS DE PESSOAS DO MESMO SEXO
EM DIFERENTES NARRATIVAS AUDIOVISUAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa

Porto Alegre

2022

Ficha Catalográfica

G694e Goulart, Danglar Machado Duarte

Um estudo sobre a representação da adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo em diferentes narrativas audiovisuais / Danglar Machado Duarte Goulart. – 2022.

141p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa.

1. Adoção. 2. Casais de Pessoas do Mesmo Sexo. 3. Crianças. 4. Narrativas Audiovisuais. 5. Etnografia de Tela. I. Costa, Angelo Brandelli. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

DANGLAR MACHADO DUARTE GOULART

**UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA ADOÇÃO DE
CRIANÇAS POR CASAIS DE PESSOAS DO MESMO SEXO
EM DIFERENTES NARRATIVAS AUDIOVISUAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Aprovada em: ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa – PUCRS

Prof. Dr. Fernando Seffner – UFRGS

Profa. Dra. Vi Pinheiro Grunvald – UFRGS

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Desenvolver essa dissertação no meio de uma pandemia com todos os problemas físicos e emocionais por ela acarretados, não foi nada fácil. Para realizar esse feito contei com suportes especiais e quero expressar a minha gratidão:

Primeiramente, a Deus, à Virgem de Guadalupe e ao meu anjo da guarda que me ampararam durante esse processo e em todos os dias da minha vida.

À minha mãe, Francisca, por sempre acreditar em mim e nos meus sonhos. Às minhas inesquecíveis, avó Noêmia e irmã Leoni (*in memorian*), por suas presenças em minha vida.

À minha tia, Idalina, e irmão, Everaldo por cuidarem de nossa família.

Aos Morandinis: Marcelo, por todos esses 13 anos de companheirismo e afeto, Eunice, por todo o carinho e amor de mãe com o que tem me tratado e Aimoré (*in memorian*), por me receber em seu lar, com todo o carinho e amor e mostrar-me como um pai deve ser e agir.

À minha amiga, Juliane, por todos esses 19 anos de amizade e por nossas conversas online, durante a escrita dessa pesquisa. À amiga, Carmencita, uma grata surpresa durante esse mestrado.

Às professoras, Rebeca e Adriana, por todo o incentivo no início desse trabalho.

À Maria Remi por sua generosidade e contribuição na finalização.

À Professora Vi Pinheiro Grunvald por suas aulas inspiradoras na cadeira de antropologia visual.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa, que mesmo com todas as limitações impostas pela pandemia, soube me orientar, apesar da falta de contato presencial.

Aos integrantes no momento da minha qualificação: Fernanda Bittencourt Ribeiro e Fernando Seffner, que foram incríveis em suas colocações e colaboraram com ideias e críticas construtivas, fundamentais para conclusão desse estudo.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rosane Andrade, por todo o suporte e dedicação com que trata os alunos do curso.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

“Garotão, paz e serenidade”

(Aimoré B. Morandini).

RESUMO

Casais de pessoas do mesmo sexo vêm lutando há 21 anos pelo direito da adoção. O primeiro dado positivo foi dado em 2006, quando uma criança adotada foi registrada em nome dos pais de mesmo sexo. De lá para cá, mudanças ocorreram, como o reconhecimento da adoção pelo STJ e STF e o benefício da licença de adoção, sancionado pela ex-presidente Dilma Rousseff. Essas batalhas travadas por casais de pessoas do mesmo sexo serviram de inspiração para os autores da Globo que os representaram por meio de diversas narrativas audiovisuais. Utilizando essas narrativas, pressupondo que acompanharam as mudanças ocorridas na lei e na cultura, esse estudo pretende analisar, por meio de etnografia de tela, como as narrativas audiovisuais com padrões de construção diferentes abordam a adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo. O resultado da pesquisa permite compreender que mesmo com padrões de construção diferentes e homogeneização/nivelamento dos temas entre realidade e ficção, as narrativas audiovisuais que tratam da adoção de crianças por casais do mesmo sexo, apresentam similitudes em relação ao processo de adoção, medos e inseguranças dos pais e das crianças e, também, na forma de atuar dos juízes, advogados e assistentes sociais.

Palavras-chave: Adoção. Casais de Pessoas do Mesmo Sexo. Crianças. Narrativas Audiovisuais. Etnografia de Tela.

ABSTRACT

Same-sex couples have been fighting for 21 years for the right to adopt. The first positive data was given in 2006, when an adopted child was registered in the name of same-sex parents. Since then, changes have taken place, such as the recognition of adoption by the Circuit Court of Appeals and The Federal Supreme Court and the benefit of the adoption license, sanctioned by former President Dilma Rousseff. These battles fought by same-sex couples served as inspiration for Globo's TV authors who represented them through various audiovisual narratives. Using these narratives, assuming that they followed changes in law and culture, this study aims to analyze, through screen ethnography, how audiovisual narratives with different construction patterns approach the adoption of children by same-sex couples. The result of the research allows us to understand that even with different construction patterns and homogenization/leveling of themes between reality and fiction, the audiovisual narratives that deal with the adoption of children by same-sex couples, present similarities in relation to the adoption process, fears and insecurities of the parents and children, and also in the way judges, lawyers and social workers act.

Keywords: Adoption. Same-Sex Couples. Kids. Audiovisual Narratives. Screen Ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Eleonora e Jenifer comemoram adoção de Renato	57
Figura 2: Juiz concede a guarda provisória de Jayme para Niko	58
Figura 3: Juiz concede a guarda dos quatro filhos a Rogério e Weykman.....	59
Figura 4: Eleonora na sala da pediatria com a assistente social.....	61
Figura 5: Eleonora na sala de espera com a assistente social	62
Figura 6: Eleonora e Jenifer na sala.....	64
Figura 7: A assistente social liga marcando a visita	65
Figura 8: Fábio e Marcos com os filhos.....	66
Figura 9: Fábio e Marcos com Hadassa.....	66
Figura 10: Alexandre e Francisco com os três filhos.....	67
Figura 11: Elisabeth e Jacqueline com os filhos.....	68
Figura 12: Eleonora e Jenifer no escritório do advogado	70
Figura 13: Juiz concede a guarda provisória de Jayme para Niko	72
Figura 14: Juliana é encaminhada a sala de audiência.....	73
Figura 15: Sermancino pede para ser adotado por Tamanco e Odete Roitman	75
Figura 16: Marcelo e Rubinho conversam sobre adoção	81
Figura 17: Rogério e Weykman com os quatro filhos.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Telenovelas e seriado: pais.....	23
Tabela 2: Série Documental: pais	24
Tabela 3: Telenovelas e Seriado: crianças	25
Tabela 4: Série Documental: crianças.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL METODOLÓGICO	15
2.1	ANTROPOLOGIA VISUAL	15
2.1.1	Antropologia visual um breve histórico	16
2.2	ETNOGRAFIA DE TELA COMO MÉTODO ADOTADO	20
3	REFERENCIAL TEÓRICO	27
3.1	A INSDÚTRIA CULTURAL SOB UM OLHAR CRÍTICO	28
3.2	A TELENOVELA	30
3.2.1	Seriado	32
3.2.2	Série documental	33
3.3	A RELAÇÃO ENTRE AS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS TELEVISIVAS E O TELESPECTADOR.....	33
3.4	AUTORES DAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS, ABORDAM O RELACIONAMENTO ENTRE ESPECTADOR E NARRATIVAS.....	35
3.5	A HOMOSSEXUALIDADE	37
3.6	HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL.....	38
3.7	A FAMÍLIA HOMOPARENTAL	39
3.8	A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA, O ESTADO E A ADOÇÃO.....	44
3.9	A PRIMEIRA ADOÇÃO REALIZADA POR CASAL DO MESMO SEXO NO BRASIL	46
3.10	UM OLHAR CRÍTICO À EXPRESSÃO “HOMOAFETIVIDADE”	46
3.11	ESTUDOS SOBRE A HOMOPARENTALIDADE EM NARRATIVAS AUDIOVISUAIS.....	48
4	A ANÁLISE DAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS – ETNOGRAFIA DE TELA 55	
4.1	O DISCURSO DO JUIZ	55
4.2	A ATUAÇÃO DA ASSISTENTE SOCIAL.....	60
4.3	O PAPEL DO ADVOGADO	69
4.4	O DESEJO DE SER ADOTADO.....	74
4.5	O USO DA FAMÍLIA COMO AGENTE NORMALIZADOR.....	77
4.6	MEDO DE NÃO CONSEGUIR ADOTAR.....	78
4.7	RELAÇÃO TELESPECTADOR/NARRATIVA AUDIOVISUAL	80
5	CONCLUSÃO	83
	REFERÊNCIAS	93
	ANEXO A - Narrativas audiovisuais (cenas) na íntegra	99

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo pretende analisar a representação da adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo em narrativas audiovisuais distintas, por meio de etnografia de tela. Antes, convêm orientar o leitor que a adoção legal de crianças passou a ser praticada a partir do século XX, antes disso, haviam os chamados filhos de criação, que raramente tinham sua situação legalizada por meio da adoção (FONSECA, 2002). Já o debate sobre a adoção por casais do mesmo sexo vem se intensificando nos últimos 21 anos. E, apesar de não haver no ordenamento jurídico brasileiro uma legislação que trate especificamente do assunto (VIEIRA, 2014), mudanças significativas ocorreram. Por esse motivo faz-se necessário relembrar as conquistas desse tipo de adoção no Brasil.

Os cabeleireiros Vasco Pedro da Gama e Júnior de Carvalho, de Catanduva, São Paulo, foram o primeiro casal do mesmo sexo a adotar legalmente¹. Eles conseguiram se inserir no cadastro de pessoas habilitadas a adoção em 2004, porém buscavam a inserção desde 1998. Theodora foi adotada primeiro por Gama, em dezembro 2005, depois ambos entraram com o processo para o reconhecimento de paternidade de Carvalho. E assim, desde novembro de 2006, o nome dos dois pais aparece na certidão de nascimento da menina.

Três anos mais tarde, em 2009, o Conselho Nacional de Justiça² alterou o padrão da certidão de nascimento. Onde antes constava pai e mãe foi alterado para o termo filiação, concedendo a possibilidade para que crianças fossem registradas por casais de pessoas do mesmo sexo, garantindo-lhes assim todos os direitos sucessórios e patrimoniais, inclusive em caso de separação ou morte de um deles.

Já em 2010, o censo do IBGE, realizado em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, apontou 60 mil famílias formada por casais do mesmo sexo, 53,8%, a maioria formada por mulheres. Apesar de nos dados também constarem casais formados por homens, por conta do preconceito, as mulheres têm mais

¹ Pela primeira vez, Justiça autoriza casal gay a adotar criança no Brasil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2311200622.htm>>.

² A adoção feita por homossexuais: batalhas e vitórias legais. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/relatos-reais-sobre-adocao/-a-adocao-feita-por-homossexuais-batalhas-e-vitorias-legais.aspx>>.

tranquilidade em declarar o relacionamento e orientação aos recenseadores (JORNAL O GLOBO, 2010).

Ainda em 2010, no mês de abril, o Superior Tribunal de Justiça³ decidiu manter o registro de adoção de dois meninos em nome da psicóloga Luciana Reis Maidana e da fisioterapeuta Lídia Guterres, ambas de Bagé. Em 2006, elas já haviam obtido autorização do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul para realizar o registro conjunto, mas o Ministério Público Federal entendeu que a decisão não tinha base legal e entrou com recursos no STJ, que votou a favor da adoção e no Supremo Tribunal Federal.

Por meio de uma decisão inédita do Ministério da Previdência, em agosto de 2012, o bancário Lucimar Quadros da Silva conseguiu a licença-maternidade⁴ (ou paternidade) para cuidar do filho que adotou com o parceiro, o consultor de negócios, Rafael Gerhardt. Para terem direito ao benefício da licença, com direito a salários pagos pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), ele e o companheiro, o consultor de negócios, que adotaram a criança em outubro de 2010, enfrentaram dois anos de processos administrativos na Previdência.

Também foi sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff, em outubro de 2013, a Lei nº 12.873⁵ que garante salário-maternidade, pago diretamente pelo INSS, durante quatro meses para homens e mulheres que adotarem um filho ou obtiverem guarda judicial para fins de adoção. O pagamento do benefício é garantido independentemente da idade da criança.

Depois de uma decisão judicial, em setembro de 2014, o auditor da Receita Federal, o casal⁶ Rogério Koscheck e seu companheiro, o contador Weykman Padinho, conquistaram a licença de adoção, eles são pais de quatro crianças. Koscheck iniciou um processo administrativo no órgão onde trabalha, para obter o salário-maternidade, primeiro ele teve o direito negado. Por esse motivo, entrou com um mandado de segurança, e o pedido foi, então, acatado pelo juiz.

³ A adoção de crianças por gays. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-adocao-de-criancas-por-gays/>>.

⁴ Pai que obteve salário-maternidade espera que decisão abra precedentes. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/j2012/08/pai-que-obteve-salario-maternidade-espera-que-decisao-abra-precedentes.html>>.

⁵ Lei dá a mães e pais adotivos mesmo direito a licença-maternidade. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/lei-da-a-maes-e-pais-adotivos-mesmo-direito-a-licenca-maternidade,b79040843b1f1410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>.

⁶ Casal gay ganha na Justiça direito a licença do trabalho após adotar quatro crianças. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/casal-gay-ganha-na-justica-direito-licenca-do-trabalho-apos-adotar-quatro-criancas-13810771>>.

Em um episódio inédito, o Supremo Tribunal Federal⁷ reconheceu, em março de 2015, o direito de adoção por casais de pessoas do mesmo sexo. O processo do casal formado pelo professor Toni Reis e o tradutor David Harrad corria desde 2005. Nesse tempo, eles passaram por uma série de tribunais, tiveram gastos com advogados, viajaram a Brasília, conversaram com juristas influentes e por fim chegaram ao STF. No Paraná eles ganharam, em primeira instância, o direito de adotar uma criança do sexo feminino e com mais do que 12 anos. Porém, acharam essas restrições preconceituosas e apelaram ao Tribunal de Justiça, que derrubou o limite mínimo de idade estipulado, mas foi embargado pelo Ministério Público. Recorreram, então, ao Supremo Tribunal de Justiça, onde o processo ficou engavetado por cinco anos, chegando ao fim com a decisão do STF.

Todas essas batalhas travadas por casais de pessoas do mesmo sexo causaram grande impacto na mídia e na indústria cultural brasileira, despertando atenção e interesse de diversos diretores e autores, que as utilizaram como tema para compor a história dos personagens de suas tramas, na dramaturgia do país, retratando-as também em séries e séries documentais. Entre os canais que os representaram por meio de mídia audiovisual está a Globo, responsável pela apresentação e reprodução das narrativas audiovisuais que são objetos de análise desse trabalho.

Segundo Silva (2015, p.52) a presença de personagens LGBTs nas telenovelas da Rede Globo ocorre desde os anos 1970, com o personagem “Rodolfo Augusto (Ary Fontoura), na narrativa *Assim na Terra como no Céu*”, a autora traz esse dado em seu trabalho, onde realizou um panorama das narrativas dos personagens LGBTs dos anos 1970 a 2013 para fazer a análise das representações da homossexualidade em *Amor à Vida*.

Já a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo foi retratada pela primeira vez em uma telenovela, no ano de 2004. Nos capítulos finais de *Senhora do Destino*, da Rede Globo, o casal formado pela médica ortopedista Eleonora (Mylla Christie) e pela estudante de fisioterapia Jenifer (Bárbara Borges), desenvolvido ao longo da trama, adotou o bebê Renato, que foi encontrado pela

⁷ Pela primeira vez, STF reconhece direito de adoção por casais homossexuais. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/03/pela-primeira-vez-stf-reconhece-direito-de-adoacao-por-casais-homossexuais-4722282.html>>.

médica na lixeira do hospital onde trabalhava.

O direito a adoção também foi defendido no último capítulo de *Páginas da Vida*, em 2006, o médico Rubinho (Otávio, Fernando Eiras) e o músico Marcelo (Thiago Picchi) conversaram sobre a possibilidade de adotarem uma criança. Na cena, além de defenderem o direito de casais do mesmo sexo adotarem, eles mencionam Vasco Pedro da Gama e Júnior de Carvalho, de Catanduva, primeiros a conseguirem o feito.

A adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo apareceu por último na telenovela *Amor à Vida* (2013), onde o personagem do empresário Niko (Nicolas Corona, Thiago Fragoso) par do administrador Félix Khoury (Mateus Solano), adotou o menino Jayme. Inicialmente, Niko era companheiro do advogado Eron (Marcello Antony), porém o casal se defez ao longo da trama. Paralelo a *Amor à Vida*, o seriado *Pé na Cova* (2013), apresentou o relacionamento entre a mecânica Tamanco (Cristiane, Mar'tnália) e a striper Odete Roitman (Luma Costa). Na segunda temporada, elas adotaram Sermancino (Gabriel Lima), que vagava pelo bairro e sonhava em ter uma família. Apesar do grande impacto social que causa o tema não é “frequente na teledramaturgia brasileira” (SILVA, 2015, p.118).

Lopes (citado por CARVALHO, 2014, [online]) pontuou que a relevância e grande repercussão, aliadas ao fato de ter sido pouco explorada em tramas ficcionais, fez com que os autores, que estão aliando “ficção com acontecimentos contemporâneos da realidade” brasileira, despertassem o interesse pela temática.

Ainda sobre a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, em 2016 o canal por assinatura GNT, da Rede Globo, passou a exibir em sua grade o programa *Histórias de Adoção*⁸, que em forma de série documental, relata como diferentes composições de famílias passaram pelo processo de adoção. Entre os casais apresentados, quatro são formados por pessoas do mesmo sexo.

No episódio 5, da segunda temporada, foram apresentados o casal Marcos Gladstone e Fábio Inácio. Eles contaram, com detalhes, como foram as adoções de Felipe, Davison e Hadassa.

No episódio 6, da primeira temporada Rogério Koscheck e Weykman Padinho, adotaram quatro irmãos. A adoção legal dos irmãos Juliana, Maria Vitória,

⁸ Histórias de Adoção vai falar sobre o encontro mágico de pais e filhos. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/historias-de-adocao/>>.

Anna Claudia e Luiz Fernando pelo casal foi registrada na série documental.

Assim como Rogério e Weykman, Alexandre e Francisco também adotaram irmãos. No episódio 11, da segunda temporada, o casal lembrou as adoções de Gabriel, Pablo e Patrick.

E, no episódio 12, da primeira temporada, Elisabeth e Jacqueline recordaram as adoções dos dois filhos ainda bebês. Primeiro elas adotaram Saulo, depois Priscila.

Descrito o contexto, manifesta-se o seguinte problema de pesquisa: Como narrativas audiovisuais, com padrões de construção diferentes, apresentam a questão da adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo, a partir das mudanças legais do início dos anos 2000?

No capítulo a seguir uma breve introdução sobre o surgimento da antropologia, sua relação com o cinema e a fotografia, até a sua união formando a antropologia visual. Em seguida, será apresentada a etnografia de tela, metodologia aperfeiçoada por Rial (2004), que será utilizada para análise das narrativas audiovisuais desse estudo.

2 RERENCIAL METODOLÓGICO

2.1 ANTROPOLOGIA VISUAL

O procedimento metodológico adotado para estudar e classificar as narrativas audiovisuais coletadas é a etnografia de tela, por ser essa um dos “instrumentos de análises da antropologia visual” (AYRES, 2015, p.66). Convém abordarmos antes, o conceito dessa segunda, para entender a conexão entre antropologia e imagem e como a etnografia de tela faz parte desse processo. De acordo com Balestrin e Soares (2014, p.94): “O que se denomina hoje antropologia visual, já foi também intitulada como ‘antropologia da imagem e do som’, ‘antropologia do audiovisual’, ‘antropologia da imagem’, além de outras expressões”. Isso ocorre, porque o debate sobre o espaço que a imagem ocupa na antropologia tem mais de 40 anos. Segundo Barbosa e Cunha (2006, p.7), além de guardar características advindas dos longos debates de todas essas expressões, a antropologia visual refere-se à imagem como produto cultural e por esse motivo a “transforma em objeto da antropologia”. A imagem pode ser utilizada para auxiliar ou registrar uma pesquisa antropológica, como ser a razão da pesquisa.

Chiozzi (1993 citado por CANEVACCI, 2001, p.175) compara que “a antropologia visual é, por um lado, interpretação visual de certa realidade e, por outro, interpretação dos dados visuais próprios dessa realidade”. E, por tanto, a separação dessas interpretações pode acarretar na ruptura com o passado onde estavam unidas como, também, a previsão de uma nova união entre elas no futuro.

Outra visão é a de France (2000) para ela a antropologia visual surgiu da auto investigação, da autoanálise e de avaliar criticamente os próprios métodos do filme etnográfico. Segundo a autora essa área da antropologia seria o homem retratado no audiovisual, exatamente como ele é registrando a maneira como age, como pensa e convive com os outros a sua volta:

Trata-se do homem como ser social e cultural, considerado no continuum do que deixa ver e ouvir, e que o torna, dessa maneira, acessível à reprodução animada das manifestações concretas, visuais e sonoras. Em suma, o homem de quem apreendemos aquilo que exprime a partir daquilo que mostra (FRANCE, 2000, p.17-18).

Em 1979, Margareth Mead atribuiu à antropologia visual o comprometimento da preservação de importantes arquivos sobre comportamentos de povos ainda inexplorados, conforme Ribeiro (2005, p.622) comentou:

A antropologia, ao agrupar diversas disciplinas [...] aceitou implícita e explicitamente a responsabilidade de reunir e de preservar documentos sobre costumes que desaparecem e sobre povos, quer estejam no estado natural, sem escrita, isolados em qualquer selva tropical, num canto perdido de um cantão suíço, ou nas montanhas de um reino asiático.

Já Ginsburg (1999, p.35-36) considera a antropologia visual como a “[...] produção e análise das representações culturais fotográficas e/ou concebidas para a tela, ou mais simplesmente, a interação entre culturas e mídia (na tela)”. Desse modo, além de investigar diversas perspectivas culturais aparentes, essa área nos desafia a explorar o visual ou nas palavras da autora, a “[...] pensar sobre a produção ou o entendimento das representações na tela”.

Altmann (2009, p.60) complementa essa ideia ao afirmar que a expressão “[...] abrange uma gama de atividades às vezes definidas por seus métodos - a fotografia, a cinematografia – às vezes, por seu objeto – a arte, a mídia, os adornos corporais, os aspectos visuais da cultura”. Ginsburg (1999, p.43) corrobora com essa afirmação ao dizer que:

[...] a pesquisa etnográfica, informada pelo ensino em produção e teoria de mídia, pode proporcionar visões críticas de como a cultura e as relações sociais estão sendo mediadas através do cinema, da televisão e do vídeo em cenários locais, nacionais e transculturais. Cada vez mais pessoas reproduzem, contestam ou refletem sobre suas sociedades.

A autora sai em defesa desse conceito, afirmando que em sociedades onde a mídia é um dos eixos que movem a cultura, como por exemplo, nos Estados Unidos a antropologia tem sido omissa nesse tipo de pesquisa. Para ela a investigação centrada no estudo, produção e reflexão do audiovisual pode acarretar na introdução da mídia como objeto de estudo antropológico. Esse é também um dos desafios e resultados, a serem superados e obtidos ao longo de minha investigação.

2.1.1 Antropologia visual um breve histórico

Na colocação de Piault (1999 citado por BALESTRIN; SOARES, 2014) o nascimento simultâneo da antropologia visual e do cinema ocorreu em Paris no ano de 1895, em pleno século XIX. Dessa proximidade entre antropologia e imagem surgiu:

[...] uma colaboração ao mesmo tempo distante e provocadora, mas que evidencia o quanto a antropologia, a fotografia e o cinema, enquanto construções culturais podem compartilhar o desafio de entender e significar o mundo e sua diversidade (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.6).

Uma vez que além da antropologia visual representar o encontro entre antropologia e imagem:

E, desde então, evidentemente, as maquinarias audiovisuais e as tecnologias digitais. Ambas as áreas participam de uma necessidade comum: a de observar as culturas e os homens que a fazem. Nesta perspectiva, o 'olhar antropológico' e o 'olhar fotográfico' hão de aprender a conjugar melhor dois imperativos próprios a única antropologia visual: 'aprender a ver' e 'saber pensar e fazer pensar em imagens'. O que remete ainda a outras tarefas. E necessário estudar e pensar as imagens nas suas singularidades e complementaridades, saber o que elas são, o que elas podem o que não podem fazer nos campos das ciências humanas. (SAMAIN, 2014, p.715).

Conforme Barbosa e Cunha (2006) cientistas começaram a utilizar a fotografia como ferramenta de registro em suas expedições ainda no século XIX, como em 1898, quando os antropólogos Haddon, Seligman e Rivers, incluíram fotógrafos em sua equipe. Nesse projeto, a câmera fotográfica e o cinematógrafo constituíram ferramentas fundamentais para o registro dos diferentes tipos físicos e culturais. Eram considerados instrumentos científicos, tanto quanto o microscópio, capazes de ampliar o olhar do cientista, pois ao estabilizar ou fixar os dados obtidos em campo facilitariam análises posteriores.

De acordo com os autores, as imagens resultados dessa expedição, além de contribuir para expansão do conhecimento científico antropológico, se tornaram objetos de fascinação por retratarem o "exótico e primitivo", por esse motivo:

Cartões-postais com retratos de aborígenes com seus adereços primitivos, como lanças com ponta de pedra ou gravetos e ossos atravessados no nariz, são amplamente divulgados e circulam como suvenires entre as classes abastadas europeias (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.8).

O século XX inicia trazendo algumas transformações nas artes, nas ciências e na forma de representar outras civilizações e culturas. De acordo com Barbosa e Cunha (2006, p.12): "Algumas experiências de realização fílmica vinculadas a contextos etnográficos acontecem na América, e o cinema consagrado ao real torna-se bastante popular".

No cenário brasileiro se destacaram as produções do major Luiz Thomaz

Reis, encarregado da Seção de Cinematografia e Fotografia da Comissão Rondon, que revelou através de seus trabalhos um interior do país ainda incógnito e de grande importância para etnografia.

Desses anos de atividades resulta o enorme legado a que hoje temos acesso na forma de publicações, documentos, relatórios, estudos de caráter etnográfico e linguístico, fotografias e filmes. Para Barbosa e Cunha (2006, p.13):

O major Reis foi peça fundamental nesse processo de documentação imagética, deixando-nos filmes como *Rituais e festas Bororo*, de 1917, de expressiva importância para a história do filme etnográfico, dados seu pioneirismo e sua proposta narrativa, alinhada às novidades da época. Reis aborda de maneira singular um importante ritual do grupo indígena bororo, do Mato Grosso, buscando construir seu sentido a partir de elementos da lógica local, fato raro em contexto de absoluta exotização, cuja pauta era tratar filmicamente elementos de outras culturas (grifo do autor).

Pouco tempo depois Robert Flaherty apresenta em 1922, a produção etnográfica que retratava a vida dos esquimós, intitulada *Nanook of the North* “e, tal como Malinowski fizera entre os trobriandeses, segue um plano de inserção no contexto de trabalho baseado numa longa permanência entre o grupo” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.13). Flaherty também incorporou em sua obra a “subordinação da experiência local a uma ideia (ponto de vista documental mais tarde desenvolvido por Jean Vigo), participação colaborativa de modo a melhor compreender ‘o ponto de vista do nativo’” (RIBEIRO, 2005, p.634-635).

Sobre essa experiência Lévi-Strauss (2008, p.388) revelou que:

Enquanto a sociologia trata de fazer a ciência social do observador, a antropologia busca elaborar a ciência social do observado, tanto quando visa a atingir, em sua descrição das sociedades exóticas e afastadas, o ponto de vista do próprio indígena, quanto quando amplia seu objeto até incluir a sociedade do observador, mas, nesse caso, tentando extrair um sistema de referência fundado na experiência etnográfica, que seja independente ao mesmo tempo do observador e de seu objeto.

Apesar de percorrerem caminhos paralelos, levou algum tempo para que se estabelecesse na Antropologia uma área que tratasse do estudo das produções fílmicas. Somente em 1930 quando antropólogos como Margaret Mead e Gregory Bateson passaram a utilizar imagens em áudio e vídeo e fotografias em seus trabalhos, que essa inclusão ocorreu. Por meio dos equipamentos audiovisuais (fotografia e câmera cinematográfica) foi possível conservar a imagem de um outro, descoberto nas viagens entre os continentes, que antes era momentânea, descrita apenas em

etnografias. Essas inovações permitiram que a antropologia passasse a realizar a “representação cinematográfica das culturas” (RIBEIRO, 2005, p.615).

Durante o período em que Mead e Bateson estiveram na Indonésia, com os balineses, entre 1936 e 1939, eles geraram a produção de quase 25 mil fotos e sete quilômetros de audiovisual que ao ser montado, dez anos depois, apenas por Mead, teve como resultado uma coleção de sete filmes.

Apesar de já terem trabalhado, individualmente, com a produção de imagens antes o casal atribuiu:

[...] à utilização de fotografias e filmagens um papel fundamental em sua pesquisa. Contudo, esse papel estava vinculado à crença na objetividade do registro fotográfico e fílmico como suporte para preservação de registros das expressões visuais de padrões culturais que estariam fadados à extinção. Seria tarefa da antropologia dar a conhecer, estudar e produzir registros das culturas de todo o mundo antes que elas viessem a desaparecer, e, nesse sentido, a fotografia e o cinema, considerados em seu aspecto técnico, se configuravam como instrumentos poderosos (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.16).

Segundo Barbosa e Cunha (2006, p.19) foi na África de 1940 que Jean Rouch propôs uma nova forma de utilização da Câmera: “A perspectiva que vai se construindo não é a de uma câmera de filmar que registra dados etnográficos, mas a de um instrumento de comunicação com a realidade etnográfica”, no entanto, foi por meio dessa nova abordagem desenvolvida pelo citado autor que,

[...] a câmera estimula a relação no campo com os sujeitos da pesquisa e provoca a relação, fora do campo, com os espectadores do filme. A prática etnográfica associada ao cinema propiciaria o estabelecimento de uma antropologia compartilhada [...].

De acordo com Barbosa e Cunha (2006, p.21) David e Judith MacDougall introduziram em 1960 o cinema de observação ao analisarem antropologicamente seus registros audiovisuais, em suas filmagens eles buscavam:

[...] mostrar os sujeitos na vida e não falando sobre ela. Nesse caminho estaria a chave da utilização do cinema como instrumento para construção de um conhecimento antropológico. A realização cinematográfica apresenta-se como uma possibilidade de refletir sobre questões epistemológicas, já que o próprio processo de construção do filme passaria por uma discussão de categorias e métodos muito próximos aos da antropologia.

Entre as questões que permeavam as mentes dos pesquisadores sobre o que registrar estava:

[...] Como um antropólogo faria sua pesquisa com os aborígenes? Como

seria transmitido o saber local? Como uma viúva poderia suportar emocionalmente a morte de seu marido? Como as comunidades poderiam se organizar frente a uma ameaça exterior? Como uma pequena comunidade seria afetada pela morte de um menino de treze anos? [...] (MACDOUGALL, 1994, p.74).

Macdougall (1994, p.74-75) em suas considerações pondera que “[...] o filme etnográfico se sobressaiu ao mostrar as particularidades da vida, quer sejam esclarecidas pelas teorias indígenas ou por explicações antropológicas [...]”, o antropólogo pressupõe a possível criação de uma:

[...] etnografia visual conceitual, que lide com ideias; deve ser possível fazer entender seu sentido profundo, o, mago de uma sociedade, ao invés de representar as coisas de uma maneira mais didática, de um ponto de vista externo, como acontece em geral, com a televisão.

Nesse capítulo foi abordado brevemente a história da antropologia, da fotografia e do cinema, desde seu nascimento até seu entrelaçamento, formando a antropologia visual. A apresentação da temática foi necessária para introduzir o próximo capítulo que irá conceituar a etnografia de tela, método integrante da antropologia visual, que será utilizado para a análise das narrativas audiovisuais dessa dissertação.

2.2 ETNOGRAFIA DE TELA COMO MÉTODO ADOTADO

Como mencionado anteriormente, o método escolhido para analisar as narrativas audiovisuais, que são os objetos de estudo desse trabalho é a “etnografia de tela”, assim intitulada por Rial (2004). De acordo com Balestrin e Soares (2014, p.91) a metodologia é utilizada para definir os “estudos de tela” que tratam da pesquisa etnográfica dos “artefatos da mídia” e que são praticados desde os anos 1980. Na visão de Rial (2004, p.30-31) a etnografia de tela é um método:

[...] que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo (no caso, em frente a televisão), a observação sistemática e o seu registro metódico em caderno de campo, etc; outras próprias da crítica cinematográfica (análise de planos, de movimentos de câmera, de opções de montagem, enfim, da linguagem cinematográfica e suas significações) e outras próprias da análise de discurso.

Ginsburg (1999, p.43) considera que o uso da metodologia:

[...] pode proporcionar visões críticas de como a cultura e as relações sociais estão sendo mediadas através do cinema, da televisão e do vídeo em cenários locais, nacionais e transculturais. Cada vez mais, essas formações culturais são espaços distintos através dos quais as pessoas reproduzem, contestam ou refletem sobre suas sociedades.

Balestrin e Soares (2014, p.95) sugerem o uso do estranhamento do que é familiar técnica utilizada na etnografia, para ser aplicada também na etnografia de tela:

Nesse sentido, é preciso estranhar-se diante daquilo que parece corriqueiro, comum, natural e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com o estranho, com o que parece não se encaixar nos nossos modos de conhecer, de pensar, de viver.

Entre os procedimentos metodológicos indicados, os autores concluíram que o tempo prolongado diante das narrativas audiovisuais; as diferentes formas de assistir às telenovelas/série/sériedocumental (continuadamente e com paradas para anotações); anotação no caderno de campo, descrevendo e destacando detalhes importantes das cenas a serem analisadas. Também é importante destacar os instrumentos de análise fílmica, normalmente usados no audiovisual, mas que também constituem a etnografia de tela. Neles são observados a construção dos cenários, movimentos de câmera, planos, apresentação dos personagens (seus diálogos e movimentos em cena), elementos estéticos como luz e cor e as alternativas de montagem e narração (BALESTRIN; SOARES, 2014).

Sobre a prática do trabalho de campo, Rial (2004, p.30) sustenta que:

A etnografia, mais do que qualquer outro método, apresenta a capacidade de revelar os 'espaços sociais' da televisão, a etnografia (de tela ou de audiência) sendo assumida aqui como uma prática de trabalho de campo, fundada em uma prática de coleta e análise de dados extensa e longa, que permite aos pesquisadores atingirem um grau elevado de compreensão do grupo social ou do texto estudado, mantendo uma reflexividade.

A respeito da elaboração do caderno de campo, Balestrin e Soares (2014, p.96) ressaltaram que ao se estudar narrativas audiovisuais devem ser levados em consideração os "aspectos visuais e verbais". As autoras apresentaram também uma alternativa para sua concepção:

Em uma coluna, descrevemos o que vemos; em outra, descrevemos o que escutamos durante essas tomadas, indicando também o tempo de cada cena. Tanto ruídos e sons ambientes como diálogos, músicas e silêncios merecem atenção no decorrer das análises. Além disso, acrescentamos impressões, sensações, ideias para se pensar sobre cada cena descrita. Procuramos detalhar o que ocorre em cada momento do filme/programa, desde a descrição dos cenários e sons até a movimentação das personagens. O registro no caderno de campo e a produção de dados nesse tipo de investigação ocorrem simultaneamente (BALESTRIN; SOARES, 2014, p.96).

Quanto ao texto do caderno de campo, Rial (2004, p.30) propõe a utilização da “análise de discurso”, baseada no ponto de vista da etnografia e segundo a autora estaríamos indo “[...] além do texto e ao encontro do contexto, das redes complexas em que estes textos se inserem e das quais emergem. Nesse sentido, os antropólogos estariam mais propensos a captar os contextos dos textos da media”. A autora explica que a definição da Análise de discurso é o discurso

[...] entendido aqui como na semântica: como sendo uma unidade lingüística composta por um conjunto de sentenças, como num argumento, numa conversação ou numa fala. O estudo dos discursos, ou da linguagem usada pelos membros de uma comunidade de fala, é dita análise de discurso (RIAL, 2004, p.27).

Diferente da etnografia que tem como foco/objeto de pesquisa o local, o informante ou grupo alvo de seu estudo e claro o contado dele com o pesquisador, através também de observação participante. Os estudos de recepção, geralmente usados na análise de audiências televisivas, têm como objeto central de investigação os significados atribuídos pelos receptores à mensagem do emissor:

Nos estudos de recepção, a mensagem é vista como uma construção de signos que, na interação com os receptores, ganham significados. A ênfase não está mais no emissor (sua intenção não prevalece na definição do que é a mensagem), no meio, ou no texto, mas em suas possíveis leituras (RIAL, 2004, p.33).

Nesse capítulo explicitou-se como se dá o uso da etnografia de tela, metodologia escolhida para a análise das narrativas audiovisuais dessa dissertação, através das autoras que a utilizaram em seus trabalhos como Rial (2004), que nomeou a expressão. Seguindo a linha de análise proposta pelas autoras, o primeiro passo é busca e seleção das narrativas audiovisuais no site Globoplay. Depois de selecionados os capítulos/episódios é momento de observar as cenas, primeiro de forma continuada, depois com pausas para anotações. Com as cenas escolhidas desenvolverei o caderno de campo, descrevendo as cenas e detalhes considerados importantes para o estudo. No caderno de campo também estarão contemplados: planos, movimentos dos personagens em tela, iluminação e trilha sonora. Esses dados somados ao referencial teórico na aplicação da etnografia de tela resultarão nas respostas às questões levantadas no início desse trabalho.

Analisar os diferentes tipos de narrativas audiovisuais que abordam a adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo, as semelhanças e distinções

entre elas, a relação e trocas de influências da indústria cultural com a sociedade e as alterações ocorridas na lei ao longo desse tempo, fará com que esse estudo, além de pertinente nesse momento, se torne um registro das mudanças ocorridas até agora, deixando, também, a expectativa de uma continuidade.

Tabela 1: Telenovelas e seriado: pais

TIPO DE NARRATIVA AUDIOVISUAL	NOME	AUTOR/DIRETOR	ANO	CASAL DE PESSOAS DO MESMO SEXO	PROFISSÃO	FAIXA ETÁRIA	ETNIA
Novela	<i>Senhora Do Destino</i> Período de exibição: 28/06/2004 a 11/03/2005 Horário: 20h Nº de capítulos: 221	Escrita por Aguinaldo Silva, com direção geral de Wolf Maya	2004	Eleonora (Mylla Christie)	Médica Residente Ortopedista	21 a 30 anos	Branca
				Jenifer (Bárbara Borges)	Estudante de Fisioterapia	21 a 30 anos	Branca
Novela	<i>Páginas da Vida</i> Período de exibição: 10/07/2006 a 02/03/2007 Horário: 20h Nº de capítulos: 203	Escrita por Manoel Carlos, com direção-geral de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti	2006	Rubens (Fernando Eiras)	Médico	41 a 50 anos	Branca
				Marcelo (Thiago Picchi)	Músico	21 a 30 anos	Branca
Novela	<i>Amor à Vida</i> Período de exibição: 20/05/2013 a 31/01/2014 Horário: 21h Nº de capítulos: 221	Escrita por Walcyr Carrasco, com direção-geral de Mauro Mendonça Filho	2013	Niko (Thiago Fragoso)	Empresário	31 a 40 anos	Branca
				Eron (Marcello Antony)	Advogado	31 a 40 anos	Branca
				<u>Félix Khoury (Mateus Solano)</u>	Administrador	31 a 40 anos	Branca
Seriado	<i>Pé na Cova</i> Período de exibição: 24/01/2013 a 07/04/2016 Horário: 23h Nº de episódios: 71	Escrito por Miguel Falabella, com direção-geral de Cininha De Paula	2013	Odete Roitmann (Luma Costa)	Striper	31 a 40 anos	Branca
				Tamanco (Mart'nália)	Mecânica	31 a 40 anos	Não Branca ⁹

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

⁹ A classificação não branca foi definida pelo autor, por não haver uma auto identificação dos personagens.

Tabela 2: Série Documental: pais

TIPO DE NARRATIVA AUDIOVISUAL	NOME	AUTOR/DIRETOR	ANO	CASAL DE PESSOAS DO MESMO SEXO		PROFISSÃO	FAIXA ETÁRIA	ETNIA
Série Documental	<i>Histórias de adoção</i> Período de exibição: 08/03/2016 a 30/05/2017 Horário: 23h Nº de episódios: 26	Roberto Berliner, documentarista e diretor geral	2016	Marcos Gladstone	5 / Segunda Temporada	Pastor	40 anos	Branca
				Fábio Inácio	5 / Segunda Temporada	Pastor	35 anos	Não Branca
				Rogério Koscheck	6 / Primeira Temporada	Auditor fiscal	51 anos	Branca
				Weykman Padinho	6 / Primeira Temporada	Contador	37 anos	Não Branca
				Alexandre	11 / Segunda Temporada	Projetista de engenharia	38 anos	Branca
				Francisco	11 / Segunda Temporada	Projetista de engenharia	38 anos	Branca
				Elisabeth	12 / Primeira Temporada	Não informada	41 a 50 anos	Branca
				Jacqueline	12 / Primeira Temporada	Dentista	41 a 50 anos	Branca

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Tabela 3: Telenovelas e Seriado: crianças

TIPO DE NARRATIVA AUDIOVISUAL	NOME	CASAL DE PESSOAS DO MESMO SEXO	CRIANÇA ADOTADA	IDADE	ETNIA	QUANTIDADE DE CRIANÇAS ADOTADAS PELO CASAL
Novela	<i>Senhora do Destino</i>	Eleonora (Mylla Christie)	Renato (nome não informado)	Recém-nascido	Não Branca	1
		Jenifer (Bárbara Borges)				
Novela	<i>Amor à Vida</i>	Niko (Thiago Fragoso)	Jayminho (Kayky Gonzaga)	8 anos	Não Branca	1
		Eron (Marcello Antony)				
Seriado	<i>Pé na Cova</i>	Odete Roitmann (Luma Costa)	Sermancino (Gabriel Lima)	11 anos	Não Branca	1
		Tamanco (Cristiane/Mart'nália)				

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

TIPO DE NARRATIVA AUDIOVISUAL	NOME	CASAL HOMOAFETIVO	CRIANÇA ADOTADA	IDADE	ETNIA	QUANTIDADE DE CRIANÇAS ADOTADAS PELO CASAL	
Série Documental	<i>Histórias de Adoção</i>	Elisabeth	Saulo	Recém- nascido	Não Branca	2	
		Jacqueline	Priscila	Recém- nascida	Não Branca		
		Marcos Gladstone	Hadassa	Recém- nascida	Branca	3	
			Davison	6 anos	Não Branca		
		Fábio Inácio	Felipe	7 anos	Não Branca		
		Alexandre	Gabriel	6 anos	Não Branca	3	
			Pablo	9 anos	Não Branca		
		Francisco	Patrick	12 anos	Não Branca		
		Rogério Koscheck	Anna Cláudia	2 anos	Não Branca	4	
			Luiz Fernando	3 anos	Não Branca		
		Weykman Padinho	Maria Vitória	4 anos	Não Branca		
	Juliana	13 anos	Não Branca				

Tabela 4: Série Documental: crianças

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compor o referencial teórico, além de argumentações e autores que tratem sobre as narrativas audiovisuais e suas características, serão abordados temas referentes à homossexualidade e homoparentalidade, pertinentes a esse estudo. Primeiro, veremos uma análise crítica à indústria cultural encabeçada por Adorno e Horkheimer (1985). Depois, serão apresentadas às características da telenovela, do seriado e série-documental, seguidas pela interpretação que autores como Wolton (2006) fazem da relação estabelecida entre os espectador e as narrativas audiovisuais televisivas, além da visão dos próprios autores das narrativas audiovisuais a serem analisadas nesse estudo sobre esse relacionamento.

Na segunda parte do referencial, Giddens (1993), relembra os impactos e transformações sociais ocorridas, desde que a homossexualidade foi abordada nos trabalhos de Alfred Kinsey. O período histórico das lutas do movimento homossexual no Brasil, dividido em três ondas por Facchini (2003), também irá aparecer. Logo após, a homoparentalidade e suas diferentes composições será abordada por autores como Grossi, Mello e Uziel (2006). A relação entre família, o Estado e adoção será discutida por alguns autores entre eles La Falce (2017).

Também será apresentada mais detalhadamente a primeira adoção de uma criança por casal do mesmo sexo no Brasil, descrita anteriormente na introdução dessa dissertação. Há ainda o posicionamento de Costa e Nardi (2015) que analisam criticamente o uso da expressão “homoafetividade”. E, para finalizar, são apresentados os estudos sobre a homoparentalidade em narrativas audiovisuais de Silva (2015) e Fernandes (2013), que realizaram esse tipo de análise em seus trabalhos. A escolha dos temas e objetivo desse referencial é tentar, mesmo que não tenha ocorrido linearmente, criar uma linha do tempo dos eventos e lutas travadas pelos LGBTs até o pleito da adoção e, ao mesmo tempo, servir de base teórica de onde serão utilizados conceitos que irão contribuir na análise das narrativas audiovisuais desse trabalho.

3.1 A INDÚSTRIA CULTURAL SOB UM OLHAR CRÍTICO

Na concepção de Adorno e Horkheimer (1985) a indústria cultural seria uma indústria que tem como objetivo manter o controle através da padronização de

conteúdo (canais de televisão que se apresentam com nomes distintos, mas que buscam por meio da reprodução técnica a elaboração de conteúdos quase iguais como telejornais, telenovelas, programas de auditório, séries, entre outros. O mesmo ocorre com as rádios e a indústria cinematográfica). Essa padronização está baseada nas necessidades dos consumidores, mas está edificada no poder e dominação exercido pelos grandes empresários sobre a sociedade. Sendo assim, a indústria cultural seria um “negócio” que se utiliza da ideologia da arte, sem nenhum objetivo social, produzido apenas para gerar lucro aos mais abastados.

A televisão, por exemplo, obtém sucesso ao usufruir dos elementos antes apresentados pelo rádio e pelo cinema, utilizando com exaustão as possibilidades ilimitadas trazidas pelos “materiais estéticos da indústria cultural”. Esse êxito é o resultado de conseguir reunir com harmonia palavras, imagens e músicas,

elementos sensíveis que apresentam a superfície da realidade social [...] produzidos pelo mesmo processo técnico que [...] integra todos os elementos da produção, desde a concepção do romance (que já tinha um olho voltado para o cinema) até o último efeito sonoro (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.102).

Para os autores acima referenciados, na indústria cultural “a arte para as massas” desde canções de sucesso, a posicionamentos de artistas, histórias de telenovelas e produções de espetáculos passam pela mente consciente das equipes de produção. Como uma espécie de “filtro” essa indústria tenta reproduzir o mundo exterior, ou seja, situações do cotidiano em obras como telenovelas, para que com isso o espectador se sinta representado ao ponto de comparar a ficção com a realidade.

Ainda utilizando o exemplo da telenovela, autores e diretores têm de transformar, muitas vezes, textos de linguagem formal, que são reproduzidos com naturalidade pelos atores, para a linguagem popular. Dessa forma, o espectador por entender a obra, acaba acompanhando-a. A passagem de uma linguagem para outra é feita de uma forma tão sutil que a segunda quase se assemelha a primeira, considerada a original. Para Adorno e Horkheimer (1985), o espectador está tão cansado de sua rotina diária que não vê problema em assistir uma cena que ele já viu em tantas outras reproduções semelhantes, essa por sua parte não exige dele nenhum “esforço intelectual”.

Sobre a importância do homem para a indústria cultural, Adorno e Horkheimer (1985, 119-120) enfatizam que ela o transformou em um “ser genérico e substituível”, quando deixa de servir. E que a única coisa que importa para ela são: “homens como clientes e empregados e, de fato, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva”.

Ao falar sobre a televisão como forma de dominação Bourdieu (1997, p.23), caracteriza a padronização, abordada por Adorno e Horkheimer, como “*Omnibus*” que seria uma parcela “simbólica” que trabalha com a homogeneização do conteúdo informativo, visando prender a atenção de todos. De acordo com ele, os “fatos-ônibus” são fatos, que não têm a pretensão de “chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada importante”.

Tal como Adorno e Horkheimer, Bourdieu (1997) aponta o homem como dominado e limitado pela estrutura dos campos de produção cultural. Segundo ele, isso ocorre quando um campo “dominado pela lógica comercial” estabelece suas “limitações” sistematicamente sobre o homem e as outras áreas:

Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais ‘puros’, e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles. E, da mesma maneira, através do peso do campo do jornalístico, ele pesa sobre todos os campos de produção cultural (BOURDIEU, 1997, p.81).

Bourdieu (1989, p.10-11) reforça essa ideia em poder simbólico, onde ele define a sociedade como um sistema constituído por poder e privilégio, determinado nas relações materiais e simbólicas, quando em “sistemas simbólicos”, ele trata das “produções simbólicas de dominação” como interesse da classe dominante, no caso da indústria cultural, interesse dos grandes empresários, que por meio dos “instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento” legitimam o domínio de uma classe (grandes empresários) sobre a outra (clientes e empregados), o que ele denomina como “violência simbólica”.

Segundo Bourdieu (1989, p.12) no campo de produção simbólica onde os produtores servem aos interesses dos grandes empresários, a classe dominante reafirma sua dominação assegurada no capital econômico e tenta legitimar seu domínio por meio da própria “produção simbólica” sobre os dominados “letrados ou ‘intelectuais’ e ‘artistas’”.

3.2 A TELENVELA

Diniz (2009, p.177) define as telenovelas como “obras abertas, escritas ao sabor da receptividade, da audiência, das pesquisas, dos anunciantes”, e que seu desfecho seria moldado então, de acordo com essa troca entre a trama e seus expectadores. A afirmação entra em concordância com Mattos (2008, p.12), que complementa que telenovela é também “uma narração de fatos e acontecimentos, dividida em capítulos de horário fixo”.

De acordo com Goulart (2004), a concepção da telenovela não pertence à televisão, pois seu arranjo resulta do encontro entre dois gêneros o Romance-folhetim e a Radionovela. O folhetim foi desenvolvido na Europa, mas sua transição para o rádio, em forma de série, ocorreu nos Estados Unidos em 1930, o rádio foi utilizado como uma alternativa mais econômica de entretenimento para o país que buscava sua reestruturação da crise financeira, após a queda da bolsa de New York em 1929. Com o advento do rádio a intenção era aumentar os ouvintes consumidores, o número de vendas e as empresas patrocinadoras como:

Procter and Gamble, Colgate-Palmolive e Lever Brothers, que começaram a patrocinar as chamadas soap operas (óperas de sabão), destinadas às donas de casa, afinal, eram elas as responsáveis pelas compras (grifo nosso) (GOULART, 2004, p.25).

Porém, durante esse processo não houve uma linearidade como parece, mas sim, rupturas, transformações e atualizações, sobretudo na forma como apresentar a história de um gênero com grande popularidade, buscando restringir seus vínculos com os produtos que os antecederam. Conforme Mattelart (1989 citado por GOULART, 2004, p.24):

Se há parentesco, há sobretudo ruptura: o novo produto que consideramos é influenciado por outras lógicas estéticas e sociais, situa-se no centro de outras estratégias industriais, está inscrito em diferentes formas de produção e de consumo.

Grazzi Keske e Scherer (2013) pontuaram que quando surgiu na década de 1950, a Telenovela Brasileira, que tinha como propósito conquistar a audiência de uma grande parte dos cidadãos, foi mal vista e considerada como de baixo nível “por muitos intelectuais”. De sua estreia à atualidade passou por grandes e significativas transformações em sua estrutura, história e tecnologia:

[...] uma das características que manteve e aperfeiçoou, durante esse período, foi à capacidade de 'conversar' com todos os tipos de público, e isso lhe garantiu um lugar privilegiado na cultura popular e massiva do país (GRAZZI KESKE; SCHERER, 2013 [online]).

No início os capítulos eram curtos e apresentados ao vivo, duas a três vezes por semana e assistidos por poucos expectadores, pois os televisores se tornaram acessíveis 9 anos mais tarde, quando a compra de aparelhos televisivos se tornou popular nos anos 60 como ressalta Fadul (1999, p.3):

A telenovela diária, [...] só se iniciou em 1963, depois da introdução do vídeo tape em 1962. Seu primeiro grande sucesso de público só ocorreu em 1964-1965 com a telenovela O Direito de Nascer, que deu início ao hábito popular, que permanece até hoje, de assistir telenovela no horário nobre.

Ainda sobre o formato o Guia Ilustrado TV Globo (2010, citado por GRAZZI KESKE; SCHERER, 2013, [online]) revela que a teledramaturgia apresentou novelas, teleteatros, minisséries e seriados, além de outras atrações dramatúrgicas não seriadas:

No seu início, predominava o gênero capa e espada, ou seja, melodramas e histórias fantásticas, que estavam distantes da realidade nacional. O paradigma foi quebrado, quando as telenovelas passaram a explorar temáticas brasileiras.

De acordo com Fadul (1999) foi em 1960, com essa mudança no enredo e na forma de retratá-lo, durante o processo de abrasileiramento, que as novelas passaram a se distanciar progressivamente do melodrama tradicional em concordância com sua matriz cubana-mexicana-argentina. O ápice das mudanças ocorreu na novela Beto Rockfeller (1968-1969), que rompeu com inúmeras regras impostas pelo gênero. Ainda de acordo com a autora:

O distanciamento no tempo e no espaço, uma das principais características das telenovelas tradicionais, é abandonado em nome de uma aproximação com a vida cotidiana. Os temas dessas telenovelas estavam relacionados com os problemas de uma sociedade que se urbanizava e se industrializava rapidamente (FADUL, 1999, p.6).

Em 1970, houve um aperfeiçoamento da técnica, quando em seus roteiros, as novelas passaram a incluir todas as camadas sociais, pois do contrário perderiam a audiência, visto que os brasileiros gostavam e gostam de sentirem-se representados em tela e segundo Fadul (1999, p.7):

À medida que as telenovelas se aproximavam cada vez mais da vida real, o seu sucesso junto ao público se fortalecia. Inicialmente seduzindo as mulheres, com o tempo foi se transformando em um produto que atingia o público em geral.

Para Fadul (1999, p.7) esse fato contribuiu para a consolidação da telenovela em 1980 como um “gênero fundamental da televisão aliando grandes audiências a uma alta lucratividade, apesar dos elevados custos da produção, que se situavam muito acima das séries americanas importadas”. Mattos (2008, p.13) salienta que de 2000 para cá, as telenovelas têm buscado adaptarem-se cada vez mais ao brasileiro, trazendo para seu enredo fatos de grande impacto na sociedade brasileira. “A telenovela tem se destacado por colocar em discussão temas polêmicos, causar comoção nacional, abordar temas do cotidiano, além da inserção de merchandising comercial”.

3.2.1 Seriado

Régis et al. (2008) destacaram que diferentemente de como se apresentavam há mais de 40 anos, com no máximo dois personagens principais, narrativa simplificada, uma trama principal e com conclusão no fim de cada episódio, os seriados atuais possuem “enredos múltiplos” e estrutura narrativa idêntica a de romances e novelas, com personagens, núcleos e tramas a eles associadas, ampliados. Também em comum com as novelas, pode ser utilizado o “clímax ao fim de cada episódio”, fazendo com que o espectador fique curioso para assistir a sua continuidade (BONTEMPI; STRELHOW, 2019, p. 128). Esse artifício, segundo Silva e Oliveira (2014) é empregado com intuito de prender a audiência do público até o fim do seriado. De acordo com Régis et al. (2008, p.165), as tramas entrelaçadas do seriado sofrem prolongamento ao longo dos episódios e a inserção do grande número de personagens e múltiplos enredos propiciam a adoção de uma linha dramática em forma de “arco dramático” que é o “percurso de um personagem ou de uma trama ao longo de uma obra de ficção”. Existem grandes diferenças entre os seriados e as séries, que apresentam transformações fundamentais em suas estruturas. Uma das características mais importantes das séries é a “autonomia de cada episódio”. Segundo Foguel (2018, p.9): “Ao contrário do seriado, a série [...] faz de cada capítulo, geralmente um bloco dramático autônomo, com começo, meio e fim”. Podem ocorrer algumas exceções, em que o episódio da série se estenda por

mais um capítulo para dar conta do encerramento do bloco dramático, mas em sua maioria os episódios são autônomos.

3.2.2 Série documental

França (2018, p.82), declara que desde que fizeram parte da programação da TV Manchete, que buscava inovar os programas apresentados ao público entre 1980 e 1990, as séries documentais que possuem “um formato de programação que aposta na regularidade de sua linguagem, do horário de exibição, do tema e da referência a outros episódios”, são um “gênero raro”, tanto na televisão brasileira, como nas pesquisas e publicações no país:

Há inúmeros estudos e publicações no país sobre séries ficcionais televisivas - a construção da dramaturgia, o formato da estrutura em episódios, a temporalidade do programa - sobretudo com a chegada da Netflix. Mas raros são os estudos focados em séries documentais de curta duração (FRANÇA, 2018, p.82).

Geralmente as séries documentais apresentam o tema de forma clara já no primeiro episódio, deixando o expectador informado sobre o que os episódios irão abordar. Existem, basicamente, duas formas de iniciar o piloto:

[...] ou você começa com pequenos *flashes* de cada uma das tramas e subtramas que pretende desenvolver, [...] ou entra de uma vez no assunto principal e mostra-o claramente, deixando o espectador ciente do que é que o espera e do que deve esperar (PALLOTINI, 1998, p. 82).

Nessas séries de acordo com França (2018, p.87) os programas são “compostos por capítulos independentes e autônomos, de modo que o assunto é atualizado/repetido em cada episódio em função do tema geral”. O telespectador pode assistir aos episódios de forma aleatória ou isolada, sem que isso prejudique sua compreensão do conteúdo apresentado no episódio escolhido.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE AS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS TELEVISIVAS E O TELESPECTADOR

Segundo Martins (2007, p.1-2) a televisão que funciona como uma produtora de “significados sociais e culturais”, com destaque para as narrativas audiovisuais, é um dos principais pontos de conexão do espectador com o mundo. Ao abranger quase todo o país, ela se estabelece como um importante meio de entretenimento e

divulgação do conhecimento do que ocorre na sociedade. Em um grupo social onde a mídia é utilizada como meio de informação, conhecimento e troca entre os membros do grupo, “os processos de identificação e construção de identidades” ocorrem ao redor da relação entre televisão e espectador.

Para Martins (2007, p.3) as narrativas audiovisuais brasileiras são dirigidas a espectadores de todas as idades, sexos e a níveis sociais e culturais distintos. “Para tanto, precisam ser orientadas a um ponto central, a um denominador comum, mas não dirigidas a ninguém em particular”. Apesar dos espectadores serem um grupo “heterogêneo”, as narrativas audiovisuais, na intenção de agradar a todos, tornam-se “homogêneas”. Para isso, é necessário um nivelamento dentro dos temas e conteúdos diversos abarcados pela cultura de massa para que se adaptem a média geral.

Segundo Scholes e Kellog (1977, p. 47) as narrativas evidenciam sua flexibilidade ao se adaptarem a realidade contemporânea, demonstrando assim que “toda época e cultura têm suas formas narrativas”. Buscando a cumplicidade do espectador, Martins (2007, p.3) afirma que, assim, as narrativas audiovisuais se utilizam da linguagem e de fatos que ocorrem na sociedade para criar “vínculos”. Para Wolton (2006, p.281) nesse vínculo, troca ou comunicação realizado entre as narrativas e o telespectador por meio da televisão é “preciso que haja identidade construída, uma vontade de intercâmbio, uma interação, uma linguagem e valores comuns”. O autor conclui que a televisão age como um portal de conexão social participativo à distância, que o autor chama de “laço social”, onde o telespectador ao ver televisão soma-se a uma multidão de anônimos que veem simultaneamente, estabelecendo uma espécie de “laço invisível” (WOLTON, 2006, p. 124).

Na atualidade a televisão transmite ao espectador narrativas que são próximas ao “real verdadeiro”, conforme Figueiredo (2010), baseadas na realidade, que aconteceram ou que podem acontecer com ele, fazendo com que se identifique com a TV, porque essa exhibe o que este deseja assistir. Ao representar a vida do espectador com a maior similaridade possível, as narrativas audiovisuais alteram o relacionamento com o público ao tentar convence-lo das “realidades” que retrata. Segundo Piccinin (2016, p.14) na disputa com outras narrativas, a que conquista o público é que mais retratá-lo de forma “verdadeira”. As narrativas atuais buscam se aproximar dos relatos e desses com o espectador porque estão comprometidas em representar uma realidade “autêntica”, que nesse caso, apresentasse na

humanização e igualdade entre narrador e narratário.

3.4 AUTORES DAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS, ABORDAM O RELACIONAMENTO ENTRE ESPECTADOR E NARRATIVAS

Ao falar sobre suas inspirações na hora de compor suas histórias, Aguinaldo Silva, autor da telenovela *Senhora do Destino* que é uma das narrativas a serem analisadas nesse trabalho, cita que entre suas fontes estão jornais e revistas:

Leio três jornais por dia e todas as revistas semanais. Estou sempre tirando do noticiário histórias que, eventualmente poderei vir a utilizar. Também tiro do cotidiano, trechos de conversas que escuto no supermercado ou em qualquer outro lugar. Minha fonte de inspiração é sempre a vida (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 1, p.39).

Para criar a narrativa do casal Eleonora¹⁰ e Jenifer o autor Aginaldo Silva contou com quatro colaboradores, entre eles o desembargador Siro Darlane e duas pesquisadoras. Conforme Memória Globo: “Uma pesquisadora se encarregou dos assuntos gerais e outra só dos temas jurídicos, porque não podemos cometer erros em uma novela”. Sobre o impacto causado no comportamento do espectador Aginaldo Silva diz que a “contemporaneidade” e “agilidade” dos brasileiros são frutos das narrativas audiovisuais. “A TV brasileira é muito boa e influente. Não sei se isso é bom, sempre tive essa dúvida, mas o fato é que é assim”. Além disso, para ele as narrativas refletem “comportamentos já existentes, [...] nós autores somos pessoas curiosas e antenadas. Mas ao mesmo tempo em que a novela tem que ser média, também deve lançar novas questões, apresentar novidades ao público” (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 1, p.73-81).

Assim como Aginaldo Silva, Manoel Carlos, autor de *Páginas da Vida*, busca suas inspirações jornais e revistas, foi assim com a trama principal de *Laços de Família*, ao encontrar a notícia de uma mãe americana que engravidava do marido novamente, para salvar a filha com leucemia nos anos 1990. “Primeiro, tenho a trama central. Vou juntando as tramas paralelas aos poucos, muito inspirado por notícias de jornais ou revistas” (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 2, p.67). Com relação a relacionar melodrama e realismo Carlos observa que sua intenção é sempre relatar uma história real, mas essa nunca é totalmente realista:

¹⁰ Eleonora encontra bebê numa lixeira e o adota com Jenifer. Disponível em: <<https://www.virgula.com.br/famosos/eleonora-encontra-bebe-numa-lixreira-e-o-adota-com-jenifer/>>.

[...] procuro pegar um dado real e confrontá-lo com a fantasia, ficcionando essa realidade para que a história não seja apresentada de maneira tão crua. Meu trabalho, portanto, está entre o romântico e o realista. Digamos que faço ou tento fazer um realismo poético (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 2, p.102-103).

Manuel Carlos reitera que a reação do público, ou seja, como o espectador se sente em relação as suas narrativas é importante para ele, que acaba se transformando em um pesquisador de suas novelas:

Todos os dias, ando pelo Leblon – conheço todo mundo, moro há quase 30 anos no bairro – converso com o homem da banca de jornais, com o sujeito que vende pipoca. Vou a todas as livrarias, paro na sorveteria, na padaria, falo com o caixa do banco, com o entregador da farmácia. Assim, vou tirando a temperatura das coisas (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 2, p.69).

Walcyr Carrasco de *Amor à Vida* defende que é necessário saber entender sobre o que o telespectador está falando: “Um autor é uma figura pública, quer dizer, eu vou ao shopping, à banca de jornal e as pessoas conversam comigo, têm sempre um palpite sobre a novela. Você precisa entender o que o público está dizendo”. Ainda em relação ao público Walcyr Carrasco afirma que a novela, através de suas narrativas conseguiu “algo muito especial, que é refletir os valores do povo brasileiro, suas formas de ver a vida, seus sentimentos sobre assuntos importantes, como justiça, espiritualidade e amor” (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 2, p.379-381).

Miguel Falabella, autor do seriado *Pé na Cova*, também pesquisa e busca suas ideias, junto ao público e até mesmo traz as vivências do lugar onde cresceu para suas histórias:

Eu converso com todo mundo porque sei que dessas conversas, vai sair alguma coisa. Escuto casos inacreditáveis. As pessoas têm histórias maravilhosas, só não são ouvidas, quando alguém para e ouve, geralmente colhe alguma coisa boa (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 2, p.203-206).

Por fim, O diretor Roberto Berliner de *Histórias de Adoção*¹¹, usou a formação da própria família para um dos episódios da série documental. De acordo com ele, ao tratar sobre documentário e adoção, a série uniu suas vidas pessoal e profissional.

¹¹ Nova série do GNT falará sobre adoção Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/nova-serie-do-gnt-falara-sobre-adocao-18817850>>.

3.5 A HOMOSSEXUALIDADE

Ao falar sobre a homossexualidade Giddens (1993) cita os trabalhos de Alfred Kinsey que chocaram os americanos nos anos 40 e 50, ao apontar comportamentos homossexuais ao longo da vida em 48% da população. Desses 48%, 18% dos homens eram exclusivamente homossexuais ou convictamente bissexuais, das mulheres 2% eram exclusivamente homossexuais e 13% tiveram envolvimento em alguma forma de atividade homossexual, e outros 15%, manifestaram desejos homossexuais, sem a prática do ato. Apenas metade da população americana, ou seja, 50% eram exclusivamente heterossexuais.

De acordo com Giddens (1993, p.23) na época em que foram lançados os livros de Kinsey, a homossexualidade ainda constava nos livros de literatura clínica como uma patologia, um tipo de distúrbio psicosssexual, mas Freud, desde 1935 não relacionava a homossexualidade com atos sexuais perversos, como zoofilia, fetichismo, coprofilia e exibicionismo. E para o autor, os atos perversos eram uma estrutura psíquica que poderia ser cometida por ambos os sexos, sendo homossexuais ou não. O autor também defendia que o homossexual não deveria envergonhar-se de sua homossexualidade, nem considerá-la como um vício ou desonra e muito menos como uma doença, pois se trata de uma “variação da função sexual provocada por uma interrupção do desenvolvimento sexual”.

Por esse motivo, Roudinesco (2003) defende que seria injusto e cruel classificar a homossexualidade como um crime e, ainda, impossível redesignar a sexualidade de alguém. Conforme Giddens (1993, p.23) com a revolução sexual e o movimento pelos direitos civis em 1960, ocorreu o florescimento da homossexualidade masculina e feminina e com isso a sexualidade pode ser discutida abertamente. O termo gay deu uma nova face pública para a homossexualidade, trazendo uma referência a sexualidade, quase como uma identidade. E, apesar de ainda ser vista como “perversão” (palavra que caiu em desuso do vocabulário psiquiátrico mundial em 1987), por muitos heterossexuais, a homossexualidade não faz mais parte da psiquiatria clínica, porque conforme Roudinesco (2003, p.86), foi retirada da lista de “desordens mentais”, antes denominada doenças mentais, após a *American Psychiatric Association* (APA) acatar as demandas dos movimentos gays e lésbicos, em 1974.

3.6 HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL

As lutas dos movimentos LGBT na sociedade brasileira, intitulada primeiramente como movimento homossexual, iniciaram-se no fim dos anos 70. A expressão movimento homossexual é definida como:

O conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento (FACCHINI, 2003, p.84).

Facchini (2003) nomeia e classifica em três ondas, o percurso do movimento LGBT no Brasil. Na primeira onda, entre final da década de 70 e metade de 80, se deu a origem e expansão do movimento, onde ocorreu a abertura política e as iniciativas, marcadas por cunho antiautoritário e comunitarista pelo seu ideal de transformação social, foram enquadradas nos movimentos alternativos ou libertários, ficaram concentradas em São Paulo e Rio de Janeiro. Foi nessa primeira precisamente em 1978, que se destacou o primeiro grupo com reconhecimento bibliográfico que defendia a politização da questão da homossexualidade, o SOMOS, de São Paulo. O estilo de militância da organização se tornou um modelo, tanto para outras organizações, como para os pesquisadores do tema.

A segunda onda ocorrida entre meados de 80 e início de 90, foi profundamente afetada pela epidemia do HIV/AIDS, que marcou a vida de homossexuais a nível mundial, e causou a reconfiguração do movimento brasileiro. Houve o desaparecimento de muitas organizações nessa época e outras assumiram a defesa e criação de campanhas de prevenção ao HIV/AIDS e o acolhimento de pessoas soropositivas.

Segundo Coacci (2015, p.58): “As formas como os homossexuais se relacionavam foram reconfiguradas, em função do HIV/AIDS, de um modelo mais fluído, [...] tornam-se mais comuns modelos de casais estáveis e monogâmicos”. Grossi (2003) defende que além de ser a forma encontrada pelos homossexuais para prevenir a contaminação, essa reconfiguração da maneira de se relacionar favoreceu na fomentação de processos judiciais pelo reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, na colocação de Coacci (2015), esse reconhecimento seria uma garantia patrimonial e de renda para os casais.

Considerada por Facchini (2003) como o reflorescimento do movimento homossexual, a terceira onda iniciou nos anos 1990, trazendo consigo a ampliação do movimento e as causas por que lutavam, assim como aumentaram, o número das organizações na luta pelas causas LGBTs, as tratativas com o Estado e o mercado. De acordo com os dados trazidos por Simoes e Facchini (2009), seis grupos participaram do III Encontro Brasileiro de Homossexuais, realizado em 1989. Já o VII encontro realizado em 1993 contou com 21 organizações participantes. A criação do Projeto Aids I, financiamento público do Estado, para o tratamento HIV/AIDS, fez com que essas organizações competissem e buscassem a capacitação profissional.

Segundo Machado (2007), um expressivo aumento das organizações, a ampliação e o surgimento das paradas do orgulho gay, que ocorreram primeiramente em São Paulo, ganhando logo depois cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, marcaram esse período. De acordo com Simoes e Facchini (2009) o aumento das paradas LGBT trouxe um número cada vez maior de simpatizantes e defensores da causa. Milhares de pessoas participaram das primeiras paradas de São Paulo em 1997 e 1998. Em 2001, na quinta parada, o número de participantes chegou a impressionante marca de 250 mil pessoas. Conforme Coacci (2015) de maneira inédita as paradas trouxeram visibilidade à luta pelas causas dos homossexuais. Durante os anos 1990 foram criados setoriais LGBT no PT e no PSTU; a partir dos anos 2000, em outros partidos, como o PSDB.

O movimento homossexual alinou-se ao Estado, aos partidos políticos e incitou a criação de propostas legislativas em defesa da causa. De acordo com Coacci (2015), apesar de não existir indícios de uma quarta onda do movimento homossexual nas referências bibliográficas, mudanças significativas ocorreram desde que a terceira onda teve início, não só no movimento, mas também, no Estado, nas pesquisas de sexualidade e nos direitos sexuais dos LGBTs.

3.7 A FAMÍLIA HOMOPARENTAL

Segundo Roudinesco (2003, p.72-73) a homoparentalidade é uma das derivações inversas do termo “parentalidade”, utilizado primeiro na Inglaterra para definir o poder do pai sobre a família. Além dela, são utilizadas para definir as famílias as terminologias “co-parentalidade”, “recompostas”, “biparentais”, “multiparentais”, “pluriparentais” ou “monoparentais”. Complexa e composta por

processos psicoafetivos que transformam a identidade envolvendo níveis conscientes e inconscientes, conforme Houzel (2006) e Ogaki (2019) na parentalidade tanto o pai, quanto a mãe não devem ser apenas assim designados ou serem somente os genitores, necessitam tornarem-se pais. Depois desse processo, a parentalidade divide-se em três núcleos que a compõem: o Exercício da parentalidade, a Experiência da parentalidade e a Prática da parentalidade.

O primeiro núcleo, geralmente aplicado na antropologia e no direito, corresponde às questões judiciais que compõem a sociedade, como filiação e reconhecimento. Essas questões se transformam, podendo estar associadas aos vínculos biológicos ou não e também, em laços sociais ou definidos por lei, como acontece nos casos de adoções. O segundo núcleo, alvo de estudos da psicologia, está relacionado com a experiência subjetiva consciente e inconsciente de ser pai”, compõem ele o afeto pela criança e as transformações psicológicas que acontecem no descobrir-se e tornar-se pai, comuns ao processo de parentificação. O último núcleo, também estudado pela psicologia, trata sobre o que ocorre após tornar-se pai, são os direitos, deveres e ações que os pais assumem em relação ao desenvolvimento dos filhos, não só os cuidados físicos como psicológicos.

Segundo Roudinesco (2003) a homoparentalidade foi vista como uma drástica inovação nas formas de procriar dos anos 70 e representou um movimento duplo de transgressão e normalização. O termo de origem francesa foi criado em 1996 pela APGL (Associação dos Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicos). De acordo com Grossi, Mello e Uziel (2006) a expressão também, utilizada no Brasil que não possui uma terminologia própria e de consenso social para se referir à questão da filiação e da parentalidade homoerótica causou o enfraquecimento do princípio da diferença sexual no qual se baseava o conceito de família, ao mesmo tempo, que alimentava o desejo de a homoparentalidade ser um dos modelos de família.

Conforme Roudinesco (2003) homossexuais homens e mulheres ocidentais renunciaram pela primeira vez a utilização do sexo como meio de conceber filhos. Tal ato foi possível por meio dos progressos da inseminação artificial que propunha a intervenção médica como alternativa substituta das relações sexuais. A prática foi ganhando forças aos poucos até 1975, quando a luta pela descriminalização da homossexualidade foi abraçada por um vasto movimento de emancipação dos negros e das minorias “étnicas”.

Mesmo sendo empregada para definir um grupo variado pais/mães que se revelam homossexuais, homossexuais que decidem ser pais/mães, casais, pessoas solteiras, a homoparentalidade necessita de uma definição mais abrangente, pois aparenta referir-se apenas à homossexualidade paterna. Os estudos envolvendo a homoparentalidade podem ser perigosos por destacarem aquilo que necessitamos refutar, a idéia de que há algo de específico no exercício parental, marcado pela orientação sexual dos pais. Em contrapartida, prosseguir com uso da expressão pode evidenciar politicamente o tema (GROSSI; MELLO; UZIEL, 2006).

Seguindo os passos da *American Psychiatric Association* (APA), em 1975, a Associação Americana de Psicologia orientou que psicólogos deixassem seus preconceitos homófobos de lado e iniciassem os estudos de campo tendo as famílias homoparentais como objeto central. Por intermédio dessas pesquisas gays e lésbicas pretenderam demonstrar que eram bons pais e que os filhos por eles adotados, fecundados de forma artificial ou provenientes de recomposições familiares tinham comportamento semelhante àqueles criados pelas famílias “heterossexuais” (ROUDINESCO, 2003, p.87).

Costa (2017) fez essa análise partindo do *amici curiae* do *Defense of Marriage Act* Lei de Defesa do Casamento, conhecido pela sigla DOMA, é uma lei federal dos Estados Unidos da América, cuja Seção 3, a qual restringia a definição de casamento somente à união entre um homem e uma mulher, proposto pelas principais associações psicológicas, psiquiátricas, médicas e de profissionais do serviço social americanas. Ao tratar sobre criação de filhos o autor informou que no Censo de 2010 nos Estados Unidos o número de residências chefiadas por casais do mesmo sexo e com filhos menores de 18 anos era de 111.033. Já em Nova Iorque, entre os mais de 45 mil casais do mesmo sexo que eram chefes de família, 8.025 tinham filhos menores de 18 anos morando em casa. O número de pais gays e mães lésbicas pode ser consideravelmente maior que os apresentados no Censo.

Ressalta ainda que em relação ao ajustamento das crianças, que seriam as qualidades necessárias para adaptarem-se e relacionarem-se bem socialmente, o autor ressalta que não está vinculado com a orientação sexual ou gênero dos pais. Para esse ajustamento, ele destaca que três fatores são os mais importantes: a) a qualidade da relação pais-filhos; b) a qualidade da relação entre o adulto significativo (por exemplo, os pais) na vida da criança ou adolescente; e c) disponibilidade de recursos económicos entre outros. Costa (2017) destaca ainda que crianças criadas

sob: orientação; definição de limites; confiabilidade; amor e afeto; além de demonstrarem um ajustamento positivo, têm mais chances de progredir em suas vidas e isso se aplica, também, aos filhos de casais do mesmo sexo. Costa (2017) pondera, também, que o bom relacionamento entre os pais contribui significativamente para o ajustamento e progresso dos filhos.

De acordo com Giddens (1993) em 1980 a expressão co-habitação foi usada para definir relacionamentos homossexuais duradouros, mas conforme Grossi, Mello e Uziel (2006) somente em meados dos anos 1990 que a temática da conjugabilidade entre pessoas do mesmo sexo passou a ser objeto central de estudos, tendo como destaque os de Jurandir Freire Costa e Maria Luiza Heilborn.

Ainda segundo Grossi, Mello e Uziel (2006) após a grande repercussão causada pelo Projeto de Lei nº 1.151/95, que institui a união civil entre pessoas do mesmo sexo, de autoria da então deputada Marta Suplicy as discussões em torno da conjugalidade homossexual passaram a ter grande projeção em programas de televisão, matérias de jornais e revistas, pronunciamentos de políticos, discursos de líderes religiosos e ativistas LGBT, abaixo-assinados pró e contra, novelas, conversas em família, discussões em mesa de bar e debates acadêmicos, trazendo visibilidade social para homossexuais e para a ideologia da “família homossexual” na busca por seu lugar nas lutas de poder no que concerne a conjugabilidade e parentalidade.

Ao tratar sobre a relação entre conjugabilidade e parentalidade Tarnovski (2002) afirma que pela reincidência em suas ideologias individualistas, a separação entre casal conjugal e casal parental consente novos meios para gerenciar relações familiares. Segundo o autor no que diz respeito à criança, a consequência dessa separação é uma maior estabilidade dos postos de “pai e mãe”:

Tal quadro não é específico dos arranjos de co-parentalidade por adoção, posto que também pode ser encontrado entre as famílias recompostas. A diferença reside no fato de que entre os primeiros tal separação se lhes é constitutiva, ao passo que entre as últimas parte-se de uma situação inicial na qual a parentalidade resulta da conjugalidade (TARNOVSKI, 2002, p.64-65).

Com a impossibilidade biológica da gestação de filhos por dois homens, a composição desse tipo de família de acordo com Uziel (2002) pode ocorrer de formas variadas. Por meio de uma família recomposta, após o término da relação heterossexual e o envolvimento de um dos pais com uma pessoa do mesmo sexo

que passa a assumir a criação do filho (a) formando uma coparentalidade. Com a inseminação artificial, onde são utilizados o sêmen de um dos pais, a doação de um óvulo e uma barriga solidária, esse método é normalmente adotado por casais de homens. Por intermédio da adoção, onde o filho (a) adotado(a) pode ter o registro no nome de um ou dos dois pais. Convém destacar conforme os autores Patterson e Tornello (2010 citado por UZIEL, 2002) e Ogaki, 2019 que a adoção conjunta por casais do mesmo sexo é recente, pois anteriormente, a criança só poderia ser registrada por um dos pais. Uma outra alternativa é a parentalidade compartilhada por casais de homens e de mulheres, sem que haja relação afetiva ou sexual. Ocorre quando um dos membros do casal gay tem um filho (a) com um dos membros do casal Lésbico e a criação é mantida pelos dois casais.

Machin (2016) refere que no caso da adoção, há uma diferença na preferência entre gays e lésbicas. Nos resultados empíricos, obtidos nos recortes provenientes de entrevistas com 12 casais do mesmo sexo (9 de homens e 3 de mulheres), realizadas em São Paulo, entre 2011 e 2012, incluindo casais com projeto de adoção (nove ao todo – em elaboração ou já submetidos à justiça) e aqueles que já tinham adotado (dois casais gays e um de lésbicas) constatou que enquanto nos casais formados por mulheres a busca de crianças recém-nascidas é predominante, pois há um desejo de vivenciar o cuidado de bebês. Nos casais formados por homens destaca-se a adoção tardia, de crianças mais velhas, assim não são necessárias cuidadoras, proporcionando maior independência ao casal.

Segundo Rodriguez e Gomes (2012) a família tradicional esta inserida como um modelo único no entendimento social, resultando na resistência em aceitar completamente as novas composições familiares. Em consequência disso, novos arranjos como a família homoparental, ao assumir o posto de minoria, acabam por levantar questionamentos e incertezas a respeito do conceito do que é ser família e das necessidades de uma criança nesse núcleo social. Entre as questões levantadas pela sociedade ao debater sobre a homoparentalidade, está falta da presença maternal nos casais formados homens, pois caberia a mãe a educação e cuidado dos filhos. E nos casais compostos por mulheres a figura paternal, porque seria responsabilidade do pai o provimento do lar e rigidez na educação dos filhos. Como resposta a essas interrogações, especialistas do estudo da parentalidade enfatizam que os cuidados e a qualidade do relacionamento entre pais e filhos são demarcadores do bom relacionamento familiar e não da orientação sexual dos pais.

Nas inúmeras perspectivas de se experienciar a parentalidade, existe o conceito de que a conexão parental está relacionada, independente de laços sanguíneos, com a filiação psíquica, que é resultado do vínculo psíquico entre pais e filhos e classificada como indispensável na relação familiar. Em diferentes formas de parentalidade, como por exemplo, na homoparentalidade, a filiação psíquica é caracterizada pela sensação de pertencer e descender entre os membros da família (RODRIGUEZ; GOMES, 2012). No entender de Bordieu (1996) a busca de casais do mesmo sexo pela composição de um novo ideal de família está relacionada à concepção de pertencer a um hábito social. Esse desejo pela constituição da família, o uso da família como agente normalizador, está interligado com a vantagem que classifica como lucro simbólico da normalidade, que seria a pressão imposta pela sociedade ao indivíduo para se adequar a uma ordem familiar naturalmente reconhecida, histórica e universal.

Conforme Rodriguez e Gomes (2012) essa nova constituição familiar reestrutura traços tradicionalmente aceitos, aliando-os a inovação. No momento em que a homoparentalidade vai conquistando amparo legal e judicial, ela obtém destaque, impulsionando assim discussões sociais e estudos científicos e clínicos.

3.8 A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA, O ESTADO E A ADOÇÃO

Para La Falce (2017) o instituto da adoção sofreu profundas modificações que não seguiram uma linearidade ao longo do tempo. Trata-se de um processo histórico que envolve diversas alterações, nos modos de transmissão de bens, e, sobretudo, novas concepções da criança e do papel do Estado na vida privada. Em 1804 a adoção de filhos maiores por casais sem descendentes passou a constar no Código Civil, as condições para isso eram que os adotantes tivessem no mínimo 50 anos e fossem 15 anos mais velhos que o adotado. O contato do adotado com a família originária não era proibido nessa primeira fase.

A adoção de crianças menores começou a ser praticada no período entre guerras em 1923, quando os países europeus tentavam se reestruturar após a devastação causada pela Primeira Guerra Mundial. Roudinesco (2003) destaca que em 1939, ocorreu a votação de um decreto-lei onde se estabeleceu o rompimento dos laços entre a família adotante e a família originária. Mesmo com todas essas

mudanças, o adotado só obteve os mesmos direitos de um filho legítimo, sendo visto como tal, com a execução do princípio da adoção dita “plena”, em 1966. A adoção de um filho por apenas uma pessoa ocorreu trinta anos depois, com a Convenção de Haia.

Segundo La Falce (2017) é possível constatar que, historicamente, antes do século XX, a adoção foi a maneira encontrada para se transmitir os bens e dar continuidade ao nome da família. Não havia a preocupação de uma legalidade do procedimento, sendo muito comum a existência dos chamados “filhos de criação” nas famílias. Promovendo o discurso de garantia do bem-estar das crianças e das famílias, o Estado passou a interceder na vida familiar no início do século (Abreu, 2002). Ao abordar as transformações causadas pela intervenção estatal na vida particular das famílias Fonseca (2002, p.119) esclarece:

Simultaneamente, a nova ciência psicológica consolidou a noção “moderna” de infância enquanto fase crucial para o desenvolvimento da personalidade adulta, necessitando de orientação especializada. Acrescentou, assim, uma justificação “científica” à moral para esta ampliação do âmbito do poder público.

Sobre como dá essa intervenção realizada pelo Estado no campo da adoção Machin (2016, p.354) afirma que ela é “mediada por instituições, operadores do direito (advogados, juízes), assistentes sociais e psicólogos jurídicos, que analisam e decidem a qualificação de casais ou pessoas solteiras para a adoção”. La Falce (2017, p.54) afirma que essa maneira de intervir do poder público sobre a infância faz parte do processo de “mudança e de construção de crianças e adolescentes como ‘sujeitos de direitos’”. Pertencente as intituladas matrizes de intervenção, com início nos anos 1980 e nomeada por Schuch como a matriz dos direitos, essa intervenção se insere numa rede mais ampla de garantias de direitos, e que, de acordo com o Art. 4 do ECA, tem como integrantes a família, a comunidade, a sociedade em geral, e o poder público o instituto da adoção passou de altamente privado a quase totalmente controlado, visando à proteção da criança. De acordo com a lei o interesse dos adotantes, a questão política social (menor abandonado) não são fundamentais, mas sim o direito de crianças e adolescentes à convivência familiar, com base na proteção integral e no melhor interesse garantidos.

3.9 A PRIMEIRA ADOÇÃO REALIZADA POR CASAL DO MESMO SEXO NO BRASIL

A primeira decisão judicial favorável à adoção por casal de mesmo sexo, presentes nos casos bases na introdução desse trabalho, ocorreu em Catanduva, São Paulo, em 2006. Vasco Pedro da Gama e Júnior de Carvalho viviam em união estável há 14 anos e buscavam a inserção no cadastro de pessoas habilitadas a adoção desde 1998, quando tiveram o pedido negado, conseguiram a permissão do Magistrado Júlio César Spoladore Domingos em 2004. Theodora foi adotada primeiro por Gama, em dezembro 2005, depois ambos entraram com o processo para o reconhecimento de paternidade de Carvalho. A sentença que concedeu a adoção conjunta foi proferida pela Magistrada Sueli Juarez Alonso, em Catanduva, no dia 30 de outubro de 2006 e priorizou o bem estar da menor:

O requerente, por seu turno, vive com V. há mais de 14 anos, dedica-se aos cuidados de T., **trata-a como filha e pretende adotá-la para dar a ela mais segurança, além de afetiva, também econômica, pois legalmente será sua dependente e terá direitos sucessórios.** Tudo que o requerente pretende é criar também um vínculo jurídico, assumir também a responsabilidade decorrente da paternidade, já que a menor vem sendo criada por ambos e reconhece-os como pais. De todo o exposto, **visando atender ao comando constitucional proteção integral a crianças e adolescentes, defiro o pedido** (BRASIL, 2006 [Online]. (grifo nosso)

Como a Promotoria não recorreu à sentença, a certidão de Theodora com o nome de Vasco Pedro da Gama e Júnior de Carvalho como seus pais foi emitida em 21 de novembro de 2006.

3.10 UM OLHAR CRÍTICO À EXPRESSÃO “HOMOAFETIVIDADE”

No texto dessa dissertação foi adotada a terminologia casais de pessoas do mesmo sexo ou alguma variação, como por exemplo, casais do mesmo sexo ao invés de casais homoafetivos. Sobre o uso da homoafetividade, Costa e Nardi (2015) embasados pela análise crítica do discurso desenvolvida como análise do discurso por Foucault (1969 citado por COSTA; NARDI, 2015) em Arqueologia do saber e transformada em método por Phillips e Jørgensen (2002 citado por COSTA; NARDI, 2015), questionam o uso do afeto, por meio do termo homoafetividade, para

justificar as uniões (e agora casamentos) de pessoas do mesmo sexo.

De acordo com Costa e Nardi (2015) a terminologia homoafetividade utilizada, aparentemente, apenas em solo brasileiro e concebida pela jurista Maria Berenice Dias para fundamentar afirmações como: “não é possível falar em homossexualidade, sem falar em afeto” e “as uniões de pessoas do mesmo sexo, nada mais são do que vínculos de afetividade” (DIAS, 2000, p.1-26), não é apenas empregada por Juízes e ministros do STF em documentos oficiais, mas também, por uma parte movimentos homossexuais, baseados pelos ideais de amor e afeto. Os autores acima citados argumentaram que enquanto o casamento civil e a união estável entre pessoas de sexos opostos é sobretudo um contrato, o afeto (mais tarde aplicado às outras composições familiares) como argumento positivo foi utilizado como justificativa adicional para legitimar socialmente a união de pessoas do mesmo sexo. Há ainda uma polarização no movimento homossexual sobre a legitimação da união entre pessoas do mesmo sexo. Uma parte do movimento é contrária a oficialização do casamento com base no modelo heterossexual e defende a criação de outras formas de relacionamentos. Já a outra parte busca, incessantemente, a legalização dos mesmos direitos oferecidos a heterossexuais, como a concretização do casamento. Segundo Mello (2006) ao transgredir as normas socialmente aceitas, os homossexuais estão construindo os direitos sexuais, partindo do princípio de que ser igual, não é ser idêntico, mas tem a mesma valorização.

Costa e Nardi (2015, p.140) explicam que no texto jurídico do “princípio da afetividade do Código Civil Brasileiro e da Constituição” e na própria definição do que é uma família, o direito homoafetivo procura encontrar a sua razão no “afeto”. Entre os argumentos que contrariam o uso da expressão homoafetividade utilizados pelos autores está o conceito de que a aplicação do termo evidencia que o casamento entre pessoas do mesmo sexo ainda não é aceito socialmente e por esse motivo, se recorrem a terminologias que amenizem, o que no caso, não ocorre já que não há uma redução do preconceito.

Para Rios (2014) a homoafetividade está envolta por uma perspectiva heteronormativa que simultaneamente está tomada por conservadorismo e discriminação. No conservadorismo, a liberdade, igualdade e não discriminação estão atreladas ao método assimilacionista do grupo dominante, no

caso a heterossexualidade. E na discriminação pela diferença subentendida entre a heterossexualidade naturalmente aceita e a homossexualidade assimilável e tolerada, desde que comedida.

Costa e Nardi (2015) também destacaram que nas reformas da Constituição e do Código Civil, com o surgimento da união estável, não houve a exigência do termo heteroafetividade para qualificar essa forma de relacionamento, o que se usa socialmente como oposição da homoafetividade é a heterossexualidade. E que ao exigir o uso do amor romântico para justificar o reconhecimento legal das uniões de pessoas do mesmo sexo, pelos LGBTs, causou a criação da terminologia homoafetividade.

Rios (2014, p.89) afirma que usar o afeto como forma de reconhecer as relações entre pessoas do mesmo sexo é ceder a dominação imposta pelas normas heterossexuais que propõem a “aceitação” da homossexualidade sem interpelar os padrões sexuais e a “normalidade” da heterossexualidade:

A “afetividade” acaba funcionando como justificativa para a aceitação de dissonâncias à norma heterossexual, servindo como um mecanismo de anulação, por compensação, de práticas e preferências sexuais “heterodoxas”, cujo desvalor fica contrabalanceado pela “pureza dos sentimentos”.

Para finalizar Costa e Nardi (2015), defendem que pelo fato do Estado ser uma instituição pública, laica, formal, universal e abstrata que trata de interesses individualmente, sem ser definida por eles, não deve usar o afeto como justificativa em suas leis ou indicar modelos de relacionamento, mas sim basear suas justificativas sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo no princípio elementar do direito sem relacioná-lo a sentimentos.

3.11 ESTUDOS SOBRE A HOMOPARENTALIDADE EM NARRATIVAS AUDIOVISUAIS

De acordo com Silva (2015) o primeiro estudo a abordar a presença de personagens LGBTs em telenovelas foi o de William Caldas Trevizani, em 2002 e teve por objetivo compreender por meio de pesquisa descritiva como a novela *Roda da Vida* (2001), apresentada pela Rede Record quase não utilizava conceitos científicos para desenvolver a homossexualidade do personagem Ronaldo (Ernando

Tiago), estudante de classe média, que não revela a sexualidade por medo de rejeição.

Como esse trabalho pretende analisar por meio da etnografia de tela, como se dá a representação da adoção de crianças por casais do mesmo sexo em diferentes narrativas audiovisuais, optou-se por fazer um recorte e, tratar a partir de agora, sobre estudos que também abordaram as narrativas a serem analisadas nessa dissertação. Entre os trabalhos que abordam as narrativas que serão analisadas estão: duas dissertações, uma tese, uma monografia e um artigo.

Na monografia de Jandira Queiroz, do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília, de 2005, intitulada:

Rumo ao final do arco-íris: o que mudou no discurso sobre personagens homossexuais na grande mídia de entretenimento na última década – e por quê? Um estudo sobre as novelas *A Próxima Vítima*, *Torre de Babel*, *Senhora do Destino* e o reality show *Big Brother Brasil 5* (QUEIROZ, 2005, p.iv) (grifo do autor).

A autora propôs uma discussão sobre como a mídia impressa brasileira tratou sobre a exposição de personagens LGBTs na televisão, no período de 1995 a 2005 e a suposta mudança em seu discurso sobre esses personagens. A pesquisa teve como objetos de estudo os casais homossexuais da novela: *A Próxima Vítima* (1995), *Torre de Babel* (1998), comparando matérias da época com as matérias sobre personagens homossexuais de *Senhora do Destino* (2004/2005) e também discursos sobre o personagem Jean Wyllys, do *Big Brother Brasil 5* (2005). Para a análise, além de autores que versam sobre a temática, a autora utilizou textos on-line dos jornais *Correio Braziliense* e *Folha de S. Paulo* sobre a temática homossexual. Em relação à homoparentalidade e adoção presentes na telenovela *Senhora do Destino*, Queiroz (2005, p.4) afirma que o tema promoveu o “debate acerca das relações homossexuais na sociedade brasileira, acirrando debates sobre adoção de crianças por casais homossexuais, a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo e sobre homofobia [...]”.

A autora concluiu e destacou que o fator socioeconômico foi decisivo na mudança do discurso da mídia impressa e televisiva e que essa mudança alterou também o comportamento social integralmente. A autora defendeu também que a inclusão do público LGBT na sociedade por parte de seu poder aquisitivo pode ser

tanto positiva, quanto nociva na afirmação homossexual, apesar desse processo estar em desenvolvimento.

A novela *Senhora do Destino* (2004) aparece novamente, mas agora, como tema central da dissertação de pós-graduação em comunicação da Universidade de Brasília, de Silvana Del Valle Gomide de 2006, que recebeu por título: Representações de identidades lésbicas na telenovela *Senhora do Destino*. A pesquisa foi dividida em seis capítulos, no primeiro a autora apresenta o trajeto dos movimentos LGBTs no Brasil e estabelece um padrão aprofundado da identidade lésbica pela perspectiva *queer*.

A teoria e metodologia são abordadas no segundo capítulo. O objetivo do estudo foi, por meio de análise de conteúdo, confrontar as cenas das personagens lésbicas com a perspectiva dos membros de uma comunidade do site de relacionamentos Orkut, o grupo *Eleonora & Jenifer*, onde mulheres homossexuais debatiam online as cenas das personagens, interpretadas por Bárbara Borges e Mylla Christie. Com os dados colhidos, a autora estabeleceu categorias sobre os temas para análise do texto e recepção.

No terceiro capítulo foi desenvolvido o contexto da telenovela. As cenas da novela foram analisadas no quarto capítulo e no quinto as opiniões dos membros da comunidade. Entre os pareceres destacaram-se dois pontos: o receio das integrantes do grupo virtual de que as personagens Eleonora e Jenifer fossem descontinuadas, como ocorreu com o casal lésbico de *Torre de Babel* (1998) e a percepção de que a rotina de socialização da criança adotada pelas personagens foi negativa por reduzir a cenas de afeto do casal.

Como conclusão Gomide destacou que apesar da telenovela *Senhora do Destino* mostrar personagens LGBTs de forma discriminatória, também apresentou um avanço na forma de representar o romance lésbico nas telenovelas.

A novela *Senhora do Destino* também foi tema central da tese de pós-graduação em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de Lenise Santana Borges de 2008, que recebeu o título de: Repertórios sobre lesbianidade na novela *Senhora do Destino*: possibilidades de legitimação e de transgressão.

Como justificativa pela escolha do tema Borges (2008, p.8) defendeu que:

Diferentemente de suas antecessoras, a novela *Senhora do Destino* abordou o tema de forma direta e contínua, ampliando os sentidos

atribuídos à lesbianidade, em função da variabilidade dos repertórios e dos posicionamentos apresentados pelas personagens.

A autora dividiu a tese em sete capítulos. No primeiro, foram apresentadas a teoria e epistemologia. No segundo, reconstituídas a homossexualidade e a categoria de lesbianidade. No terceiro foram incluídas as abordagens de homossexualidade e lesbianidade em telenovelas. Na metodologia trazida pelo quarto capítulo foram destacadas as novelas de *Vale Tudo* (1988), *Torre de Babel* (1998) e *Mulheres Apaixonadas* (2003) que também trouxeram a temática lésbica em suas histórias. Borges (2008, p.72) por sua vez destacou a opção por *Senhora do Destino*, porque na trama,

o foco deixa de recair somente sobre a orientação sexual das personagens e passa a incidir também sobre outros aspectos da sociabilidade, como a relação com a família, o trabalho e as amizades, estratégia que visa conferir maior legitimidade ao assunto.

Em seu estudo, como forma de contextualizar a narrativa a autora utilizou dados do IBOPE e também de reportagens. A análise foi composta por duas etapas, na primeira foram estudadas as cenas do primeiro encontro das personagens até a primeira relação sexual e na segunda as cenas em que elas passaram a dividir o mesmo lar. No sétimo capítulo a autora apresentou os resultados da análise, onde avaliou que a trama exibiu uma transgressão “normalizada”.

Mesmo seguindo por caminhos diferentes para realizar a análise sobre a mesma telenovela, os resultados obtidos por Borges (2008) e Gomide (2006) são equivalentes.

Em seu artigo, nomeado como: O direito à homoparentalidade em duas novelas da TV Globo: relendo os casais de lésbicas e de gays em *Senhora do Destino* e *Páginas da Vida*, para a *Revista Comunicação Cultura e Sociedade*, Guilherme Moreira Fernandes em 2013 refletiu sobre o agendamento social causado pelas narrativas ao proporem o debate sobre a homoparentalidade.

Na primeira parte, Fernandes (2013, p.2) apresenta a posição de alguns autores sobre noções de cidadania, entre elas a de Norberto Bobbio (1992) sobre a “defasagem da conquista dos direitos sociais”. Sobre isso, o autor defendeu que o fato da mensagem não alcançar todas as classes sociais, deixando quase desprovidas de informações as mais baixas (aliadas à extrema intolerância e preconceitos dos mais variados tipos), muitas vezes pela linguagem ser

excessivamente formal, o problema vai além dos limites do acesso aos meios de comunicação social. Fernandes (2013, p.2-3) afirmou que a falta da informação e comunicação que também são direitos dos cidadãos, acaba prejudicando no acesso aos direitos (social, civil e político) os quais não podem ser exigidos senão há o conhecimento de suas existências. Apesar disso, o autor apontou como vitórias no país os direitos à “homoconjugalidade e a homoparentalidade”.

Na segunda parte Fernandes (2013, p.3-5) ao falar sobre “o direito à homocunjugalidade e à homoparentalidade como formas de cidadania homossexual”, argumentou que por serem ambas um direito dos LGBTs e os meios de comunicação por serem agentes produtores e disseminadores do conhecimento, a temática deve formar parte de seus fundamentos, ainda que “[...] boa parte da população seja contrária”.

Ao justificar a escolha por *Senhora do Destino* e *Páginas da Vida*, Fernandes (2013, p.7) ressaltou que nas duas narrativas foram criados “arquetípicos de representação teledramática” e que analisar a maneira que o tema do “direito à homoparentalidade” entrou em pauta nas épocas das telenovelas seria importante, em vista do tema estar em voga novamente, no ano do estudo 2013, por meio do debate político. Para a análise das narrativas sobre “homoconjugalidade e homoparentalidade”, o autor optou por manter o foco apenas nos diálogos dos personagens.

Na terceira parte, Fernandes (2013, p.12) dialoga sobre os Direitos civis de homossexuais em *Senhora do Destino* e *Páginas da Vida*, faz um breve resumo sobre a narrativa dos casais Jenifer (Bárbara Borges) e Eleonora (Mylla Christie) e Rubinho (Fernando Eiras) e Marcelo (Thiago Picchi), apresenta os diálogos homoparentais das telenovelas e os analisa. Em relação à adoção em *Senhora do Destino* o autor destacou: “Cremos que muitos expectadores acharam um absurdo a decisão judicial, contudo, pelo menos, os obrigou a pensar nessa possibilidade” político.

Sobre a discussão promovida pelos personagens Marcelo e Rubinho em torno da ideia do casal adotar uma criança, o autor considera a cena um marco na teledramaturgia brasileira, porque de acordo com ele, foi a primeira vez que uma telenovela

[...] mostrou dois homens deitados em uma cama de casal, discutindo sobre a possibilidade de uma adoção legal. Os rapazes evocaram que isso é um direito deles como cidadãos, ressaltaram que se amam verdadeiramente e

como qualquer casal tem seus problemas. Mostraram que a condição sexual não é um empecilho para adotarem uma criança (FERNANDES, 2013, p.13).

De acordo com Fernandes (2013, p.13) ambas as narrativas “colocaram em pauta e agendaram a sociedade para a reflexão sobre o direito à homoparentalidade – questão essa que ainda precisa ser mais agendada e discutida via meios de comunicação de massa”. O autor afirma também, que as inserções de personagens LGBTs nas narrativas apresentadas pelos meios de comunicação de massa informam e asseguram direitos, na medida em que eles atuam como formadores de opiniões e ditam modos de comportamento social.

Por fim, *Amor à vida* foi tema central da dissertação de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul de Fernanda Nascimento da Silva de 2015, também estão presentes na dissertação: *Senhora do Destino, Páginas da Vida, e Pé na Cova*. Intitulada: Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela *Amor à Vida*, a autora justificou a escolha da narrativa como fio condutor de sua pesquisa porque por meio dela poderia analisar por múltiplas perspectivas:

[...] a trajetória da homossexualidade nas sociedades ocidentais, dos estudos de *gays* e lésbicas e *queer* e da participação de personagens LGBTs nas telenovelas e, ao mesmo tempo, *em contexto* com os demais produtos de ficção televisiva exibidos pela Rede Globo no período contemporâneo à narrativa (SILVA, 2015, p.14-15).

A autora dividiu a dissertação em cinco capítulos. O primeiro tem enfoque em mídia e gênero, onde também são apresentadas a fase conceptual e metodologia da pesquisa. No segundo capítulo apresentou um estudo aprofundado sobre LGBTs nas tramas da Globo, seguido de um mapeamento dos mesmos apresentados nas novelas dos anos 1970 à 2013, onde foram analisadas e comparadas as características principais e os impactos causados na mídia e sociedade.

No terceiro capítulo apresentou e analisou a trama de *Amor à Vida* e os personagens LGBTs e suas características. A autora também fez a análise de três temáticas, na primeira abordou a família homoparental e a socialização de crianças, na segunda avaliou como foi apresentada a homossexualidade do personagem Felix, principal LGBT da trama, na terceira ela analisou os preconceitos e discriminações e como Félix sofre essas opressões e as dissemina. No quarto capítulo realizou as considerações finais de seu estudo.

Em relação à adoção de crianças por famílias homoparentais, destacou nas conclusões finais, que em comparação às narrativas de *Senhora do Destino* (2004) e *Páginas da Vida* (2006), houve um avanço no debate sobre a temática em *Amor à Vida* (2013), já que nas tramas anteriores, a adoção foi realizada no final e em *Amor à Vida* o tema é inserido desde o começo. Ainda sobre a adoção de crianças por LGBTs, a autora ressaltou que houve uma inovação: “Tanto o processo de inseminação artificial quanto a adoção foram inovadores pelo longo período e exposição que tiveram dentro da narrativa” (SILVA, 2015, p.156).

Também em suas conclusões a autora defendeu que sua análise sobre a sexualidade não normativa evidenciou que o debate sobre a sexualidade do personagem principal da narrativa foi o grande fio condutor de *Amor à Vida* e a homofobia por ele sofrida como a motivação para suas ações. Segundo ela ainda foi possível perceber, através de sua análise, que o personagem era afeminado mas tentava se enquadrar aos comportamentos impostos pela sociedade a um homem heterossexual.

Podemos observar que em todos os trabalhos aqui apresentados, a telenovela *Senhora do Destino* está presente e há também nesses estudos, com exceção da pesquisa de Borges de 2008, uma pequena análise sobre a homoparentalidade e a adoção de crianças nessa narrativa. Na dissertação de Silva de 2015, apesar da homoparentalidade e adoção de crianças não serem tema central de sua dissertação, faz uma pequena análise sobre adoção por LGBTs em *Senhora do Destino*, *Páginas da Vida* e *Amor à vida*. *Pé na cova* também é analisada pela autora. Fernandes de 2013 é o único dos autores a ter a homoparentalidade como objeto de estudo de seu artigo abordando-a brevemente em *Senhora do Destino* e *Páginas da Vida*. Minha análise vem se somar a esses trabalhos, contribuindo para a continuidade de pesquisas no campo da sexualidade e trazendo o estudo da representação da adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo em um número maior de narrativas audiovisuais distintas, para a antropologia visual, por meio da etnografia de tela.

No próximo capítulo serão analisadas, por meio da etnografia de tela, as cenas selecionadas das narrativas audiovisuais *Senhora do Destino* (2004), *Páginas da Vida* (2006), *Amor à vida* (2013), *Pé na Cova* (2013) e *Histórias de Adoção* (2016), distribuídas em categorias.

4 A ANÁLISE DAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS – ETNOGRAFIA DE TELA

Para responder a pergunta desse estudo foi realizado um recorte nas narrativas audiovisuais a serem analisadas, disponibilizando os objetos em comum por categorias, buscando encontrar semelhanças entre as cenas selecionadas. Assim sendo, teremos sete categorias: O discurso do juiz (cenas onde o juiz concede a guarda das crianças); A atuação da assistente social (cenas onde a assistente certifica-se das condições onde a criança vai viver); O Papel do advogado (cenas onde o advogado orienta e representa os clientes); O desejo de ser adotado (cenas onde as crianças manifestam o desejo de ter uma família); O uso da família como agente normalizador (cenas onde os pais afirmam necessitar de um filho para ser uma família); Medo de não conseguir adotar (cenas onde os pais demonstram o medo de não estarem aptos para iniciar o processo de adoção) e Relação telespectador/narrativa audiovisual (cenas onde personagens usam acontecimentos reais para justificar seus direitos e cenas das narrativas usadas pelo telespectador para demonstrar seu entendimento sobre a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo), (VIDE em Anexo A , a transcrição na íntegra das narrativas audiovisuais).

4.1 O DISCURSO DO JUIZ

SENHORA DO DESTINO (2004)

a) A tão aguardada ligação do advogado

Vemos Eleonora, em close-up no corredor do hospital, quando o telefone toca, é o advogado trazendo novidades sobre o processo de adoção do bebê Renato. Para dar-nos suspense, a cena muda para a sala do apartamento do casal, onde através de plano americano e close-up, Eleonora revela em prantos a Jenifer que conseguiu adotar Renato.

Eleonora: [Telefone toca] Alô, oi Dr. Otávio, tudo bem? Não vai me dizer que tem novidades sobre o processo de adoção do Renato? O que, já tem uma resposta? [Advogado não aparece e nem sua voz é ouvida]

Jenifer: E aí? E aí? Fala Léo! Pelo amor de Deus! [Nervosa andando na direção de Eleonora que esta sentada].

Eleonora: E aí Jeni que [Começa a chorar]

Jenifer: Aí que que foi? Eles não deram o Renato pra você? Eles entregaram prum casal não foi? [agachada ao lado de Eleonora, segurando no braço da cadeira que ela está sentada, olhando-a].

Eleonora: Pra mim!

Jenifer: Hã?

[O tema de Jenifer e Eleonora (Norah Jones. *Those Sweet Words*), começa a tocar nesse momento].

[Long enough to hear those sweet words

Tempo suficiente pra ouvir aquelas doces palavras

And your simple melody

E a sua melodia simples

I just have to hear those sweet words

Eu só tenho que ouvir aquelas doces palavras

Spoken like a melody

Faladas como uma melodia

I just wanna hear those sweet words

Eu só quero ouvir aquelas doces palavras].

Eleonora: pra mim Jeni! [chorando copiosamente]

Jenifer: Mentira! [Começa a chorar]

Eleonora: O juiz decidiu por mim. O processo acabou Jeni! Eu sou a mãe do Renato! [As duas se abraçam, ambas chorando de felicidade].

Jenifer: O Renato é nosso Léo! Eu não tô conseguindo acreditar!

Eleonora: Eu achei que não ia rolar Jeni. Eu achei que não ia rolar pelo fato de eu ser gay, que eles iam optar pelo outro casal lá. Mas não, o juiz considerou o fato irrelevante e achou melhor dar pra gente, pelo vínculo emocional que a gente já tem com o Renato.

Jenifer: Aí meu amor! Que Vitória maravilhosa a nossa! Não, a gente tem que contar pro mundo inteiro! [levantando e abrindo os braços] Pro mundo inteiro essa nossa história! Pra todo mundo saber que é possível sim! [voltando a sentar de frente para Eleonora] Não, me diz o que é melhor pra uma criança? Viver abandonada aí na rua, sob ameaça constante de morte, exposta a todo o tipo de

perigo, sem a menor perspectiva ou viver numa casa cheia de amor, com duas mães? Não é? [as duas olhando-se, com lágrimas nos rostos]

Eleonora: A justiça é que é sábia, escolheu a segunda opção! Não e isso pode ajudar a diminuir o número de crianças crescendo nos orfanatos, sem o amor de uma família!

Jenifer: E não e por falar em família, vamo contar pro nosso povo que a família ta crescendo! [Elas batem e seguram as mãos e riem].

Figura 1: Eleonora e Jenifer comemoram adoção de Renato



Fonte: TV Globo (2004).

AMOR À VIDA (2013)

b) A concessão da guarda provisória de Jayme

Na cena final a ser analisada de *Amor à Vida*, primeiro em plano geral, depois americano, vemos a audiência de Niko, que está acompanhado pela advogada Silvia (Carol Castro), com o Juiz, interpretado por Mário César Camargo, nela Niko consegue a guarda provisória de Jayme.

Juiz: Parabéns Niko, agora você tem a guarda provisória do Jayminho. E eu sei que você vai fazer bom uso dela. [Sorrindo e apontando para Niko].

Niko: Nossa senhor Juiz, olha é o melhor de todos, o melhor de todos mesmo, viu. Eu to, eu to muito feliz por o senhor me conceder a guarda do Jayminho nossa! Eu só não entendo porque a guarda tem que ser provisória? [Sorrindo emocionado].

Advogada: Niko é a lei que determina que o processo de adoção, seja iniciado com a guarda provisória.

Juiz: Exatamente. Mas, eu tenho certeza que o Jayminho vai ser muito feliz na sua casa e que você logo vai poder ter a guarda definitiva. E olha, o Jayminho vai poder usar o seu nome. [Niko levanta-se feliz e vai até Silvia].

Niko: Da licença senhor Juiz. Obrigado! [Abraçando Silvia].

Advogada: Imagina cê merece!

Niko: Desculpa doutor. Olha, eu, eu não consigo nem expressar, o que isso significa pra mim. Eu sempre quis ter um filho e quando eu conheci o Jayminho, eu tive certeza, eu senti que ele seria meu, assim como foi com o Fabrício também. Mas, eu sei que isso é outra história.

Advogada: Outra história! Foco! [Olhando séria para Niko e gesticulando com a mão para parar].

Niko: É eu sei é outra história, isso... E olha, eu fico muito feliz por o senhor ter me dado a guarda desse menino, assim com tanta tranquilidade, principalmente sabendo que eu sou gay.

Juiz: Eu sei que existe muito preconceito por aí. Olha, mas a lei não discrimina. Hoje, um gay tanto pode adotar uma criança, quanto um heterossexual, entendeu. Essa história de que uma criança educada por um gay vai ser gay, não tem o menor fundamento.

Niko: Ah claro que não né! Até porque se a gente for parar para pensar né gente, a maior parte dos gays é filho de casais heterossexuais, não é verdade?

Juiz: Olha, eu admiro muito a sua atitude [Levantando-se da cadeira], porque você adotou um menino crescido e não um bebê, como faz a maioria, não é? Mas, existem ainda muitos meninos e meninas à espera de uma família que lhes dê amor.

Figura 2: Juiz concede a guarda provisória de Jayme para Niko



Fonte: TV Globo (2013).

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO (2016)

c) Juiz concede a Rogério e Weykman a adoção dos quatro filhos

Na cena seguinte vemos, em plano geral, Rogério ao lado de Weykman e da Dra. Silvana Monte, sala de audiência.

Dr. Pedro Henrique Alves Juiz Titular da 1ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso da Capital-RJ: Senhores fechamos os dois processos. Com a assinatura dos termos dessa audiência, em relação a esses dois processos, os senhores passam a serem os pais das quatro crianças. E, é muita responsabilidade. Eu acho que o mais importante é querer acertar e dar muito amor a essas crianças, que é o que elas precisam. Eu, realmente, desejo aos senhores e principalmente as crianças, muita felicidade agora nessa nova vida, junto ao casal. [Rogério e Weykman agradecem]. Os senhores assinando então, passam a efetivamente, sobre todos os aspectos serem os pais das crianças. O episódio encerra com Rogério e Weykman abraçando as crianças em plano americano.

Figura 3: Juiz concede a guarda dos quatro filhos a Rogério e Weykman



Fonte: Canal GNT (2016).

É possível identificar nas três cenas que o discurso do juiz promove a defesa da garantia do bem-estar das crianças e das famílias, conforme referiu-se anteriormente Abreu (2002). Em *Senhora do Destino*, que diferente das outras cenas, não há presença do juiz, ficamos sabendo de sua decisão pela personagem Eleonora que revela que o magistrado concedeu a guarda pelo vínculo emocional que ela e Jenifer tinham com o bebê. Em *Amor à Vida*, a defesa do bem-estar das

crianças aparece quando o juiz diz ao personagem Niko que existem ainda muitos meninos e meninas à espera de uma família que lhes dê amor. A frase é semelhante a do juiz Pedro Henrique Alves em *Histórias de Adoção* que ao conceder a guarda dos filhos a Rogério e Weykman declarou: “Eu acho que o mais importante é querer acertar e dar muito amor a essas crianças, que é o que elas precisam”. As cenas em que o juiz concedeu a guarda também estão de acordo com sentença proferida pela Magistrada Sueli Juarez Alonso que priorizou o bem estar da menina Theodora no capítulo que apresenta a primeira adoção realizada por casal do mesmo sexo no Brasil.

As cenas em que Eleonora e Jenifer comeram a adoção de Renato em *Senhora do Destino* e em que o juiz concede a guarda provisória de Jayme a Niko e *Amor à Vida* são bastante “didáticas”, conforme Silva (2015), talvez isso se deva ao fato de que em *Senhora do Destino* o debate sobre o tema importante e delicado foi apresentado pela primeira vez em telenovelas, no fim da trama. Já em *Amor à Vida* a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo apareceu desde o começo e por esse motivo o autor tenha optado por retratar o passo a passo desse tipo de adoção e os problemas e debates suscitados por ela. Vale ressaltar também, que o cenário representado em *Amor à Vida*, onde aparece a Vara da Infância e da juventude é similar a Vara da Infância, da Juventude e do Idoso da Capital-RJ real, apresentada na sériedocumental *Histórias de Adoção*.

4.2 A ATUAÇÃO DA ASSISTENTE SOCIAL

SENHORA DO DESTINO (2004)

d) Eleonora conta para a assistente social de seu interesse em adotar Renato

[Um novo corte na cena, nos traz de volta para a sala da pediatria].

Eleonora: E eu trouxe ele para a pediatria e aqui foram feitos todos os procedimentos cabíveis

Janete: A Dora me colocou a par. Bom por mim a visita ta encerrada. Ah! Você queria falar sobre a adoção dele, fica à vontade. [Olhando para Renato na caminha].

Eleonora: A gente pode conversar em outro lugar?

Figura 4: Eleonora na sala da pediatria com a assistente social



Fonte: TV Globo (2004).

A cena final do primeiro encontro com a assistente social acontece no corredor de azulejos portugueses, onde Jenifer estava anteriormente. Um plano americano nos mostra Eleonora e Janete sentadas em cadeiras brancas de ferro, dessas utilizadas em jardim, ao redor de uma mesa da mesma cor e material. Jenifer acompanha tudo de longe, encostada em uma coluna da sala de espera. Em close-up Eleonora fala para a assistente do seu interesse em adotar Renato, antes ela busca segurança no olhar de Jenifer, que gesticula algo como: “Vai, vai, fala”.

Eleonora: E, por tudo isso que eu te contei, o meu amor pelo Renato é enorme.

Janete: Eu já entendi doutora, não precisa se preocupar. Se a mãe ou pai biológicos do Renato não aparecerem, temos alguns casais interessados em adotá-lo.

Eleonora: [Olha para Jenifer] Janete, eu quis falar sobre a adoção dele, porque eu quero adotar o Renato. [close-up em Jenifer com olhar confiante].

Janete: [Suspira] Bom, a doutora já deve saber disso, mas adotar uma criança é um passo muito sério.

Eleonora: Eu sei, eu tô preparada para dar esse passo.

Janete: Mesmo assim, para evitar rompantes que sempre resultam em arrependimento, existe um processo e também uma fila de espera de pessoas já habilitadas pelo juizado à adoção.

Eleonora: Eu sei, eu estou nessa fila já há algum tempo. E agora que o Renato surgiu na minha vida, se a mãe dele não aparecer, ninguém tem mais direito de adotá-lo do que eu, que tenho lutado tanto pela vida dele.

Janete: O caso ainda está em análise né? O bebê não tem condições de receber alta não é mesmo? É muito cedo. Eu vou falar do seu interesse, anexar o seu processo ao meu relatório, qualquer coisa me procure. [segurando a mão de Eleonora].

Eleonora: Obrigada.

Janete: Até logo. [levantando-se e olhando para Eleonora].

[A assistente sai e Jenifer se aproxima].

Jenifer: Léo o que que cê acho da conversa? Pelo que eu pude sentir, ela foi o mais profissional possível.

Eleonora: Eu não esperava outra coisa dela, mas eu acho que ela simpatizou comigo e vai encaminhar o meu pedido de forma positiva.

Jenifer: Vamo torcer para isso. [elas dão as mãos, olhando-se].

Figura 5: Eleonora na sala de espera com a assistente social



Fonte: TV Globo (2004).

e) A preocupação pela visita da assistente social

Eleonora e Jenifer já estão com o apartamento, que foi dado ao casal, mobiliado, pelo pai de Jenifer.

Nessa cena, em plano médio, que ocorre na sala, temos uma pequena ideia do como o imóvel é. Quando Eleonora passa pela porta vemos um pequeno corredor que dá acesso à cozinha americana e a sala. A cor é quase completamente bege escura, exceto pela parede rosa clara da bancada da cozinha e de uma parede azul clara em um canto ao fundo da sala. No corredor há um espelho médio e um

puff retangular, os dois são bege. Sobre o puff há uma caixa de madeira com detalhes em vermelho e azul. Na parede a esquerda do corredor, vemos dois quadros médios, um acima do outro. O que está em cima possui borda preta e pintura em sépia e preto e o debaixo pintura em cinza e preto, ambos abstratos. Abaixo dos quadros dois vasos cilíndricos marrons. Na continuação dessa parede podemos ver uma pequena sacada com cortinas brancas. A lado esquerdo da sacada há um vaso de madeira com uma enorme palmeira dentro. Em frente a sacada, há duas cadeiras de mogno, com almofadas branca e azul e entre elas uma mesa quadrada em pátina e sobre a mesa uma badeja branca, com um vaso de vidro e uma suculenta dentro. Em frente às cadeiras há um puff maior que o primeiro, mas de mesma cor e forma. Sobre ele duas revistas e uma bandeja vermelha com um vaso de vidro quadrado maior que o anterior e uma planta nele. Eleonora ao chegar, solta duas bolsas pretas sobre uma das cadeiras e senta sobre esse puff e fica de frente a Jenifer que está uma cadeira maior em mogno com almofadas brancas e três lugares. Da cozinha pouco vemos, na bancada há duas cadeiras brancas com almofadas verdes. E sobre ela, uma fruteira com maçãs vermelhas e verdes. Um abajur de metal cilíndrico, com cúpula bege. Abaixo dessa bancada, há uma mesa de mesma extensão que ela na cor cinza e ao fundo há uma geladeira, no interior da cozinha. Em Close-up, Jenifer conta que enquanto Eleonora estava fora, a assistente veio conhecer sua casa. Ela está preocupada porque teve que contar sobre o relacionamento delas.

Eleonora: Oi bonitinha. Desculpa a demora, mas sabe como é que é lá na casa da tia Do Carmo né, uma coisa atrás da outra. Quando eu fui ver já...

Jenifer: Aconteceram algumas coisas por aqui também Léo. [Cortando a fala de Eleonora].

Eleonora: O que... [Olhando surpresa para Jenifer].

Jenifer: É que a assistente social do juizado veio conhecer a casa.

Eleonora: Mas e aí como é que foi, que que cê disse pra ela? Cê falou que eu fui atender um paciente.... Ela olhou tudo e não preferiu voltar outra hora... que que... [sentando-se de frente para Jenifer inquieta e preocupada].

Jenifer: Ela disse que não veio para ver você e sim a casa. Eu tive que fazer as honras... [segurando os punhos de Eleonora].

Eleonora: Ela perguntou o que que você é minha?

Jenifer: Perguntou...

Eleonora: E você?

Jenifer: Eu disse a verdade Léo. Eu falei que eu sou sua namorada.

Eleonora: Não, fez bem devia ter dito isso mesmo.

Jenifer: Eu.... Não dava pra mentir nessa situação...

Eleonora: Não, claro que não. Oh meu Deus, só espero que isso não nos prejudique no processo de adoção do Renato. [Olhando para cima].

Jenifer: Ela foi muito discreta Léo, não deu pra saber [olhando para Eleonora preocupada].

Figura 6: Eleonora e Jenifer na sala



Fonte: TV Globo (2004).

AMOR À VIDA (2013)

f) A ligação da assistente social

A Assistente Social Carolina (Ana Paula Botelho) liga para a casa de Niko e Eron, quem atende é Amarilys (Danielle Winits), ela quer marcar um horário para que a psicóloga e ela conheçam a casa onde Jayme está morando temporariamente. A cena acontece em plano americano e *close-up*.

[Telefone toca, babá do filho de Niko atendeu e passou telefone para Amarilys].

Amarilys: Alô, aqui quem fala é Amarilys. Eu sou amiga do Niko e do Eron, será que eu poderia ajudar?

Carolina: Boa tarde. Meu nome é Carolina. Eu sou assistente social e eu gostaria de marcar a minha visita, junto com a psicóloga pra amanhã, pra verificar se

o ambiente que o Jayminho ta vivendo é saudável, pra ver se ele ta sendo tratado de forma adequada.

Amarily: Então, eu, eu sei querida... Eu sei que o Niko... Bom, principalmente pro Niko, essa visita é, realmente, muito importante. Mas você pode marcar comigo mesmo. Faz isso, marca comigo, que eu falo pra ele e com certeza, ele vai ta aqui. Ta bem? Ta ótimo. Não, não, não... meia hora antes é melhor, porque esse horário é justamente o horário que o Jayminho ta saindo da escola e o Niko vai sempre buscar ele. Ta? Não, é... Assim, na hora que vocês chegarem aqui, eles vão ta chegando também. Não é perfeito? Ta certo. Não, pode deixar, eu vou falar com o Eron também sim. Ele vai ta aqui, não se preocupa não. Ta? Ta ótimo. Eu sei, eu sei que essa visita é, realmente, muito importante. Ta bom. Brigada. Tchau. É muito importante mesmo. [Olhando para Jayminho].

Figura 7: A assistente social liga marcando a visita



Fonte: TV Globo (2013).

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO (2016)

g) Marcos e Fábio relembram ligação da Assistente Social

[Cena de Felipe brincando com Hadassa na Piscina, com voz de Fábio no fundo].

Fábio: E aí quando o telefone tocou, a menina falou: “Olha a gente tem um menino né? Pra apresentar pra vocês, mas ele tem um probleminha”... Falei: “Qual o probleminha”? Ela falou: “Ele tem seis anos e daqui há duas semanas, ele vai

fazer sete anos. [Cenas do casal com Felipe e Hadassa na piscina]. Vocês aceitam conhecer? ” Aí a gente falou assim: “Poxa a gente aceita”.

Figura 8: Fábio e Marcos com os filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

Figura 9: Fábio e Marcos com Hadassa



Fonte: Canal GNT (2016).

h) Alexandre e Francisco relatam como ficaram sabendo da disponibilidade de três irmãos para adoção

Francisco: [Em plano americano sentado ao lado de Alexandre]. A criança que a gente colocou no processo de habilitação era uma criança até seis anos, aí a gente não especificou cor/sexo. Inclusive no dia que a gente foi pegar o certificado, a gente falou com a assistente que tava lá, a gente ta querendo abrir nosso perfil pra criança um pouquinho maior, uma criança que talvez tenha um irmão. Ela virou pra gente “ta, eu vou ficar com o perfil de vocês posso? Semana que vem eu ligo”. E aí ligou. [Foto de Alexandre e Francisco com os meninos].

Alexandre: Aí ela ligou né? A gente foi lá pra Vara da Infância, nervosíssimos, aí ela chegou lá. Quando a assistente social chegou, ela tava com uma folhinha assim impressa, né? E uma folhinha amassada na mão. Aí eu olhei pra ela entrando assim... E já falei nossos filhos tão naquela folha. [Foto de Alexandre e Francisco com os meninos]. Aí ela leu tudo, a gente ficou meio assim, não muito interessado e ela falou tem esses três aqui.

Francisco: Não, esses dois.

Alexandre: Esses dois, ela tinha oferecido dois pra gente. A vara tava separando eles, porque eles já tavam no sistema há cinco anos, não tavam conseguido adotar os três juntos.

Figura 10: Alexandre e Francisco com os três filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

i) Elisabeth e Jacqueline recordam como ficaram sabendo sobre a adoção da segunda filha

Jacqueline: A gente tava aqui nessa casa, [sítio] a gente tava passando final de semana, era sexta-feira e aí Beth foi dar banho no Saulo e eu tava aqui embaixo resolvendo as coisas, me liga minha secretaria “doutora tão ligando urgente, pra senhora ligar urgente pra Vara de Infância”. Aí eu tentei ligar, difícil ligar no começo, aí eu consegui. Oh me ligaram agora, mandaram eu ligar urgente! “Ah sim, que eu queria saber, tem uma criança aqui pra adoção” Eu falei quero... “Uma criança recém-nascida, vocês querem?” Quero! “Mas é negra hein!” Eu falei, eu quero! “É uma menina negra tá?” Eu falei, mas eu quero! Nós queremos!

Figura 11: Elisabeth e Jacqueline com os filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

A defesa da garantia do bem-estar das crianças abordada por Abreu (2002), aparece novamente, agora, nas cenas em que vemos a atuação da assistente social. Em *Senhora do Destino* percebemos isso quando ela diz a Eleonora que “adotar uma criança é um passo muito sério” e explica que para evitar impulsos que possam prejudicar a criança há “um processo e também uma fila de espera de pessoas já habilitadas pelo juizado à adoção”. Em outra cena ela visita a casa para assegurar-se seria um bom ambiente para o bebê Renato. Em *Amor à Vida* a assistente social age de forma similar, ela liga para marcar uma visita, acompanhada por uma psicóloga, segundo ela para “verificar se o ambiente que o Jayminho ta vivendo é saudável, pra ver se ele ta sendo tratado de forma adequada”. Já nas cenas dos episódios de *Histórias de Adoção*, a forma de garantir o bem-estar das crianças aparece quando a assistente conta para Marcos e Fábio a idade do menino antes deles o conhecerem para evitar que a criança sofra com rejeições. Na cena de Alexandre e Francisco, eles contam que a assistente falou apenas sobre dois de seus três filhos, pois, depois de cinco anos a solução para tentar garantir o “bem-estar” deles foi separando-os para serem adotados. Por fim, na cena de Elisabeth e Jacqueline a forma encontrada pela assistente social para garantir o bem-estar da criança é deixando claro para as adotantes que a menina era negra, contribuindo para que a criança encontra-se quem realmente quisesse adotá-la mais rápido e sem rejeições, que poderiam ocorrer se a cor não fosse informada desde o primeiro momento.

4.3 O PAPEL DO ADVOGADO

SENHORA DO DESTINO (2004)

j) O encontro com o advogado e o pleito pela adoção do bebê

A cena, em plano americano, ocorre no escritório do Advogado Otávio (Nome do ator não divulgado), que foi recomendado por Giovanni Improtta (José Wilker), pai de Jenifer. Sentadas em poltronas de madeira, com almofadas verde musgo e alguns detalhes em preto, de frente para o advogado, em uma grande mesa retangular de madeira, da sala de paredes marrons e móveis em mogno. Na parede ao lado direito de Eleonora há alguns quadros, de molduras brancas e figuras abstratas em preto e branco. No fundo, ainda a direita de Eleonora, depois da porta de entrada, há outro móvel grande e retangular, da mesma cor dos outros. Sobre esse móvel um vaso preto e alguns livros e acima dele um grande quadro colorido com figuras abstratas. Atrás do casal há uma estante que vai do chão ao teto com livros, vasos, quadros e um aparelho de som dispostos por toda sua extensão. Sobre a mesa documentos, três esferas de vidro, material de escritório, a estátua da justiça, uma luminária, um telefone e um computador bege. Eleonora começa a conversa dizendo que passou pelo processo e que está apta a adotar. O advogado a tranquiliza explicando que por esse motivo e por ela já ter contato com o bebê, ela pode pleitear tranquilamente a adoção. Nessa ocasião elas aproveitam para sanar todas as dúvidas.

Eleonora: Como eu já disse ao senhor, eu já passei por todo o processo, por isso eu me sinto habilitada à adoção.

Dr. Otávio: É isso, realmente simplifica tudo, porque o juizado não gosta que alguém fure a fila né.

Jenifer: Mas ela não é a primeira da fila, tem problema?

Dr. Otávio: Não, a doutora pode perfeitamente pleitear a adoção do menor, uma vez que pelas circunstâncias, já se relaciona com ele, não é verdade?

Eleonora: Isso mesmo!

Dr. Otávio: Então...

Eleonora: desde que eu o achei.

Dr. Otávio: O principal é nós agirmos rápido e como você já me trouxe a cópia do processo, eu vou fazer o pleito ainda hoje. Ta ok?

Eleonora: O senhor acha que não vai ter problema?

Dr. Otávio: Não, eu acredito que não. E mesmo que haja, é como diz o Dr Giovanni, o grande Dr Giovanni [olhando para Jenifer e sorrindo] “ eu estou aqui para resolver”.

Jenifer: É... Bom e se a mãe biológica não aparecer... [com cara de indiferença].

Dr. Otávio: Não, mesmo que ela apareça, Jenifer, num caso como esse muitos juízes tendem fortemente a não devolver a criança a mãe que o abandonou.

Jenifer: Eu acho isso certíssimo, afinal de contas filho não é uma coisa, não dá pra ter, depois querer desfazer e depois querer de volta... não ...

Eleonora: É, é é... [cortando Jenifer]. E que que a gente faz agora?

Dr. Otávio: Bom agora, vocês aguardem notícias minhas, que eu vou cuidar de tudo. E um grande abraço pro Dr Giovanni. [Levantando-se].

Figura 12: Eleonora e Jenifer no escritório do advogado



Fonte: TV Globo (2004).

AMOR À VIDA (2013)

k) A concessão da guarda provisória de Jayme

Na cena final a ser analisada de Amor à Vida, primeiro em plano geral, depois americano, vemos a audiência de Niko, que está acompanhado pela advogada Silvia

(Carol Castro), com o Juiz, interpretado por Mário César Camargo, nela Niko consegue a guarda provisória de Jayme.

Juiz: Parabéns Niko, agora você tem a guarda provisória do Jayminho. E eu sei que você vai fazer bom uso dela. [Sorrindo e apontando para Niko].

Niko: Nossa senhor Juiz, olha é o melhor de todos, o melhor de todos mesmo, viu. Eu to, eu to muito feliz por o senhor me conceder a guarda do Jayminho nossa! Eu só não entendo porque a guarda tem que ser provisória? [Sorrindo emocionado].

Advogada: Niko é a lei que determina que o processo de adoção, seja iniciado com a guarda provisória.

Juiz: Exatamente. Mas, eu tenho certeza que o Jayminho vai ser muito feliz na sua casa e que você logo vai poder ter a guarda definitiva. E olha, o Jayminho vai poder usar o seu nome. [Niko levanta-se feliz e vai até Silvia].

Niko: Da licença senhor Juiz. Obrigado! [Abraçando Silvia].

Advogada: Imagina cê merece!

Niko: Desculpa doutor. Olha, eu, eu não consigo nem expressar, o que isso significa pra mim. Eu sempre quis ter um filho e quando eu conheci o Jayminho, eu tive certeza, eu senti que ele seria meu, assim como foi com o Fabrício também. Mas, eu sei que isso é outra história.

Advogada: Outra história! Foco! [Olhando séria para Niko e gesticulando com a mão para parar].

Niko: É eu sei é outra história, isso... E olha, eu fico muito feliz por o senhor ter me dado a guarda desse menino, assim com tanta tranquilidade, principalmente sabendo que eu sou gay.

Juiz: Eu sei que existe muito preconceito por aí. Olha, mas a lei não discrimina. Hoje, um gay tanto pode adotar uma criança, quanto um heterossexual, entendeu. Essa história de que uma criança educada por um gay vai ser gay, não tem o menor fundamento.

Niko: Ah claro que não né! Até porque se a gente for parar para pensar né gente, a maior parte dos gays é filho de casais heterossexuais, não é verdade?

Juiz: Olha, eu admiro muito a sua atitude [Levantando-se da cadeira], porque você adotou um menino crescido e não um bebê, como faz a maioria, não é? Mas, existem ainda muitos meninos e meninas à espera de uma família que lhes dê amor.

Figura 13: Juiz concede a guarda provisória de Jayme para Niko



Fonte: TV Globo (2013).

A cena muda para uma loja, onde Niko acompanhado da advogada compra presentes para Jayminho e para as crianças do abrigo. Depois, a cena muda novamente para o abrigo, onde a Assistente Social Carolina, confere a ordem do juiz, entregue pelo oficial de justiça.

Advogada: Vamo Niko!

Niko: Pega aqui pra mim pega. [Entregando duas caixas à Silvia].

Advogada: O oficial de justiça já deve ter ido pro abrigo, entregar a ordem do juiz. Que que isso? Você comprou metade da loja foi?

Niko: Comprei.

Advogada: Tudo isso pro Jayminho?

Niko: Não, não, tô pensando nas crianças do abrigo. Cê sabe, se eu pudesse, eu levava todas elas pra minha casa, mas eu não posso. Então, como ta chegando o natal, resolvi dar uma antecipadinha no natal.

Advogada: Cê tem um coração muito generoso sabia?

Niko: Imagina só gosto de ver crianças felizes. [Olhando para Silvia].

Advogada: Vamo! Vamo, que a gente tá atrasado!

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO (2016)

1) Juliana é ouvida pelo Juiz

[Cena de Rogério e Weykman chegando, com as crianças, à 1ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso do Rio de Janeiro].

Dra. Silvana Monte Advogada, Presidente da Comissão de Adoção do Instituto Brasileiro de Direito de Família: [Em close-up]. Hoje é a audiência de adoção das quatro crianças, onde serão ouvidos os requerentes, né? O Rogério e o Weykman e a Juliana. Porque a Juliana já tem 12 anos e ela precisa se pronunciar sobre sua intenção ou não de ser adotada. E daqui, eles já saem com a certidão de nascimento das crianças no nome deles, né? Já saem com tudo finalizado.

[Em plano geral, Juliana é levada à Sala de Audiência 1].

Figura 14: Juliana é encaminhada a sala de audiência



Fonte: Canal GNT (2016).

Em todas as cenas sobre o papel do advogado vemos que os advogados das narrativas agem de maneira a orientar os adotantes, tirando suas dúvidas, os deixando a par dos próximos passos do processo de adoção e os acompanhando na audiência. A diferença aqui fica por conta da cena de *Histórias de Adoção*, onde aparece a Dra. Silvana Monte Advogada, Presidente da Comissão de Adoção do Instituto Brasileiro de Direito de Família, pois ela não é contratada pelo casal Rogério e o Weykman, mas atua os orientando e também a filha Juliana que também será ouvida pelo juiz em audiência.

4.4 O DESEJO DE SER ADOTADO

PÉ NA COVA (2013)

m) O pedido de Sermancino

Nessa quarta sequência, a análise se concentra na cena em plano geral e close-ups, em que o menino Sermancino (Gabriel Lima) pede para ser adotado por Tamanco (Mart´nália) e Odete Roitman (Luma Costa), em episódio da série *Pé na Cova* (2013).

Markassa (Maurício Xavier), irmã de Tamanco, vem da feira acompanhada de Sermancino que está carregando suas compras, em um carrinho improvisado de madeira, até a oficina de Tamanco. Logo depois, Odete Roitman desce da Kombi, que funciona como van, ela e tamanco começam a conversar sobre o relacionamento, quando Sermancino propõem que elas o adotem.

Sermancino: Porque que tu vai sempre a feira vestida de mulher?

Markassa: Ah porque os feirantes já me conhecem, já tem intimidade, não é... Ah e demais a mais, se eu fosse vestida assim de ocó, ocó quer dizer homem, eu podia ser assim, marginalizada. [Eles chegam à oficina e encontram Tamanco].

Sermancino: E aí, Tamanco, tudo bem?

Tamanco: Tudo certo e tu ta conseguindo tirar um troco na feira?

Sermancino: mais ou menos.

Markassa: Ah coloca as compras ali em cima, apontando para uma mesa de escritório, que depois eu guardo tá, por favor. Deixa eu te ajudar. [Odete chega nesse momento].

Odete: fui lá no mercadão fazer umas compras para a filmagem e aproveitei e comprei a cueca que tu gosta, tava na promoção.

Tamanco: Brigado. Caro?

Odete: Não. Nada não, é presente.

Tamanco: Odete queria que tu pensasse naquilo que eu te falei...

Odete: Ah Tamanco, eu acho que pra gente não tem mais jogo. Eu quero alguém que me assuma, eu não quero ficar pulando de galho em galho, eu quero construir uma família.

Sermancino: Oh! Se quiser eu me candidato para a família. Sou órfão, moro com uma tia maluca, que volta e meia me espanca e me joga na rua, mas eu tenho um pensamento positivo e uma grande simpatia pelo terceiro sexo. Posso ser um bom filho, que tal?

Markassa: Ah e tu ia gostar de ter duas mães e um tio traveco?

Sermancino: Uma coisa eu garanto, ninguém ia ter uma família feito a minha!

Markassa: Aaah que lindo! Que gracinha! Por causa disso, tu vai ganhar gorjeta dobrada. Ahahaha

Sermancino: Pensa no meu caso, meu sonho é ser adotado por duas sapatão, posso ser um bom filho para vocês.

Figura 15: Sermancino pede para ser adotado por Tamanco e Odete Roitman



Fonte: TV Globo (2013).

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO (2016)

n) Fábio e Marcos relembram desejo de Felipe e Davison de serem adotados por eles

[Cena do corredor da casa, de longe, em plano geral, Felipe, visto de lado, sentado na cama].

Fábio: Mas, faltava alguma coisa e eu precisava contar pra aquele menino, que tinha me aceito, que eu era diferente. [Cena de Fábio, em plano geral, com Hadassa no sofá]. “Por que que você não tem mãe?” “Porque você é amigo do meu pai Marcos né?” Eu falei: “Não! [Fábio em close-up]. Eu sou casado com ele!”. Aí ele olhou pra mim e falou assim: “Casado?” [Marcos e Fábio em plano americano]. Eu

falei: “É, a gente casou”. Eu peguei o álbum de casamento, mostrei pra ele. “A gente casou!”. Aí ele falou assim: “Pai, eu vou amar vocês, do jeito que vocês são. Eu quero é uma família”.

Felipe: [Andando, em plano sequência]. Não gosto de fala muito do meu passado, só do meu presente e do futuro. Eu queria ser advogado, porque meu pai é advogado. Ah eu acho legal o que ele faz.

Entrevistador: O que que é família pra você?

Felipe: [Sentando num banco em close-up]. Ah, é tudo! Carinho!

Fábio: [Cena de Felipe, em close-up, no carro]. E os dois estavam pra adoção, naquele abrigo. E quando Davison viu aquele movimento, [Cena de Davison em plano americano na praça] que criança é esperta né, de adoção do Felipe, Davison se aproximou da gente. Aí o Davison veio pra gente e falou assim: “Você pode me levar também?”.

Davison: [Em close-up]. A minha mãe foi, ela não quis ficar mais com a gente. Aí a gente foi pra casa do meu avô, foi eu e meus irmãos. Aí meu avô, ele não quis ficar com a gente e levou a gente pro abrigo. Eu queria que eles viessem comigo. Ai não deu, não podia eu acho.

Marcos: [Cena, em plano americano, dos meninos no banco detrás do carro]. A psicóloga falou que ele tava em processo de depressão, né? Que o sonho dele era ser adotado por nós dois, né? Tinha aquele sonho na vida dele. E parecia que tava, que tinha acabado, né? Porque a gente não ia mais, não tinha mais o direito de ficar fazendo aquelas visitas, né? E chegou o Felipe e tudo. E aí, ele pediu pra poder ser adotado pela gente, assim foi algo que partiu dele, “Eu quero eles dois como pais!”.

Davison: [Em close-up]. É meu pai adotou ele né? Aí, eu não sei porque adotou ele primeiro. Acho que por causa de certidão, eu não sei. Aí não entendi, eu não entendi primeiro. Aí levou ele né, aí tinha um dia que eu fui para escola chorando, que ele não tinha me adotado [cena dele e Felipe no banco detrás do carro]. Aí chegou um dia e me levou também para ser adotado. Aí me adotou.

Na cenas onde aparece o desejo de ser adotado, vemos que Sermancino de *Pé na Cova* e Davison e Felipe de *Histórias de Adoção* tem em comum o desejo de ter uma família. Há ainda em comum nas falas de Sermancino e Felipe a total falta de preconceito com a sexualidade dos pais.

4.5 O USO DA FAMÍLIA COMO AGENTE NORMALIZADOR

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO (2016)

o) Fabio e Marcos falam do vazio antes de adotar os filhos

Marcos: Faltava uma coisa na nossa vida né? [Se ouve a voz de Marcos, enquanto cenas de Fábio na piscina com as três crianças é mostrada]. A gente tinha uma casa, a gente tinha um casamento estruturado e tinha um vazio dentro de casa, que ainda faltava ser preenchido né? [Fábio e Marcos olhando para câmera] E aí o Fábio do nada falou assim: “Marcos a gente vai, vai porque vai adotar, a gente vai lá na vara, a gente vai procurar” e bateu o pé que a gente ia de todo o jeito e aí eu falei: “Então vamos”. [Cena de Marcos em plano aberto observando Fábio, brincando com Hadassa na Piscina]

p) Elisabeth e Jacqueline falam do sentido que adoção das crianças trouxe para suas vidas

Jacqueline: [Em close-up]. Foi colorir a vida! E eu realmente colori, fomos de todas as cores né? Que a gente tem todas as cores em casa, então a minha vida agora tem sentido. Antigamente, vai pro trabalho, vem pra casa, viaja e aí? Agora não! Agora, realmente, tem o porquê ta viva!

O desejo de pertencer ao “hábito social” (Bourdieu, 1996), da constituição familiar e o uso da família como agente normalizador “lucro simbólico da normalidade” (Bourdieu, 1996), está presente nas cenas *Histórias de adoção*. Em Fabio e Marcos, quando Marcos diz que “faltava uma coisa na nossa vida né? A gente tinha uma casa, a gente tinha um casamento estruturado e tinha um vazio dentro de casa, que ainda faltava ser preenchido né?” e em Elisabeth e Jacqueline, quando Jacqueline afirma: “minha vida agora tem sentido. Antigamente, vai pro trabalho, vem pra casa, viaja e aí? Agora não! Agora, realmente, tem o porquê ta viva!”.

4.6 MEDO DE NÃO CONSEGUIR ADOTAR

SENHORA DO DESTINO (2004)

q) A preocupação pela visita da assistente social

Eleonora: Oi bonitinha. Desculpa a demora, mas sabe como é que é lá na casa da tia Do Carmo né, uma coisa atrás da outra. Quando eu fui ver já...

Jenifer: Aconteceram algumas coisas por aqui também Léo. [Cortando a fala de Eleonora].

Eleonora: O que... [Olhando surpresa para Jenifer].

Jenifer: É que a assistente social do juizado veio conhecer a casa.

Eleonora: Mas e aí como é que foi, que que cê disse pra ela? Cê falou que eu fui atender um paciente.... Ela olhou tudo e não preferiu voltar outra hora... que que... [sentando-se de frente para Jenifer inquieta e preocupada].

Jenifer: Ela disse que não veio para ver você e sim a casa. Eu tive que fazer as honras... [segurando os punhos de Eleonora].

Eleonora: Ela perguntou o que que você é minha?

Jenifer: Perguntou...

Eleonora: E você?

Jenifer: Eu disse a verdade Léo. Eu falei que eu sou sua namorada.

Eleonora: Não, fez bem devia ter dito isso mesmo.

Jenifer: Eu.... Não dava pra mentir nessa situação...

Eleonora: Não, claro que não. Oh meu Deus, só espero que isso não nos prejudique no processo de adoção do Renato. [Olhando para cima].

Jenifer: Ela foi muito discreta Léo, não deu pra saber [olhando para Eleonora preocupada].

AMOR À VIDA (2013)

r) A concessão da guarda provisória de Jayme

Niko: É eu sei é outra história, isso... E olha, eu fico muito feliz por o senhor ter me dado a guarda desse menino, assim com tanta tranquilidade, principalmente

sabendo que eu sou gay.

Juiz: Eu sei que existe muito preconceito por aí. Olha, mas a lei não discrimina. Hoje, um gay tanto pode adotar uma criança, quanto um heterossexual, entendeu. Essa história de que uma criança educada por um gay vai ser gay, não tem o menor fundamento.

Niko: Ah claro que não né! Até porque se a gente for parar para pensar né gente, a maior parte dos gays é filho de casais heterossexuais, não é verdade?

Juiz: Olha, eu admiro muito a sua atitude [Levantando-se da cadeira], porque você adotou um menino crescido e não um bebê, como faz a maioria, não é? Mas, existem ainda muitos meninos e meninas à espera de uma família que lhes dê amor.

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO (2016)

s) Fábio e Marcos explicam que tinha medo de não serem aprovados a iniciar o processo de adoção

Marcos: O processo começa indo a vara né? E com um grupo né? E o Fábio assim, ele é mais atirado do que eu em todos os aspectos, mas em relação a questão da orientação sexual, às vezes, ele ficava um pouquinho mais recatado né? O que eu achei interessante, principalmente na vara, foi o acolhimento né? Na verdade, já se falou: “Olha é possível, casamento, relacionamento é, casais homoafetivos adotarem”. Isso já foi muito bem explicado. Então, deixou a gente muito à vontade. E, na verdade, a gente vê que era um medo que era nosso né? Assim, da gente de repente ser rejeitado. [Cena de Fábio brincando com Hadassa na piscina].

Fábio: Eu tinha, eu tinha muito medo de não ser aceito pela aquela criança né? [Fábio é mostrado em *close-up*]. Devido à questão da nossa orientação sexual.

[Cena de Fábio nadando com Felipe e Davison, com voz de Marcos no fundo].

t) Rogério e Weykman relembram como iniciaram o processo de adoção

Weykman: [Em *close-up*]. A gente participou da primeira reunião, que é uma reunião aberta, que é uma reunião pra informar a pessoas né, como é que funciona

a adoção. Lá a gente foi recepcionado por uma psicóloga e uma assistente social que foram uma grande surpresa pra gente, em relação a preconceito, não houve nenhum. Nós ficamos com certo receio de apresentar uma adoção pelo casal em si e perguntamos pra ela: Ah a gente vai fazer essa adoção separado ou junto? E ela questionou: “Ah vocês são um casal?” Somos. “Então, junto. Não tem porque fazer separado”. E aí, a gente entrou pra reunião assim bem tranquilo, porque já viu que a porta de entrada tava ali e tava nos chamando.

Nas cenas escolhidas para a categoria o medo de não conseguir adotar percebemos esse receio em *Senhora do Destino* quando Eleonora teme que o fato da assistente ter descoberto que ela e Jenifer são namoradas a prejudique na adoção de Renato. Já em *Amor à Vida* essa preocupação aparece sutilmente quando Niko agradece ao Juiz por ter lhe concedido a guarda de Jayminho com “tranquilidade” mesmo esse estando a par de sua orientação sexual. E nas cenas dos episódios de *Histórias de Adoção* Marcos explica que ele e Fábio tinham medo de ser rejeitados e não serem aceitos no processo de adoção. Fábio revela, também, que tinha medo de não ser aceito pela criança por causa de sua orientação sexual. Por fim, Weykman relata que ele e Rogério ficaram receosos de apresentar a adoção em conjunto e por isso perguntaram a assistente social se faziam juntos ou separados.

4.7 RELAÇÃO TELESPECTADOR/NARRATIVA AUDIOVISUAL

PÁGINAS DA VIDA (2006)

Na segunda sequencia de cenas, temos o último capítulo de *Páginas da vida* (2006), em plano americano, o casal formado pelo músico Marcelo (Thiago Picchi) e pelo médico Rubens (Fernando Eiras) debatem sobre a possibilidade de adotar e usam como exemplo um casal da vida real que realizou tal feito.

Marcelo: Caramba Rubinho, você se mexeu a noite inteira. Você sonhou, falou, você deu um verdadeiro show na cama.

Rubinho: Eu sei, eu sei... Eu tô preocupado, tô com medo. Com medo que a gente se apegue a essa menina e depois a Margareth vai embora e a gente fica aqui, nós dois solitários, com saudades.

Marcelo: Calma, porque se ela se sentir protegida, se ela se sentir acolhida, não tem

por que ela quer ir embora. Além do mais, a gente vai treinando para quando nós formos adotar o nosso filho.

Rubinho: Isso! É isso que a gente tem que pensar de verdade e colocar em prática.

Marcelo: Tá falando sério?

Rubinho: Claro que estou falando sério. A gente fica falando em adoção e nada... A gente tem que meter as caras. Você não viu essas caras de Catanduva. A gente se gosta Marcelo, a gente se ama de verdade. Nós temos problemas, como todo casal tem. Mas a gente se ama de verdade. Então, estamos esperando o quê para formar uma família de vez.

Marcelo: Eu estava esperando isso.

Rubinho: Olha. Nós também podemos ter o nosso filho. Nós temos esse direito.

Marcelo: Claro que a gente tem esse direito. Vamos adotar? Vamos dar um irmãozinho para a Quitéria.

Rubinho: É... Ou uma irmãzinha, né?

Marcelo: Ou uma irmãzinha.

Figura 16: Marcelo e Rubinho conversam sobre adoção



Fonte: TV Globo (2006).

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO (2016)

- u) Juliana utilizou o casal de amor à vida como base para entender o relacionamento do pais**

Rogério: [Em plano americano sentado ao lado de Weykman]. Fomos pra visitação, a visitação pública com todas as crianças, eram 23 crianças no abrigo. E a mais velha logo teve uma interação maior com ele, mostrou o caderno de inglês pra ele, perguntou se ele sabia alguma coisa de inglês. E em determinado momento perguntou pra ele: “Vocês são irmãos?” Aí ele, não, somos casados. Ela olhou: “Que nem o Niko e o Félix”? Que eram os personagens da novela. E ele é. Ela ah, tá. Ah, tá e ah, tá até hoje, né?

[Cena do casal passeando com os filhos em plano geral].

Figura 17: Rogério e Weykman com os quatro filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

Juliana: [Em close-up]. Quando eu morava no abrigo, eu nem sabia que existia dois pais. Eu pensava que era mulher e o homem. Eu pensava que não tinha dois pais. Eu pensava que isso não existia, na verdade, né? Só que depois que eu vi uma novela, acho que foi Amor à vida, aí depois que eu fui ver que existia homem com homem. Eu falava homem sexual.

Na relação telespectador/narrativa audiovisual vemos que Rubinho de *Páginas da Vida* citou o casal de Catanduva que foram os primeiros a realizarem o feito, foram notícias em vários meios de comunicação e aparecem no capítulo sobre a primeira adoção realizada por casal do mesmo sexo no Brasil. A fala do personagem Rubinho confirma a afirmação do autor de *Páginas da Vida* Manoel Carlos, sobre buscar suas inspirações em “notícias de jornais e revistas” (MEMÓRIA GLOBO, 2008, livro 2, p.67). Já na cena de *Histórias de Adoção* Juliana ao ser

informada que os pais Rogério e Weykman eram casados usou como referência para esse entendimento o casal Niko e Félix de *Amor à Vida*, demonstrando a “influência” da narrativa sobre ela (WOLTON, 2006, p.281), e a importância do tema ser abordado.

5 CONCLUSÃO

Essa dissertação surgiu dos questionamentos a cerca de como as narrativas audiovisuais apresentavam a adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo e quais os padrões e critérios utilizados pelos autores? Assim que esse trabalho foi ganhando forma, esses questionamentos se transformaram no seguinte problema de pesquisa: Como narrativas audiovisuais, com padrões de construção diferentes, apresentam a questão da adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo, a partir das mudanças legais do início dos anos 2000?

Como base teórica criou-se uma linha do tempo, que não ocorreu de forma linear, sobre os eventos e lutas travadas pelos LGBTs até o pleito da adoção que contribuiu para análise das narrativas desse trabalho e para responder o problema de pesquisa. Para compor esse referencial, além de argumentações e autores que trataram sobre as narrativas e suas características, foram abordados temas referentes à homossexualidade e homoparentalidade, pertinentes a esse estudo.

Primeiro, viu-se uma análise crítica à indústria cultural encabeçada por Adorno e Horkheimer (1985). Depois, foram apresentadas às características da telenovela, do seriado e série documental, seguidas pela interpretação que autores como Wolton (2006) fazem da relação estabelecida entre o espectador e as narrativas televisivas, além da visão dos próprios autores das narrativas que foram analisadas nesse estudo sobre esse relacionamento.

Na segunda parte do referencial, Giddens (1993), relembra os impactos e as transformações sociais ocorridas, desde que a homossexualidade foi abordada nos trabalhos de Alfred Kinsey. O período histórico das lutas do movimento homossexual no Brasil, dividido em três ondas por Facchini (2003), também aparece. Logo após, a homoparentalidade e suas diferentes composições foi abordada por autores como Grossi, Mello e Uziel (2006). A relação entre família, o Estado e adoção foi discutida por alguns autores entre eles La Falce (2017).

Também foi apresentada mais detalhadamente a primeira adoção de uma criança por casal do mesmo sexo no Brasil, descrita anteriormente na introdução

dessa dissertação. Há ainda o posicionamento de Costa e Nardi (2015) que analisaram criticamente o uso da expressão “homoafetividade”. E, para finalizar, foram apresentados os estudos sobre a homoparentalidade em narrativas audiovisuais como os de Silva (2015) e Fernandes (2013) que realizaram esse tipo de análise em seus trabalhos. Dentre os capítulos que mais contribuíram para essa análise estão:

- a) A relação entre as narrativas audiovisuais televisivas e o telespectador;
- b) Autores das narrativas audiovisuais, objetos desse estudo, abordam o relacionamento entre espectador e narrativas;
- c) A relação entre família, o estado e a adoção.

Também foram criadas tabelas com dados colhidos das narrativas, sendo que duas são com as características dos pais e duas com as das crianças adotadas. Nas características em comum entre os pais pode-se observar que cinco dos casais são formados por homens e três por mulheres. Em relação à etnia, 14 são brancos e três não brancos. A faixa etária vai dos 21 aos 50 anos e as profissões são variadas e de diferentes classes sociais que vão desde mecânica à médica ortopedista. Nas características em comum entre as crianças adotadas pode-se dizer que dez são meninos e cinco meninas, dessas, quatorze são não brancos, sendo que, apenas uma é de cor branca e a faixa etária vai de recém-nascido a 13 anos.

No capítulo 1, foi apresentada a etnografia de tela, um dos instrumentos de análises da antropologia visual, assim chamada por Ayres (2015) e aperfeiçoada por Rial (2004), como metodologia de análise dessa dissertação. Seguindo a linha de análise proposta pelas autoras, o primeiro passo foi buscar e selecionar as narrativas audiovisuais no site Globoplay. Depois de selecionados os capítulos/episódios de *Senhora do Destino* (2004), *Páginas da Vida* (2006), *Amor à Vida* (2013), *Pé na Cova* (2013) e *Histórias de Adoção* (2016).

A partir de então, foi o momento de observar as cenas, primeiro de forma continuada, depois com pausas para anotações. Com as cenas escolhidas desenvolveu-se um caderno de campo, onde foram descritas as cenas e detalhes considerados importantes para esse estudo. Nesse caderno também foram contemplados: planos, movimentos dos personagens em tela, iluminação e trilha sonora. Depois de uma segunda análise, as cenas sofreram um recorte, onde se buscou objetos em comum entre elas, agora dispostas em sete categorias:

- a) O discurso do juiz (cenas onde o juiz concede a guarda das crianças);

- b) A atuação da assistente social (cenas onde a assistente certifica-se das condições onde a criança vai viver);
- c) O Papel do advogado (cenas onde o advogado orienta e representa os clientes);
- d) O desejo de ser adotado (cenas onde as crianças manifestam o desejo de ter uma família);
- e) O uso da família como agente normalizador (cenas onde os pais afirmam necessitar de um filho para ser uma família);
- f) Medo de não conseguir adotar (cenas onde os pais demonstram o medo de não estarem aptos para iniciar o processo de adoção);
- g) Relação telespectador/narrativa audiovisual (cenas onde personagens usam acontecimentos reais para justificar seus direitos e cenas das narrativas usadas pelo telespectador para demonstrar seu entendimento sobre a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo).

Como resultado da análise etnográfica concluiu-se que nas categorias:

O discurso do juiz: as cenas têm em comum a promoção da defesa da garantia do bem estar das crianças e das famílias, que de acordo com Abreu (2002), foi o meio pelo qual o Estado passou a interceder na vida familiar primeira metade do século XX. No campo da adoção, conforme Machin (2016), essa intervenção ocorre com a mediação de instituições operadoras do direito, onde juízes, assistentes sociais, advogados e psicólogos jurídicos avaliam se casais e pessoas solteiras estão qualificados a adotar. Em concordância com os autores citados viu-se que nas cenas, os juízes priorizaram o que seria melhor para as crianças, deixando-as ficar nas famílias com quem já possuíam um vínculo emocional.

A atuação da assistente social: apareceu, novamente, a garantia do bem estar das crianças trazida pelos autores acima citados. Nas cenas pode-se observar que as assistentes conscientizam e explicam aos pais que adotar é um passo sério, além disso, elas ligam ou apresentam as características das crianças antes de colocá-las em contato com os pais adotantes, além de também irem conhecer os lares (às vezes acompanhadas por psicólogos, quando as crianças já estão convivendo com os pais), onde essas crianças irão viver para avaliar se o lugar é adequado à elas.

O Papel do advogado: os advogados das narrativas agiram de maneira a orientar os adotantes, tirando suas dúvidas, deixando-os a par dos próximos passos

no processo de adoção acompanhando-os na audiência. Na cena de Histórias de Adoção observamos que a advogada Silvana Monte, Presidente da Comissão de Adoção do Instituto Brasileiro de Direito de Família, não é contratada pelo casal Rogério e o Weykman, mas atua orientando o casal e também a filha Juliana que também será ouvida pelo juiz em audiência. Como abordado por Machin (2016) na categoria o discurso do juiz, nesse caso, a advogada está a serviço de uma instituição operadora de direito, atuando em conjunto com juizes, assistentes sociais e psicólogos jurídicos para analisar se o casal de pessoas do mesmo sexo estão aptos para adotarem às crianças, garantindo-lhes assim o bem estar das mesmas.

O desejo de ser adotado: as crianças têm em comum o desejo de ter uma família, não tendo a mínima importância a sexualidade dos pais, como é possível perceber na fala de Sermancino, na cena de Pé na Cova: *“Oh! Se quiser eu me candidato para a família. Sou órfão, moro com uma tia maluca, que volta e meia me espanca e me joga na rua, mas eu tenho um pensamento positivo e uma grande simpatia pelo terceiro sexo. Posso ser um bom filho, que tal?”* e na fala de Felipe, relatada pelo pai Fábio: *“Pai, eu vou amar vocês, do jeito que vocês são. Eu quero é uma família”*. E Davison, lembrada pelo pai Marcos: *“Eu quero eles dois como pais!”*.

O uso da família como agente normalizador: onde há o desejo de pertencer ao hábito social da constituição familiar e o uso da família como agente normalizador, interligadas ao lucro simbólico da normalidade, que Bordieu (1996) qualificou como a pressão imposta pela sociedade ao indivíduo para se adequar a uma ordem familiar naturalmente reconhecida, histórica e universal. Nas cenas de Histórias de Adoção, frases como *“faltava alguma coisa na nossa vida”*, *“tinha um vazio dentro de casa, que ainda faltava ser preenchido”*, *“minha vida agora tem sentido”* e *“Agora, realmente, tem o porquê ta viva!”*, são usadas para justificar que com a adoção das crianças os casais de pessoas do mesmo sexo agora são *“famílias completas”* e estão de acordo com a ordem que a sociedade impõe.

Medo de não conseguir adotar: as cenas analisadas têm em comum o receio dos casais de pessoas do mesmo sexo de serem excluídos do processo de adoção por serem casais LGBTs. Esse sentimento é expresso em Senhora do Destino quando Eleonora teme que o fato da assistente ter descoberto que ela e Jenifer são namoradas a prejudique na adoção de Renato. Em Amor à Vida essa preocupação aparece por meio da fala de Niko ao agradecer ao Juiz por ter lhe concedido a

guarda de Jayminho com “tranquilidade” mesmo esse estando a par de sua orientação sexual. Já em Histórias de Adoção percebemos isso quando Marcos explica que ele e Fábio tinham medo de ser rejeitados e não serem aceitos no processo de adoção. Fábio revela, também, que tinha medo de não ser aceito pela criança por causa de sua orientação sexual. Ainda em Histórias de Adoção, temos o relato de Weykman ao afirmar que ele e Rogério ficaram receosos de apresentar a adoção em conjunto e por isso perguntaram a assistente social se faziam juntos ou separados.

Relação telespectador/narrativa audiovisual: as cenas analisadas mostraram uma “troca” ou comunicação entre narrativa e telespectador como abordou Wolton, (2006), defendendo que para isso ocorrer, além de uma identidade construída, são necessários também o desejo do intercâmbio, da interação e uma linguagem e valores em comuns. Enquanto na narrativa audiovisual Páginas da Vida um fato ocorrido na vida real (a adoção pelo casal de Catanduva) foi utilizado como justificativa pelo casal de pessoas do mesmo sexo para o direito de adotar, na vida real o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo apresentado em uma narrativa (Niko e Félix de Amor à Vida) foi utilizado em Histórias de Adoção por uma criança para entender o relacionamento dos pais LGBTs. Adorno e Horkheimer (1985) chamam o fato ocorrido na série documental de “filtro” por meio do qual a indústria tenta reproduzir o mundo exterior, ou seja, situações do cotidiano em obras como telenovelas, para que com isso, o espectador se sinta representado ao ponto de comparar a ficção com a realidade.

Nas cenas das categorias apresentadas na análise das narrativas, outros dados significativos sobressaem-se, como por exemplo, os três núcleos da parentalidade, que é complexa e composta por processos psicoafetivos que transformam a identidade envolvendo níveis conscientes e inconscientes apresentados por Houzel (2006) e Ogaki (2019) presentes no capítulo que trata sobre a família homoparental.

O primeiro núcleo, (o Exercício da parentalidade) que corresponde às questões judiciais que compõem a sociedade, como filiação e reconhecimento e podem estar relacionadas às transformações dos vínculos biológicos, dos laços sociais ou definidos por lei, como acontece nos casos de adoções, está explícito nas cenas onde os juízes concedem a guarda das crianças aos pais. Em Senhora do Destino, ocorreu quando Eleonora disse: “O juiz decidiu por mim. O processo

acabou Jeni! Eu sou a mãe do Renato!” deixando claro o reconhecimento e filiação dados pelo juiz. Da mesma forma ocorreu em *Amor à Vida*, quando o juiz concede a Niko a guarda de Jayme dizendo: “Parabéns Niko, agora você tem a guarda provisória do Jayminho. E eu sei que você vai fazer bom uso dela”. Esse primeiro núcleo aparece também em *Histórias de Adoção*, quando ao conceder a guarda das quatro crianças a Rogério e Weykman, quando Pedro Henrique Alves, Juiz Titular da 1ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso da Capital-RJ afirma: “Senhores fechamos os dois processos. Com a assinatura dos termos dessa audiência, em relação a esses dois processos, os senhores passam a serem os pais das quatro crianças. E, é muita responsabilidade”.

O segundo núcleo (a experiência da parentalidade) que está relacionado com a experiência subjetiva consciente e inconsciente de ser pai, composta pelo afeto pela criança e as transformações psicológicas que acontecem no descobrir-se e tornar-se pai, também, aparece exemplificado nas cenas onde os juízes concedem a guarda das crianças aos pais. Em *Senhora do Destino*, apareceu na fala de Eleonora, quando ela disse que o juiz considerou o fato dela ser gay irrelevante e concedeu a guarda para ela e Jenifer, pelo “vínculo emocional” que tinham com Renato. Já em *Amor à Vida* observa-se a presença do segundo núcleo na fala de Niko, quando ele diz: “Eu sempre quis ter um filho e quando eu conheci o Jayminho, eu tive certeza, eu senti que ele seria meu [...]”.

O terceiro núcleo (a prática da parentalidade), que refere-se ao que ocorre após tornar-se pai, os direitos, deveres e ações que os pais assumem em relação ao desenvolvimento dos filhos, não só os cuidados físicos como psicológicos aparecem de forma implícita e explícita nas cenas da categoria a atuação da assistente social. Implicitamente pode-se entender que o terceiro núcleo está ocorrendo quando a assistente social visita a casa para conhecer o ambiente onde a criança vai viver ou está vivendo e como ela está se relacionando com os pais adotivos. Explicitamente vemos isso na fala da assistente social Carolina em *Amor à Vida*, quando ela liga para marcar a visita à casa de Niko “[...] pra verificar se o ambiente que o Jayminho ta vivendo é saudável, pra ver se ele ta sendo tratado de forma adequada”.

Ainda no capítulo sobre a família homoparental, Costa (2017) discorreu sobre o ajustamento das crianças, que para ocorrer segundo o autor são necessários três fatores importantes: a) a qualidade da relação pais-filhos; b) a qualidade da relação entre o adulto significativo (por exemplo, os pais) na vida da criança ou adolescente,

c) disponibilidade de recursos económicos entre outros.

Para Costa (2017) se as crianças crescerem sob: orientação, definição de limites, confiabilidade, amor e afeto, além de demonstrarem um ajustamento positivo, têm mais chances de progredir em suas vidas e isso se aplica, também, aos filhos de casais do mesmo sexo. O autor também defende que, o bom relacionamento entre os pais, também, contribui significativamente para o ajustamento e progresso dos filhos. É possível observar o ajustamento das crianças, assim como a boa relação entre pais e entre pais e filhos nas imagens da série documental *Histórias de Adoção* anexadas na análise etnográfica das narrativas audiovisuais.

No capítulo sobre a família homoparental, também, é apresentado o estudo de Machin (2016) que a partir dos resultados empíricos de recortes de entrevistas realizadas em São Paulo, entre 2011 e 2012, com casais de pessoas do mesmo sexo, que adotaram e que pretendiam adotar, sendo, doze casais do mesmo sexo (nove homens e três mulheres). Nessa pesquisa, a autora identificou que enquanto nos casais formados por mulheres a busca de crianças recém-nascidas é predominante, pois há um desejo de vivenciar o cuidado de bebês. Nos casais formados por homens destaca-se a adoção tardia, de crianças mais velhas. Utilizando para análise somente a série documental *Histórias de Adoção*, onde são apresentados quatro casais de pessoas do mesmo sexo, três formado por homens e um por mulheres. Vemos a adoção tardia predominar entre os casais formados por homens, que não delimitaram a idade dos filhos adotados. Já no casal de mulheres a busca por crianças recém-nascidas é expressa na fala de Jacqueline (VIDE Anexo A). Nas outras narrativas analisadas, a adoção tardia predomina entre os casais de pessoas do mesmo sexo, sendo quatro casais, dois formados por homens e dois por mulheres. Desses, apenas o casal de *Senhora do Destino*, Eleonora e Jenifer, adotaram um recém-nascido que não foi escolhido, mas encontrado em uma lixeira por uma das mães. E o casal de *Páginas da Vida*, formado Marcelo e Rubens não adotou nenhuma criança.

Contrariando Adorno e Horkheimer (1985) que a consideraram um “negócio” que se utiliza da ideologia da arte, sem nenhum objetivo social e também a Bordie (1997) que a caracterizou como um “fato ônibus” que não toca em nada importante, a indústria cultural brasileira ao retratar em suas narrativas a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo, cujo debate se intensificou em 2004, quando o casal Vasco Pedro da Gama e Júnior de Carvalho conseguiram se inserir no cadastro de pessoas

habilitadas a adoção, contribuiu para que o fato, que já estava sendo abordado na mídia, tivesse grande repercussão entre os telespectadores por abordar um tema até então considerado tabu e inédito em telenovelas.

Ao apresentar o debate da adoção por casais do mesmo sexo ainda em 2004 na telenovela *Senhora do Destino*, mesmo que nos últimos capítulos, a narrativa buscou, segundo Martins (2007) a cumplicidade do espectador, ao retratar um fato ocorrido na sociedade com objetivo de criar “vínculos”. Ao exibir o tema simultaneamente a narrativa segundo Wolton (2006) estabeleceu o “laço invisível”. Em 2006, o tema voltou a ser abordado no último capítulo de *Páginas da Vida*, quando o casal de personagens Rubinho e Fernando defendeu o direito à adoção mencionando o feito realizado por Vasco e Júnior em 2005.

Para Fernandes (2013) ao abordar o tema as narrativas pautaram e causaram o agendamento da sociedade sobre a reflexão do direito homoparental.

Queiroz (2005) destacou que o fator socioeconômico foi decisivo na mudança do discurso da mídia impressa e televisiva e que essa mudança alterou também o comportamento social integralmente. A temática ganhou as manchetes novamente, quando em 2009 o Conselho Nacional de Justiça alterou o padrão da certidão de nascimento, substituindo as palavras pai e mãe no documento pelo termo filiação, possibilitando o registro por pais do mesmo sexo.

Toda essa repercussão causada pela mídia e indústria cultural ao promover o debate da adoção homoparental entre espectadores de todas as camadas sociais mostrou um grande avanço, ao encorajar casais homoparentais a responderem o censo do IBGE , em 2010, realizado em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, que apontou 60 mil famílias formada por casais do mesmo sexo, 53,8%, a maioria formada por mulheres. Também em 2010, as notícias abordaram a vitória de Luciana Reis Maidana e Lídia Guterres, que conseguiram manter por meio da decisão do STJ o registro dos dois filhos no nome do casal e que havia sido revogado anteriormente pelo Ministério Público Federal, que havia argumentado não ter base legal.

Em 2012 a adoção homoparental voltou a ser debatida na mídia com a decisão inédita do Ministério da Previdência que concedeu a licença-maternidade (ou paternidade) para o bancário Lucimar Quadros da Silva que adotou um menino com o companheiro Rafael Gerhardt. No ano seguinte, mais um saldo positivo para os casais de mesmo sexo, as matérias da mídia noticiavam a aprovação da Lei no

12.873/12 , pela ex-presidente Dilma Rousseff, que garante salário-maternidade, pagos pelo INSS, durante quatro meses para homens e mulheres que adotarem um filho ou obtiverem guarda judicial para fins de adoção.

Também em 2013, instigada por todas essas mudanças sociais, a indústria cultural voltou a apresentar a adoção por casais do mesmo sexo em narrativas audiovisuais.

Paralelas, *Amor à Vida* desenvolveu o tema do início ao fim e o seriado *Pé na Cova* trouxe a temática na segunda temporada. Lopes (citado por CARVALHO, 2014, [online]) defendeu que a relevância e grande repercussão, aliadas ao fato de ter sido pouco explorada em tramas ficcionais, fez com que os autores, que estão aliando “ficção com acontecimentos contemporâneos da realidade” brasileira, despertassem o interesse pela temática. O tema voltou a ser noticiado na mídia em 2014, quando o auditor da Receita Federal Rogério Koscheck e seu companheiro Weykman Padinho conquistaram a licença de adoção e o salário-maternidade na justiça, após um mandado de segurança.

Já em 2015, a repercussão veio por meio do STF ao reconhecer, de forma inédita, o direito de adoção por casais de pessoas do mesmo sexo, por meio do processo do casal formado por Toni Reis e David Harrad que desejavam adotar sem o limite de idade estipulado para os filhos. Em 2016, a temática foi abordada de outra forma pela indústria cultural, dessa vez, a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo, foi apresentada na série documental *Histórias de Adoção*, que apresentou casais narrando os processos reais de adoção de seus filhos. Infelizmente, a discussão do tema foi limitada, pois sua exibição ocorreu por meio do canal por assinatura GNT, da Rede Globo.

Atualmente, a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo não vem sendo abordada constantemente pela mídia, nem pela indústria cultural, que com exceção da série documental, em três capítulos, *Orgulho Além da Tela* que faz um retrospecto da representação LGBT nas novelas da Globo, incluindo as narrativas analisadas nesse trabalho, disponível pela plataforma digital de *streaming* Globoplay, não apresenta nenhuma narrativa sobre o tema em canais abertos. Na expectativa da aprovação legal, há o Projeto de Lei nº 5423/20, proposto pela Deputada Federal Maria do Rosário, que garante o direito de registro de dupla maternidade ou paternidade a casais de pessoas do mesmo sexo, que tiverem filhos, independentemente do estado civil. A proposição, que aguarda aprovação nas

comissões da Câmara dos Deputados, defende a adição do nome dos dois pais no documento de identificação e demais documentos.

Considerando o caminho percorrido até aqui por casais de pessoas do mesmo sexo é possível presumir que se o tema for novamente abordado pela mídia e indústria cultural, ainda será alvo de preconceitos por uma parcela da sociedade, mas será mais facilmente debatido e um pouco mais aceito, se comparado ao único do debate em 2004.

Com a análise etnográfica foi possível compreender que mesmo com padrões de construção diferentes e homogeneização/nivelamento dos temas entre realidade e ficção para adaptarem-se a média geral, defendidos por Martins (2007), e presentes também em Memória Globo (2008, livros: 1 e 2), as narrativas audiovisuais que tratam da adoção de crianças por casais do mesmo sexo, apresentam similitudes em relação ao processo de adoção, medos e inseguranças dos pais e das crianças e, também, na forma de atuar dos juízes, advogados e assistentes sociais. E, por ser a adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo, uma temática séria, com um certo ineditismo em narrativas audiovisuais e de grande importância, visto que representa casais LGBTs que pretendem adotar ou adotaram, informa, “naturaliza” e “normaliza” a temática a todo tipo de telespectador e ainda apresenta para as crianças que estão à espera de adoção novas possibilidades de composições familiares, estabelecendo uma espécie de “laço social” ou “laço invisível”, mesmo com padrões de construção diferentes e em gêneros diferentes como a comédia, a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo será retratada com seriedade.

O estudo da adoção de crianças por casais do mesmo sexo em narrativas audiovisuais, as semelhanças e distinções entre elas, a relação e trocas de influências da indústria cultural com a sociedade e as alterações ocorridas na lei ao longo desse tempo, faz esse estudo pertinente e deve-se tornar um registro e uma expectativa para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Domingos. No bico da cegonha: histórias de adoção e da adoção internacional no Brasil. Rio de Janeiro, **Relume Dumará**: Núcleo de Antropologia da Política, 2002.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER. M. Indústria cultural - o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALTMANN, Eliska. Verdade, tempo e autoria: três categorias para pensar o filme etnográfico. **Revista Antropológicas**, [S.l.], v. 20, n. 1+2, nov. 2011. ISSN 2525-5223. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23688>. Acesso em: 06 abr. 2019.
- AYRES, Melina de la Barrera. **As representações da deficiência física na telenovela viver a vida**. Uma etnografia de tela da intimidade: cuidado, corpo e sexualidade. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160545>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etnografia de tela” uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, pp.89-111.
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BONTEMPI, Ana Carolina; STRELHOW, Miriam Raquel W. Seriados Televisivos: do entretenimento à mais nova forma de telefilia contemporânea. In: *Convenit Internacional 30 (Convenit Internacional coepta 1) maio-ago 2019*. Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto/Colégio Luterano São Paulo, 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/112642265-Seriados-televisivos-do-entretenimento-a-mais-nova-forma-de-telefilia-contemporanea.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- BRASIL. **Processo nº 234/2006**. Vara da Infância e Juventude da Comarca de Catanduva/SP. Juíza Sueli Juarez Alonso, julgado em: 30/10/2006. Disponível em: https://ibdfam.org.br/_img/artigos/Ado%c3%a7%c3%a3o%20S%c3%a3o%20Paulo%20II.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.
- BOURDIEU, P. O espírito da família. In: _____. **Razões práticas**. Campinas: Papius, 1996, p.124-135.
- _____. **Sobre a Televisão**. Seguido de a Influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BORGES, Lenise Santana. **Repertórios sobre a lesbianidade na telenovela Senhora do Destino**: possibilidades de legitimação e transgressão. 2008. 182 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COACCI, Thiago. **Do homossexualismo à homoafetividade**: discursos judiciais brasileiros sobre homossexualidades, 1989–2012. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.05.a> [...]. Acesso em: 12 jun. 2019.

COSTA, Angelo Brandelli. Estado da arte da pesquisa a respeito da parentalidade e conjugalidade de casais de pessoas do mesmo sexo a partir do Amici Curiae do Defense of Marriage Act. In: *book: Diversidade Sexual, relações de gênero e políticas públicas*. Porto Alegre, Publisher: Sulina, 2017, p.p.89. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336700116_estado_da_arte_da_pesquisa_a_respeito_da_parentalidade_e_conjugalidade_de_casais_de_pessoas_do_mesmo_sexo_a_partir_do_Amici_Curiae_do_Defense_of_Marriage_Act. Acesso em: 12 jun. 2021.

_____; NARDI, Henrique Caetano. O casamento "homoafetivo" e a política da sexualidade: implicações do afeto como justificativa das uniões de pessoas do mesmo sexo. **Rev. Estud. Fem.** 23 (01). jan-apr 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n1p/137>. Acesso em: 2 jul. 2021.

DIAS, Maria Berenice. **União homossexual**: o preconceito e a justiça. 1Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

DINIZ, José Alencar. **A recriação dos gêneros eletrônicos analógico-digitais**: radionovela, telenovela e webnovela. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://primo-pmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/PUC01:PUC01:puc01000418506>. Acesso em: 30 ago. 2019.

FACCHINI, Regina. "Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico". **Cadernos AEL**, Campinas, v.10, n.18/19, p.81-125, 2003. Disponível em: <https://www.google.com/url?...> Acesso em: 23 maio 2021.

FADUL, Anamaria. **Telenovela e família no Brasil**. Rio de Janeiro: 1999. Disponível em: [http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/68715](http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/68715[...]pdf) [...].pdf. Acesso em: 24 abr. 2019.

FERNANDES, G. M. O direito à homoparentalidade em duas novelas da TV Globo: relendo os casais de lésbicas e de gays em Senhora do Destino e Páginas da Vida. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, v.2, n.1, 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/2063763-O-direito-a-homoparentalidade-em-duas-novelas-da-tv-globo-relendo-os-casais-de-lesbicas-e-de-gays-em-senhora-do-destino-e-paginas-da-vida.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. **Narrativas migrantes**: literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2010. 287p.

FOGUEL, Israel. **No Túnel do Tempo**. São Paulo: Clube dos autores, 2018. 338p.

FONSECA, Cláudia. **Caminhos da adoção**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FRANCA, Andréa. Séries documentais na televisão: o travelling-rasante de African Pop. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, n.37, p.80-93, abr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532018000100080&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jun. 2019.

FRANCE, Claudine de. **Do filme etnográfico à antropologia fílmica**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GINSBURG, Faye. Não necessariamente o filme etnográfico: traçando um futuro para a antropologia visual. In: ECKERT, Cornélia; MONTE-MÓR, Patrícia (Orgs.). **Imagem em foco**: novas perspectivas em antropologia. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999, p.31-54.

GLOBO. **Livro 1**: Memórias Globo. Autores: histórias da teledramaturgia. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **Livro 2**: memórias globo. Autores: histórias da teledramaturgia. São Paulo: Globo, 2008.

GOMIDE, Sílvia del Valle. **Representações das identidades lésbicas em Senhora do Destino**. 2006. 210f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

GRAZZI KESKE, Humberto Ivan; SCHERER, Maria Margarete. A telenovela brasileira e a cultura de massa: uma relação muito além do zapping. **Polêmica**, [s.l.], v.12, n.2, p.239-255, jun. 2013. ISSN 1676-0727. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/6424/4853>. Acesso em: 24 abr. 2019.

GROSSI, Miriam P. “Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.21, p.261-280, jan. 2003.

GROSSI, Miriam P.; MELLO, Luiz; UZIEL, Anna Paula. Dossiê: conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. In: **Rev. Estud. Fem**, Florianópolis, v.14 n.2 may/sept. 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script \[...\].](https://www.scielo.br/scielo.php?script [...].) Acesso em: 12 maio 2021.

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. In: SOLIS-PONTO, L. (Org.) Ser pai, ser mãe. **Parentalidade**: um desafio para o terceiro milênio. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

JORNAL O GLOBO. **IBGE detecta 60 mil famílias homoafetivas pelo Brasil**.

Disponível em: <<https://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/100043162/jornal-o-globo-ibge-detecta-60-mil-familias-homoafetivas-pelo-brasil>>. Acesso em: 19 set. 2020.

LA FALCE, Maria da Glória. **Adoção por casais homossexuais e os discursos sobre o “melhor interesse da criança”**. (Tese de Doutorado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOPES. **A influência da Rede Globo**. Brasília, 2014. Disponível em : <https://factoagencia.wordpress.com/2014/11/11/a-influencia-da-rede-globo/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MACDOUGALL, David. “Mas afinal, existe realmente uma antropologia visual?”. In: **Catálogo da Mostra Internacional do Filme Etnográfico**. Rio de Janeiro, 1994, p.71-75.

MACHADO, Frederico Viana. **Muito Além do Arco-íris**. A constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o Estado. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. (2007). Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-7WNDTB>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MACHIN, Rosana. **Homoparentalidade e adoção: (re) afirmando seu lugar como família**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p350>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MALCHER, Maria Ataíde. **Teledramaturgia agente estratégico na construção da tv aberta brasileira**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://rosepepe.com.br/acquerello/wp-content/uploads/2016/02/teledramaturgia.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MATTOS, Luane Pereira. **A influência da telenovela no comportamento do telespectador uma análise de o clone, américa e paraíso tropical**. Brasília, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/34166358/a_influ%C3%80ncia_da_telenovela_no_comportamento_do_tespectador. Acesso em: 12 ago. 2019

MARTINS, Simone. **A construção da identidade das telenovelas brasileiras: o processo de identificação dos telespectadores com a narrativa ficcional televisiva**. Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/60-encontro-20081/A%20Construcao%20da%20Identidade%20das%20Telenovelas%20Brasileiras.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MELLO, L. Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil. **Revista de Estudos Feministas**, 14(2):497-508, (2006). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/240769850_Familismo_antihomossexual_e_regulacao_da_cidadania_no_Brasil>. Acesso em: 12 abr.. 2020.

OGAKI, Henrique Abe. **A Constituição da Parentalidade em casais homossexuais masculinos com bebês**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202513/001103372.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 set. 2021.

PALLOTTINI, R. **Dramaturgia de televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.

PICCININ, Fabiana. **Narrativas audiovisuais no contemporâneo: pensando as estratégias narrativas das séries televisivas**. Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311136608_Narrativas_audiovisuais_no_contemporaneopensando_as_estrategias_narrativas_das_series_televisivas. Acesso em: 25 abr. 2021.

QUEIROZ, Jandira. **Rumo ao final do arco-íris: o que mudou no discurso sobre personagens homossexuais na grande mídia de entretenimento na última década – e por quê? Um estudo sobre as novelas A Próxima Vítima, Torre de Babel, Senhora do Destino e o reality show Big Brother Brasil 5**. 2005. 66 f. Monografia (Monografia de conclusão de curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – Fasa, Brasília, 2003.

RÉGIS, F. et al. Seriadados de TV e desenvolvimento de competências cognitivas: uma análise das séries “Perdidos no Espaço” e “Lost”. In: **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.160-173, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17242>. Acesso em: 25 abr. 2021.

RIAL, Carmen. Antropologia e Mídia: breve panorama das teorias de comunicação. In: **Antropologia em Primeira Mão / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina**, n.1. Florianópolis: UFSC, 2004. p.1-63. Disponível em: <https://navi.paginas.ufsc.br/files/2017/11/Antrpologia-em-Primeira-M%C3%A3o-midia-74.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia Visual, Práticas Antigas e novas Perspectivas de Investigação. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.48, n.2, jul./dez. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ \[...\]](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_...). Acesso em: 25 abr. 2021.

RIOS, R. R. (2014). Encruzilhada da democracia: "o corpo e alma da magistratura brasileira" e a "jurisprudência da homossexualidade". **Revista USP**, (101), p.83-98. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i101p83-98> Acesso em: 28 abr. 2021.

RODRIGUEZ, Brunella Carla; GOMES, Isabel Cristina. Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. **Bol. psicol**, São Paulo, v.62, n.136, p.29-36, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. [...]. Acesso em: 30 abr. 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAMAIN, Etienne. Raízes e asas para as imagens. In: FERRAZ, Ana Lúcia

Camargo; MENDONÇA, João Martinho de (Orgs.). **Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília, ABA, 2014, p.713-717.

SCHOLES, Robert; KELLOGG, Robert L. **A natureza da narrativa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977. 234p.

SILVA, Fernanda Nascimento. **Bicha (Nem Tão) Má**: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida. Porto Alegre, 2015. Disponível em: [http://primopmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/primos_library/libweb/action/search.do?vid=\[...\]](http://primopmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/primos_library/libweb/action/search.do?vid=[...]). Acesso em: 25 abr. 2019.

SILVA, J. P. M; OLIVEIRA, A. E. As Séries televisivas e a indústria cultural. In: **Revista UEMG**, 2015. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/anaisbarbacena/article/download/835/542>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SIMÕES, J. A; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

TARNOVSKI, F.L. **Pais assumidos**: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/82788/184894.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 out. 2021.

UZIEL, A. P. **Família e homossexualidade**: velhas questões, novos problemas. Tese (doutorado em Antropologia Social). IFHC, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. 262p.

VARDIERO, Talison Pires; GUERRA, Márcio de Oliveira. **Teledramaturgia Global**: produção de poder simbólico por meio do entretenimento. Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1585-1.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

VIEIRA, Daniela Monteiro. **Adoção por casal homoafetivo no Direito brasileiro**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/ccjp/arquivos/tcc/2014-2-daniela-m-ribeiro-adocao-por-casal-homoafetivo-no-direito-brasileiro>. Acesso em: 30 out. 2021.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 2006.

ANEXO A - Narrativas audiovisuais (cenas) na íntegra

SENHORA DO DESTINO**O PRIMEIRO PASSO NA BUSCA PELA ADOÇÃO DE RENATO**

A primeira sequência de cenas selecionadas para o início da análise apresenta o primeiro passo do casal da novela *Senhora do Destino* (2004), Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) para adotar o bebê Renato, a conversa com a Assistente Social.

A sequência inicia-se no Hospital, um close-up nos mostra Eleonora de jaleco, olhando encantada para Renato na cama da pediatria, quando Jennifer entra no quarto e lhe dá a notícia da chegada da assistente social.

Jenifer: Léo, eu tenho uma notícia para te dar. Espero que você esteja preparada.

Eleonora: O que que foi, alguma coisa ruim? Aconteceu alguma coisa na sua casa, é isso?

Jenifer: Não, não, mas está acontecendo aqui no hospital. Pediram para te avisar que a Assistente Social da Vara de Infância e Adolescência já chegou.

[As duas sorriem]

Jenifer: Está preparada?

Eleonora: Preparadíssima. Vamo lá!

Figura 1: Eleonora e Jenifer na sala da pediatria



Fonte: TV Globo (2004).

Figura 2: Eleonora e Jenifer na sala da pediatria



Fonte: TV Globo (2004).

Na próxima cena, vemos Eleonora e Jenifer caminhando pelo corredor do hospital em plano geral. Jenifer a aconselha a ficar calma. Agora, em plano americano, Eleonora pede que ela não se preocupe, pois não está nervosa. Um close-up das duas entreolhando-se, antes de chegarem à sala de espera é exibido.

Jenifer: Léo não vai ficar nervosa viu, age com naturalidade e nada de dar sinais de impaciência. Ah! E também, seja mais doce do que você já é. E não deixa de mostrar todo o amor que você sente pelo bebê.

Eleonora: É quase tão grande quanto o que eu sinto por você.

[Jenifer pega a mão de Eleonora e acaricia]

Eleonora: Não se preocupa, meu amor pelo Renato é tão grande que a moça do juizado de menores vai perceber isso.

Jenifer: Vamo lá?

Eleonora: Fica tranquila, eu não estou nervosa.

Figura 3: Eleonora e Jenifer no corredor do hospital



Fonte: TV Globo (2004).

Ao chegarem à sala de espera, que é toda em amarelo queimado claro, Jenifer se dirige para um corredor, com azulejos portugueses, que fica atrás de um sofá grande e branco, que está bem no centro da sala, que dá acesso há mais uns dois corredores, onde há o movimento de outras pessoas, como por exemplo, uma mulher falando com alguém no telefone público, fixo na parede e uma enfermeira que empurra a cadeira de rodas de um senhor idoso ao passar por Eleonora e Jenifer no corredor. No sofá branco, está a Assistente Social, Janete (Thereza Piffer), ela está conversando com a Pediatra do bebê Renato, Dora (Laura Proença), que esta sentada numa poltrona azul clara ao lado do sofá. Em plano médio, de pé Dora faz as apresentações entre a assistente e Eleonora, depois em close-up a pediatra, diz que já colocou Janete a par do quadro clínico do bebê. Em plano geral, Eleonora sai levando Janete para conhecer Renato. A cena encerra com close-ups de Dora arregalando os olhos e arqueando as sobrancelhas e Jenifer, cruzando os dedos e beijando-os e depois fazendo sinal de positivo para Eleonora que sorri.

Dora: O quadro clínico do Renato tem se constituído muito.

[Conversando com a assistente social]

Dora: Essa é a doutora Eleonora, que achou o bebê, Janete, Assistente Social da Vara da Infância e Adolescência.

[apresentando-as]

Eleonora: Muito prazer!

Janete: Prazer!

Dora: Eu já coloquei a Janete a par do quadro clínico do Renato, a evolução dele e tudo mais.

Janete: Eu só ainda não vi a criança. A doutora podia me contar como foi exatamente que encontrou o bebê?

Eleonora: Claro, tudo que você quiser saber!

[Jenifer, desfocada, acompanha tudo de trás do sofá]

Dora: Se me permite, eu acho que a Doutora Eleonora pode levá-la para conhecer o Renato. Ela tem estado junto dele desde que o achou. Enquanto isso, vai contando como foi.

Janete: Por mim, tudo bem.

Eleonora: Para mim tá ótimo também. É, se você tiver tempo, eu queria conversar sobre a adoção dele.

Janete: Eu não to com nenhuma pressa, a gente pode conversar à vontade.

Eleonora: Por favor...

[apontando o corredor que dá acesso a Pediatria]

Figura 4: Eleonora com a assistente social, a médica Dora e Jenifer ao fundo



Fonte: TV Globo (2004)

Figura 5: Dora torcendo por Eleonora



Fonte: TV Globo (2004).

Figura 6: Jenifer torcendo por Eleonora



Fonte: TV Globo (2004).

Nas cenas finais da conversa com a assistente social, Eleonora relembra de como encontrou Renato e fala de sua intenção em adotar o bebê.

Primeiro, vemos Eleonora e Janete, em plano americano, do lado da caminha de Renato na Pediatria, depois em close-up a assistente pede detalhes de como ela encontrou o encontrou.

Janete: Você pode me contar com detalhes, como foi que achou o Renato?

Eleonora: Claro! Como você sabe, era 31 de dezembro, e eu tava de plantão.

[O tema instrumental de Jenifer e Eleonora (Norah Jones .Those Sweet Words), começa a tocar nesse momento]

[Um corte na cena, nos leva para a lembrança do dia em que Eleonora encontrou o bebê].

Figura 7: Eleonora na sala da pediatria com a assistente social



Fonte: TV Globo (2004).

A cena ocorre toda em plano americano, vestidas de branco em frente ao carro e próximas da entrada do hospital Jenifer e Eleonora se despedem. Logo depois de Jenifer sair com o carro, Eleonora ouve um choro de bebê, ela vai na direção do som vê uma lixeira grande dupla azul com tampa laranja, com dois sacos de lixo que ela levanta. Nesse momento o som do choro fica mais forte, ao olhar para o chão do lado de um saco preto, grande de lixo ele encontra Renato dentro de um caixote de madeira. Ela recolhe o bebê que está com uma camisa amarelinha e uma fralda com estampas coloridas e o leva para dentro do hospital.

Jenifer: oh! Até amanhã! Se cuida hein! [depois de abraçar Eleonora]

Eleonora: Você também. Vê se dirige com cuidado hein! [depois que Jenifer sai, ela ouve o choro do bebê]

[o tema instrumental de Jenifer e Eleonora (Norah Jones -Those Sweet Words), dá lugar ao choro do bebê e ao fundo a música instrumental de Adágio Gotas – D´alma]

Eleonora: Oh meu Deus, tão pequenininho! Tá fraco! Ta fraco! Ta tão fraquinho, mas vai sobreviver, vice criaturazinha de Deus! O ano ta começando e a tua vida também. Eu vou cuidar de você, eu vou cuidar de você viu? [Ao encontrar Renato no meio do lixo].

Figura 8: Eleonora e Jenifer abraçam no ano novo



Fonte: TV Globo (2004).

Figura 9: Eleonora encontra Renato



Fonte: TV Globo (2004).

[Um novo corte na cena, nos traz de volta para a sala da pediatria].

Eleonora: E eu trouxe ele para a pediatria e aqui foram feitos todos os procedimentos cabíveis

Janete: A Dora me colocou a par. Bom por mim a visita ta encerrada. Ah! Você queria falar sobre a adoção dele, fica à vontade. [Olhando para Renato na caminha].

Eleonora: A gente pode conversar em outro lugar?

Figura 10: Eleonora na sala da pediatria com a assistente social



Fonte: TV Globo (2004).

A cena final do primeiro encontro com a assistente social acontece no corredor de azulejos portugueses, onde Jenifer estava anteriormente. Um plano americano nos mostra Eleonora e Janete sentadas em cadeiras brancas de ferro,

dessas utilizadas em jardim, ao redor de uma mesa da mesma cor e material. Jenifer acompanha tudo de longe, encostada em uma coluna da sala de espera. Em close-up Eleonora fala para a assistente do seu interesse em adotar Renato, antes ela busca segurança no olhar de Jenifer, que gesticula algo como: “Vai, vai, fala”.

Eleonora: E, por tudo isso que eu te contei, o meu amor pelo Renato é enorme.

Janete: Eu já entendi doutora, não precisa se preocupar. Se a mãe ou pai biológicos do Renato não aparecerem, temos alguns casais interessados em adotá-lo.

Eleonora: [Olha para Jenifer] Janete, eu quis falar sobre a adoção dele, porque eu quero adotar o Renato. [close-up em Jenifer com olhar confiante].

Janete: [Suspira] Bom, a doutora já deve saber disso, mas adotar uma criança é um passo muito sério.

Eleonora: Eu sei, eu tô preparada para dar esse passo.

Janete: Mesmo assim, para evitar rompantes que sempre resultam em arrependimento, existe um processo e também uma fila de espera de pessoas já habilitadas pelo juizado à adoção.

Eleonora: Eu sei, eu estou nessa fila já há algum tempo. E agora que o Renato surgiu na minha vida, se a mãe dele não aparecer, ninguém tem mais direito de adotá-lo do que eu, que tenho lutado tanto pela vida dele.

Janete: O caso ainda está em análise né? O bebê não tem condições de receber alta não é mesmo? É muito cedo. Eu vou falar do seu interesse, anexar o seu processo ao meu relatório, qualquer coisa me procure. [segurando a mão de Eleonora].

Eleonora: Obrigada.

Janete: Até logo. [levantando-se e olhando para Eleonora].

[A assistente sai e Jenifer se aproxima].

Jenifer: Léo o que que cê acho da conversa? Pelo que eu pude sentir, ela foi o mais profissional possível.

Eleonora: Eu não esperava outra coisa dela, mas eu acho que ela simpatizou comigo e vai encaminhar o meu pedido de forma positiva.

Jenifer: Vamo torcer para isso. [elas dão as mãos, olhando-se].

Figura 11: Eleonora na sala de espera com a assistente social



Fonte: TV Globo (2004).

Figura 12: Eleonora na sala de espera com a assistente social



Fonte: TV Globo (2004).

O ENCONTRO COM O ADVOGADO E O PLEITO PELA ADOÇÃO DO BEBÊ

A cena, em plano americano, ocorre no escritório do Advogado Otávio (Nome do ator não divulgado), que foi recomendado por Giovanni Improtta (José Wilker), pai de Jenifer. Sentadas em poltronas de madeira, com almofadas verde musgo e alguns detalhes em preto, de frente para o advogado, em uma grande mesa retangular de madeira, da sala de paredes marrons e móveis em mogno. Na parede ao lado direito de Eleonora há alguns quadros, de molduras brancas e figuras abstratas em preto e branco. No fundo, ainda a direita de Eleonora, depois da porta de entrada, há outro móvel grande e retangular, da mesma cor dos outros. Sobre esse móvel um vaso preto e alguns livros e acima dele um grande quadro colorido

com figuras abstratas. Atrás do casal há uma estante que vai do chão ao teto com livros, vasos, quadros e um aparelho de som dispostos por toda sua extensão. Sobre a mesa documentos, três esferas de vidro, material de escritório, a estátua da justiça, uma luminária, um telefone e um computador bege. Eleonora começa a conversa dizendo que passou pelo processo e que está apta a adotar. O advogado a tranquiliza explicando que por esse motivo e por ela já ter contato com o bebê, ela pode pleitear tranquilamente a adoção. Nessa ocasião elas aproveitam para sanar todas as dúvidas.

Eleonora: Como eu já disse ao senhor, eu já passei por todo o processo, por isso eu me sinto habilitada à adoção.

Dr Otávio: É isso, realmente simplifica tudo, porque o juizado não gosta que alguém fure a fila né.

Jenifer: Mas ela não é a primeira da fila, tem problema?

Dr Otávio: Não, a doutora pode perfeitamente pleitear a adoção do menor, uma vez que pelas circunstâncias, já se relaciona com ele, não é verdade?

Eleonora: Isso mesmo!

Dr Otávio: Então...

Eleonora: desde que eu o achei.

Dr Otávio: O principal é nós agirmos rápido e como você já me trouxe a cópia do processo, eu vou fazer o pleito ainda hoje. Ta ok?

Eleonora: O senhor acha que não vai ter problema?

Dr Otávio: Não, eu acredito que não. E mesmo que haja, é como diz o Dr Giovanni, o grande Dr Giovanni [olhando para Jenifer e sorrindo] “ eu estou aqui para resolver”.

Jenifer: É... Bom e se a mãe biológica não aparecer... [com cara de indiferença].

Dr Otávio: Não, mesmo que ela apareça, Jenifer, num caso como esse muitos juízes tendem fortemente a não devolver a criança a mãe que o abandonou.

Jenifer: Eu acho isso certíssimo, afinal de contas filho não é uma coisa, não dá pra ter, depois querer desfazer e depois querer de volta... não ...

Eleonora: É, é é... [cortando Jenifer]. E que que a gente faz agora?

Dr Otávio: Bom agora, vocês aguardem notícias minhas, que eu vou cuidar de tudo. E um grande abraço pro Dr. Giovanni. [Levantando-se].

Figura 13: Eleonora e Jenifer no escritório do advogado



Fonte: TV Globo (2004).

A TRISTEZA PELO ENCAMINHAMENTO DO BEBÊ A UM ABRIGO

No carro, primeiro em plano geral, depois em close-up, Jenifer e Eleonora conversam sobre a alta de Renato e o envio dele a uma instituição. Elas estão tristes pela separação e porque ainda não possuem uma casa, pois se já a tivessem, o bebê poderia ficar com elas, segundo o advogado.

Eleonora: Até amanhã Jenifer, o brigada, obrigada, obrigada. Hum, não canso de te agradecer. Obrigado pela força que você ta me dando viu?

Jenifer: Não tem nada que agradecer não Léo. Nós estamos juntas. E sabe, eu também to com meu coração apertado. Só de pensar que o Renato a partir de amanhã vai ser encaminhado pra uma instituição. Que horas que o pessoal do Conselho Tutelar da Criança vai lá no hospital buscar ele?

Eleonora: Ah, eu não quis nem saber. Não vou conseguir me despedir do Renato.

Jenifer: Léo... [fazendo um carinho no rosto de Eleonora]

[O tema instrumental de Jenifer e Eleonora (Norah Jones .Those Sweet Words), começa a tocar nesse momento].

Léo não fica assim vai. Olha, pensa que isso não é uma despedida. É o advogado mesmo, disse que você só não ficou com ele agora, porque cê ainda não tinha uma casa... Mas com o processo de adoção já em andamento, logo que o nosso apê ficar pronto, eu tenho certeza... O Renato vai ficar com a gente.

Eleonora: Deus te ouça Jenifer. A gente tem que aprontar logo esse

apartamento, o quanto antes.

Jenifer: Conta comigo viu...

Eleonora: Hum, eu sei que eu posso. Tchau.

Jenifer: Tchau. [Se despedem com um beijo].

Figura 14: Eleonora e Jenifer no carro



Fonte: TV Globo (2004).

A PREOCUPAÇÃO PELA VISITA DA ASSISTENTE SOCIAL

Eleonora e Jenifer já estão com o apartamento, que foi dado ao casal pelo pai de Jenifer, montado.

Nessa cena, em plano médio, que ocorre na sala, temos uma pequena ideia do como o imóvel é. Quando Eleonora passa pela porta vemos um pequeno corredor que dá acesso a cozinha americana e a sala. A cor é quase completamente bege escura, exceto pela parede rosa clara da bancada da cozinha e de uma parede azul clara em um canto ao fundo da sala. No corredor há um espelho médio e um puff retangular, os dois são bege. Sobre o puff há uma caixa de madeira com detalhes em vermelho e azul. Na parede a esquerda do corredor, vemos dois quadros médios, um acima do outro. O que está em cima possui borda preta e pintura em sépia e preto e o debaixo pintura em cinza e preto, ambos abstratos. Abaixo dos quadros dois vasos cilíndricos marrons. Na continuação dessa parede podemos ver uma pequena sacada com cortinas brancas. A lado esquerdo da sacada há um vaso de madeira com uma enorme palmeira dentro. Em frente a sacada, há duas cadeiras de mogno, com almofadas branca e azul e entre elas uma

mesa quadrada em pátina e sobre a mesa uma badeja branca, com um vaso de vidro e uma suculenta dentro. Em frente às cadeiras há um puff maior que o primeiro, mas de mesma cor e forma. Sobre ele duas revistas e uma bandeja vermelha com um vaso de vidro quadrado maior que o anterior e uma planta nele. Eleonora ao chegar, solta duas bolsas pretas sobre uma das cadeiras e senta sobre esse puff e fica de frente a Jenifer que está numa cadeira maior em mogno com almofadas brancas e três lugares. Da cozinha pouco vemos, na bancada há duas cadeiras brancas com almofadas verdes. E sobre ela, uma fruteira com maçãs vermelhas e verdes. Um abajur de metal cilíndrico, com cúpula bege. Abaixo dessa bancada, há uma mesa de mesma extensão que ela na cor cinza e ao fundo há uma geladeira, no interior da cozinha. Em Close-up, Jenifer conta que enquanto Eleonora estava fora, a assistente veio conhecer sua casa. Ela está preocupada porque teve que contar sobre o relacionamento delas.

Eleonora: Oi bonitinha. Desculpa a demora, mas sabe como é que é lá na casa da tia Do Carmo né, uma coisa atrás da outra. Quando eu fui ver já...

Jenifer: Aconteceram algumas coisas por aqui também Léo. [Cortando a fala de Eleonora].

Eleonora: O que... [Olhando surpresa para Jenifer].

Jenifer: É que a assistente social do juizado veio conhecer a casa.

Eleonora: Mas e aí como é que foi, que que cê disse pra ela? Cê falou que eu fui atender um paciente.... Ela olhou tudo e não preferiu voltar outra hora... que que... [sentando-se de frente para Jenifer inquieta e preocupada].

Jenifer: Ela disse que não veio para ver você e sim a casa. Eu tive que fazer as honras... [segurando os punhos de Eleonora].

Eleonora: Ela perguntou o que que você é minha?

Jenifer: Perguntou...

Eleonora: E você?

Jenifer: Eu disse a verdade Léo. Eu falei que eu sou sua namorada.

Eleonora: Não, fez bem devia ter dito isso mesmo.

Jenifer: Eu.... Não dava pra mentir nessa situação...

Eleonora: Não, claro que não. Oh meu Deus, só espero que isso não nos prejudique no processo de adoção do Renato. [Olhando para cima].

Jenifer: Ela foi muito discreta Léo, não deu pra saber [olhando para Eleonora preocupada].

Figura 15: Eleonora e Jenifer na sala



Fonte: TV Globo (2004).

A TÃO AGUARDADA LIGAÇÃO DO ADVOGADO

Vemos Eleonora, em close-up no corredor do hospital, quando o telefone toca, é o advogado trazendo novidades sobre o processo de adoção do bebê Renato. Para dar-nos suspense, a cena muda para a sala do apartamento do casal, onde através de plano americano e close-up, Eleonora revela em prantos a Jenifer que conseguiu adotar Renato.

Eleonora: [Telefone toca] Alô, oi Dr. Otávio, tudo bem? Não vai me dizer que tem novidades sobre o processo de adoção do Renato? O que, já tem uma resposta? [Advogado não aparece e nem sua voz é ouvida]

Jenifer: E aí? E aí? Fala Léo! Pelo amor de Deus! [Nervosa andando na direção de Eleonora que esta sentada].

Eleonora: E aí Jeni que [Começa a chorar]

Jenifer: Aí que que foi? Eles não deram o Renato pra você? Eles entregaram prum casal não foi? [agachada ao lado de Eleonora, segurando no braço da cadeira que ela está sentada, olhando-a].

Eleonora: Pra mim!

Jenifer: Hã?

[O tema de Jenifer e Eleonora (Norah Jones. Those Sweet Words), começa a tocar nesse momento].

[Long enough to hear those sweet words

Tempo suficiente pra ouvir aquelas doces palavras

And your simple melody

E a sua melodia simples

I just have to hear those sweet words

Eu só tenho que ouvir aquelas doces palavras

Spoken like a melody

Faladas como uma melodia

I just wanna hear those sweet words

Eu só quero ouvir aquelas doces palavras].

Eleonora: pra mim Jeni! [chorando copiosamente]

Jenifer: Mentira! [Começa a chorar]

Eleonora: O juiz decidiu por mim. O processo acabou Jeni! Eu sou a mãe do Renato! [As duas se abraçam, ambas chorando de felicidade].

Jenifer: O Renato é nosso Léo! Eu não tô conseguindo acreditar!

Eleonora: Eu achei que não ia rolar Jeni. Eu achei que não ia rolar pelo fato de eu ser gay, que eles iam optar pelo outro casal lá. Mas não, o juiz considerou o fato irrelevante e achou melhor dar pra gente, pelo vínculo emocional que a gente já tem com o Renato.

Jenifer: Aí meu amor! Que Vitória maravilhosa a nossa! Não, a gente tem que contar pro mundo inteiro! [levantando e abrindo os braços] Pro mundo inteiro essa nossa história! Pra todo mundo saber que é possível sim! [voltando a sentar de frente para Eleonora] Não, me diz o que é melhor pra uma criança? Viver abandonada aí na rua, sob ameaça constante de morte, exposta a todo o tipo de perigo, sem a menor perspectiva ou viver numa casa cheia de amor, com duas mães? Não é? [as duas olhando-se, com lágrimas nos rostos]

Eleonora: A justiça é que é sábia, escolheu a segunda opção! Não e isso pode ajudar a diminuir o número de crianças crescendo nos orfanatos, sem o amor de uma família!

Jenifer: E não e por falar em família, vamo contar pro nosso povo que a família ta crescendo! [Elas batem e seguram as mãos e riem].

Figura 16: Eleonora e Jenifer comemoram adoção de Renato



Fonte: TV Globo (2004).

Figura 17: Eleonora e Jenifer comemoram adoção de Renato



Fonte: TV Globo (2004).

PÁGINAS DA VIDA

Na segunda sequencia de cenas, temos o último capítulo de *Páginas da Vida* (2006), em plano americano, o casal formado pelo músico Marcelo (Thiago Picchi) e pelo médico Rubens (Fernando Eiras) debatem sobre a possibilidade de adotar e usam como exemplo um casal da vida real que realizou tal feito.

Marcelo: Caramba Rubinho, você se mexeu a noite inteira. Você sonhou, falou, você deu um verdadeiro show na cama.

Rubinho: Eu sei, eu sei... Eu tô preocupado, tô com medo. Com medo que a

gente se apegue a essa menina e depois a Margareth vai embora e a gente fica aqui, nós dois solitários, com saudades.

Marcelo: Calma, porque se ela se sentir protegida, se ela se sentir acolhida, não tem por que ela querer ir embora. Além do mais, a gente vai treinando para quando nós formos adotar o nosso filho.

Rubinho: Isso! É isso que a gente tem que pensar de verdade e colocar em prática.

Marcelo: Tá falando sério?

Rubinho: Claro que estou falando sério. A gente fica falando em adoção e nada... A gente tem que meter as caras. Você não viu essas caras de Catanduva. A gente se gosta Marcelo, a gente se ama de verdade. Nós temos problemas, como todo casal tem. Mas a gente se ama de verdade. Então, estamos esperando o quê para formar uma família de vez.

Marcelo: Eu estava esperando isso.

Rubinho: Olha. Nós também podemos ter o nosso filho. Nós temos esse direito.

Marcelo: Claro que a gente tem esse direito. Vamos adotar? Vamos dar um irmãozinho para a Quitéria.

Rubinho: É... Ou uma irmãzinha, né?

Marcelo: Ou uma irmãzinha.

Figura 18: Marcelo e Rubinho conversam sobre adoção



Fonte: TV Globo (2006).

AMOR À VIDA

A MENTIRA POR UM BEM MAIOR

A terceira sequência de cenas a ser verificada retrata a busca do casal Niko (Thiago Fragoso) e Eron (Marcello Antony) de *Amor à Vida* (2013), pela adoção do garoto Jayme (Kayky Gonzaga).

Na cena, que ocorre na recepção do Hospital San Magno, onde os personagens são apresentados primeiro em plano geral, depois close-up, Niko pede para que Eron diga a assistente social que eles continuam juntos, pois quando iniciaram o processo estavam em um relacionamento. Ele teme que ao saber do término da relação, a assistente envie Jayme novamente ao abrigo.

Eron: Então Niko, eu já comecei a aprontar a papelada. Acho melhor a gente resolver o assunto da casa, o mais rápido possível não?

Niko: Claro, eeu já falei com o meu gerente, ele disse que demora pouco tempo para sair o empréstimo. Eu também vou ligar para fazerem uma avaliação.

Eron: Eu também vou pedir uma avaliação.

Niko: Estranho né, quem diria que um dia a gente ia pedir uma avaliação da casa que a gente arrumou com tanto carinho...

Eron:É, a vida é assim Niko, as coisas acontecem...

Niko: Eu sei... Bom Eron, mas eu... Eu te chamei aqui porque eu queria te pedir um favor... Eu queria de coração que você dissesse que sim.

Eron: Do que se trata Niko? De repente você ficou tão sério.

Niko: Eron nós adotamos o Jayminho juntos e depois você e a Amarilys, aconteceu, o que aconteceu... Mas o fato é que qualquer dia desses a assistente social vai passar lá em casa. Vai aparecer fazendo perguntas, querendo saber se a gente tem um ambiente, um ambiente bom pro Jayminho crescer, ser educado.

Eron: Mas e daí?

Niko: E daí que eu queria que você dissesse que ta tudo bem entre a gente, que nós continuamos juntos. Eron senão o Jayminho vai ser mandado de volta para o abrigo. Olha, você sabe como eles são rigorosos com o processo de adoção, principalmente quando se trata de dois gays. E olha, só to pensando no bem do menino.

Eron: Mas... E depois? Um dia eles vão saber que estamos separados.

Niko: Ah, mas depois é... É como um casal hetero que adota uma criança e depois se separa. Eron eu tô me sacrificando para comprar a casa. Eu só tô te pedindo esse favor e é até sair a guarda definitiva do menino, só isso. Eu não quero perder o Jayminho.

Eron: Tudo bem. Eu digo que ainda estamos juntos. O importante é o menino e eu tenho certeza que com você, ele vai tá em boas mãos.

Niko: Brigado Eron. Nossa ouvindo você falar assim, deu vontade de te chamar de águia novamente.

Figura 19 : Niko pede para Eron dizer a assistente social que eles continuam juntos



Fonte: TV Globo (2013).

A LIGAÇÃO DA ASSISTENTE SOCIAL

A Assistente Social Carolina (Ana Paula Botelho) liga para a casa de Niko e Eron, quem atende é Amarilys (Danielle Winits), ela quer marcar um horário para que a psicóloga e ela conheçam a casa onde Jayme está morando temporariamente. A cena acontece em plano americano e close-up.

[Telefone toca, babá do filho de Niko atendeu e passou telefone para Amarilys].

Amarilys: Alô, aqui quem fala é Amarilys. Eu sou amiga do Niko e do Eron, será que eu poderia ajudar?

Carolina: Boa tarde. Meu nome é Carolina. Eu sou assistente social e eu gostaria de marcar a minha visita, junto com a psicóloga pra amanhã, pra verificar se

o ambiente que o Jayminho ta vivendo é saudável, pra ver se ele ta sendo tratado de forma adequada.

Amarilys: Então, eu, eu sei querida... Eu sei que o Niko... Bom, principalmente pro Niko, essa visita é, realmente, muito importante. Mas você pode marcar comigo mesmo. Faz isso, marca comigo, que eu falo pra ele e com certeza, ele vai ta aqui. Ta bem? Ta ótimo. Não, não, não... meia hora antes é melhor, porque esse horário é justamente o horário que o Jayminho ta saindo da escola e o Niko vai sempre buscar ele. Ta? Não, é... Assim, na hora que vocês chegarem aqui, eles vão ta chegando também. Não é perfeito? Ta certo. Não, pode deixar, eu vou falar com o Eron também sim. Ele vai ta aqui, não se preocupa não. Ta? Ta ótimo. Eu sei, eu sei que essa visita é, realmente, muito importante. Ta bom. Brigada. Tchau. É muito importante mesmo. [Olhando para Jayminho].

Figura 20: A assistente social liga marcando a visita



Fonte: TV Globo (2013).

A DISCUSSÃO PELA RETIRADA DE JAYME DA CASA

Em plano americano e close-ups na sala de Jantar, Niko expulsa Amarilys e Eron da casa, porque Amarilys omitiu a visita da assistente social e da psicóloga, além de contar a elas que Niko e Eron estavam separados e que ela e Eron estavam juntos e esses foram alguns dos motivos delas levarem o menino para um abrigo.

Amarilys: Escuta aqui Niko. Você acha que só porque você já comprou a casa, você pode expulsar a gente daqui de dentro! [Gritando].

Eron: A escritura ainda nem foi assinada Niko.

Niko: Não to mandando vocês embora por causa disso. Eu to mandando vocês embora porque a Amarilys é traiçoeira! Ela sabia da visita da assistente social e psicóloga. Ela, ela marcou essa visita! E ela não falou nada de propósito! [Aumentando a voz].

Amarilys: Eu só fiz, o que eu achei que fosse o certo!

Niko: É eu queria saber o que foi que você falou pra aquelas duas, porque com certeza, não foi nada bom! Quando eu cheguei aqui, elas já tavam decididas a levar o Jayminho embora! [Gritando].

Eron: O que você falou pra elas Amarilys?

Amarilys: Eu falei a verdade Eron. Eu falei que você ia se mudar comigo! E se você quer saber Niko, eu achei muito bom que elas levaram o Jayminho daqui! Ta! Porque você continua dando sinais de desequilíbrio o tempo inteiro aqui dentro! [Gritando].

Niko: Que que você queria que eu tivesse? calmo? Você roubou a minha família! E quando eu tinha alguma esperança, o menino que seria meu filho, que eu podia chamar de meu, o Jayminho. Você deu um jeito de levarem ele embora! Cê queria que eu fizesse o que hein? Que eu sorrisse? Que eu dissesse que ta tudo bem? [Gritando].

Amarilys: Niko eu só fiz o que eu achei o certo! E se você quer saber, foi o melhor pro Jayminho! Foi muito melhor pra ele! Eu acho que... o menino... ele precisa de um modelo de pai. Ele precisa ter alguém pra se espelhar! Na verdade, ele precisa de um homem!

Niko: Entendi tudo, agora. Tudo. Quer dizer que você é dessas né Amarilys... Dessas que da boca pra fora diz que não tem preconceito. Mas que na hora do vamo ver é um poço de preconceito.

Eron: Cê ta pegando pesado Niko.

Amarilys: Deixa, eu já to mais do que acostumada. Aliás, você sabe que o Niko, ele sempre me tratou muito mal.

Niko: Escuta aqui! Agora, que você mostrou quem você, realmente, é Amarilys. Me diz uma coisa, que que você ta fazendo com o Eron hein? [Apontando para Eron e ironizando]. Porque ele era meu companheiro, até você se mudar pra cá, claro. Aí meu Deus, como eu me arrependo de ter te trazido pra essa casa

Amarilys: Niko você é o tipo de gay que sempre vai ser gay, meu amor! Já o Eron não, ele só precisava encontrar óh a mulher certa! [Apontando para si com as

mãos].

Niko: Ahahaha Ahahaha [Rindo e apontando o dedo indicador para Amarilys]. Quer dizer que é isso que você acha, que você é Amarilys? Você acha, que você é a mulher certa? Você acha que você ensinou o Eron a gostar de mulher? É isso?

Eron: Olha, antes de ser seu companheiro, eu já tinha morado com uma mulher e namorado várias. Cê sabe disso, eu me apaixonei pela Amarilys.

Niko: Aí, sabe águia, tenho pena de você. Ninguém pode passar a vida toda, mentido para si mesmo. [Balançando a cabeça em sinal de desaprovação].

Amarilys: Aí Eron, me ajuda, me ajuda a ir pro quarto que eu já to, já to me sentindo mal com essa discussão toda aí. Enfim vai ser melhor.

Niko: Escuta aqui, mais um detalhezinho... vocês dois vão embora daqui o mais depressa possível, mas o Fabrício fica! [Apontando para o bebê].

Amarilys: Eu não vou deixar o meu filho aqui!

Niko: Ah, mas eu chamo a polícia, eu chamo os bombeiros eu chamo tudo!!! Mas esse menino fica! [Estalando polegar, médio e indicador e gritando].

A cena muda para o quarto de Amarilys, agora em plano médio e close-up, Eron diz que ela não deveria ter interferido na adoção de Jayme e justifica que fez o que achou que era melhor para o menino.

Eron: Você não devia ter interferido na adoção do Jayminho, Amarilys.

Amarilys: Aí, eu só quis ajudar o garoto Eron. E depois eu vejo, aí brigada, [Eron a ajuda a sentar-se na cama], todos os dias, os pitis que o Niko dá aqui. Eu sei, aliás eu sei não, eu tenho certeza que ele não tem a menor condição emocional de criar o menino! Agora, o problema é que a gente vai ter que sair dessa casa o mais depressa possível Eron. O clima já está ficando insuportável, já está insuportável.

Eron: Ta, ta bom. Eu vou procurar um flat. Só que eu acho, que eu não vou poder fazer isso amanhã, eu to atolado de reuniões.

Figura 21: Niko expulsa Amarilys e Eron da casa



Fonte: TV Globo (2013).

Figura 22: Niko expulsa Amarilys e Eron da casa



Fonte: TV Globo (2013).

A CONCESSÃO DA GUARDA PROVISÓRIA DE JAYME

Na cena final a ser analisada de *Amor à Vida*, primeiro em plano geral, depois americano, vemos a audiência de Niko, que está acompanhado pela advogada Silvia (Carol Castro), com o Juiz, interpretado por Mário César Camargo, nela Niko consegue a guarda provisória de Jayme.

Juiz: Parabéns Niko, agora você tem a guarda provisória do Jayminho. E eu sei que você vai fazer bom uso dela. [Sorrindo e apontando para Niko].

Niko: Nossa senhor Juiz, olha é o melhor de todos, o melhor de todos mesmo, viu. Eu to, eu to muito feliz por o senhor me conceder a guarda do Jayminho nossa!

Eu só não entendo porque a guarda tem que ser provisória? [Sorrindo emocionado].

Advogada: Niko é a lei que determina que o processo de adoção, seja iniciado com a guarda provisória.

Juiz: Exatamente. Mas, eu tenho certeza que o Jayminho vai ser muito feliz na sua casa e que você logo vai poder ter a guarda definitiva. E olha, o Jayminho vai poder usar o seu nome. [Niko levanta-se feliz e vai até Silvia].

Niko: Da licença senhor Juiz. Obrigado! [Abraçando Silvia].

Advogada: Imagina cê merece!

Niko: Desculpa doutor. Olha, eu, eu não consigo nem expressar, o que isso significa pra mim. Eu sempre quis ter um filho e quando eu conheci o Jayminho, eu tive certeza, eu senti que ele seria meu, assim como foi com o Fabrício também. Mas, eu sei que isso é outra história.

Advogada: Outra história! Foco! [Olhando séria para Niko e gesticulando com a mão para parar].

Niko: É eu sei é outra história, isso... E olha, eu fico muito feliz por o senhor ter me dado a guarda desse menino, assim com tanta tranquilidade, principalmente sabendo que eu sou gay.

Juiz: Eu sei que existe muito preconceito por aí. Olha, mas a lei não discrimina. Hoje, um gay tanto pode adotar uma criança, quanto um heterossexual, entendeu. Essa história de que uma criança educada por um gay vai ser gay, não tem o menor fundamento.

Niko: Ah claro que não né! Até porque se a gente for parar para pensar né gente, a maior parte dos gays é filho de casais heterossexuais, não é verdade?

Juiz: Olha, eu admiro muito a sua atitude [Levantando-se da cadeira], porque você adotou um menino crescido e não um bebê, como faz a maioria, não é? Mas, existem ainda muitos meninos e meninas à espera de uma família que lhes dê amor.

Figura 23: Juiz concede a guarda provisória de Jayme para Niko



Fonte: TV Globo (2013).

A cena muda para uma loja, onde Niko acompanhado da advogada compra presentes para Jayminho e para as crianças do abrigo. Depois, a cena muda novamente para o abrigo, onde a Assistente Social Carolina, confere a ordem do juiz, entregue pelo oficial de justiça.

Advogada: Vamo Niko!

Niko: Pega aqui pra mim pega. [Entregando duas caixas à Silvia].

Advogada: O oficial de justiça já deve ter ido pro abrigo, entregar a ordem do juiz. Que que isso? Você comprou metade da loja foi?

Niko: Comprei.

Advogada: Tudo isso pro Jayminho?

Niko: Não, não, tô pensando nas crianças do abrigo. Cê sabe, se eu pudesse, eu levava todas elas pra minha casa, mas eu não posso. Então, como ta chegando o natal, resolvi dar uma antecipadinha no natal.

Advogada: Cê tem um coração muito generoso sabia?

Niko: Imagina só gosto de ver crianças felizes. [Olhando para Silvia].

Advogada: Vamo! Vamo, que a gente tá atrasado!

Figura 24: Niko compra presentes para crianças do abrigo



Fonte: TV Globo (2013).

[A cena muda para o abrigo].

Carolina: [conferindo a ordem do juiz, entregue pelo oficial de justiça]. Ta tudo certo! Parabéns Niko, você conseguiu! Vamo arrumar a mala do Jayminho?

Niko: Vamos! Mas, antes, Cê me deixa bancar o papai Noel? [Levantando-se do sofá].

[Cena termina com Niko abraçando Jayminho e distribuindo presentes para as crianças do abrigo em plano médio].

Figura 25: Niko indo buscar Jayme no abrigo



Fonte: TV Globo (2013).

PÉ NA COVA

O PEDIDO DE SERMANCINO

Nessa quarta sequência, a análise se concentra na cena em plano geral e close-ups, em que o menino Sermancino (Gabriel Lima) pede para ser adotado por Tamanco (Mart´nália) e Odete Roitman (Luma Costa), em episódio da série *Pé na Cova* (2013).

Markassa (Maurício Xavier), irmã de Tamanco, vem da feira acompanhada de Sermancino que está carregando suas compras, em um carrinho improvisado de madeira, até a oficina de Tamanco. Logo depois, Odete Roitman desce da Kombi, que funciona como van, ela e tamanco começam a conversar sobre o relacionamento, quando Sermancino propõem que elas o adotem.

Sermancino: Porque que tu vai sempre a feira vestida de mulher?

Markassa: Ah porque os feirantes já me conhecem, já tem intimidade, não é... Ah e demais a mais, se eu fosse vestida assim de ocó, ocó quer dizer homem, eu podia ser assim, marginalizada. [Eles chegam à oficina e encontram Tamanco].

Sermancino: E aí, Tamanco, tudo bem?

Tamanco: Tudo certo e tu ta conseguindo tirar um troco na feira?

Sermancino: mais ou menos.

Markassa: Ah coloca as compras ali em cima, apontando para uma mesa de escritório, que depois eu guardo tá, por favor. Deixa eu te ajudar. [Odete chega nesse momento].

Odete: fui lá no mercadão fazer umas compras para a filmagem e aproveitei e comprei a cueca que tu gosta, tava na promoção.

Tamanco: Brigado. Caro?

Odete: Não. Nada não, é presente.

Tamanco: Odete queria que tu pensasse naquilo que eu te falei...

Odete: Ah Tamanco, eu acho que pra gente não tem mais jogo. Eu quero alguém que me assuma, eu não quero ficar pulando de galho em galho, eu quero construir uma família.

Sermancino: Oh! Se quiser eu me candidato para a família. Sou órfão, moro com uma tia maluca, que volta e meia me espanca e me joga na rua, mas eu tenho um pensamento positivo e uma grande simpatia pelo terceiro sexo. Posso ser um

bom filho, que tal?

Markassa: Ah e tu ia gostar de ter duas mães e um tio traveco?

Sermancino: Uma coisa eu garanto, ninguém ia ter uma família feito a minha!

Markassa: Aaah que lindo! Que gracinha! Por causa disso, tu vai ganhar gorjeta dobrada. Ahahaha

Sermancino: Pensa no meu caso, meu sonho é ser adotado por duas sapatão, posso ser um bom filho para vocês.

Figura 26: Sermancino pede para ser adotado por Tamanco e Odete Roitman



Fonte: TV Globo (2013).

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO

A ADOÇÃO RELATADA POR PAIS REAIS

Na última sequência de cenas, vamos analisar trechos de quatro episódios da série documental *Histórias de Adoção* (2016), onde quatro casais de pessoas do mesmo sexo relatam como foram os processos de adoção de seus filhos.

FÁBIO E MARCOS

No primeiro episódio escolhido, em plano americano, Marcos Gladstone e Fábio Inácio contam, com detalhes, como foram as adoções de Felipe, Davison e Hadassa.

Marcos: Faltava uma coisa na nossa vida né? [Se ouve a voz de Marcos, enquanto cenas de Fábio na piscina com as três crianças é mostrada]. A gente tinha uma casa, a gente tinha um casamento estruturado e tinha um vazio dentro de casa, que ainda faltava ser preenchido né? [Fábio e Marcos olhando para câmera] E aí o Fábio do nada falou assim: “Marcos a gente vai, vai porque vai adotar, a gente vai lá na vara, a gente vai procurar” e bateu o pé que a gente ia de todo o jeito e aí eu falei: “Então vamos”. [Cena de Marcos em plano aberto observando Fábio, brincando com Hadassa na Piscina] O processo começa indo a vara né? E com um grupo né? E o Fábio assim, ele é mais atirado do que eu em todos os aspectos, mas em relação a questão da orientação sexual, às vezes, ele ficava um pouquinho mais recatado né? O que eu achei interessante, principalmente na vara, foi o acolhimento né? Na verdade, já se falou: “Olha é possível, casamento, relacionamento é, casais homoafetivos adotarem”. Isso já foi muito bem explicado. Então, deixou a gente muito à vontade. E, na verdade, a gente vê que era um medo que era nosso né? Assim, da gente de repente ser rejeitado. [Cena de Fábio brincando com Hadassa na piscina].

[Cena de Felipe brincando com Hadassa na Piscina, com voz de Fábio no fundo].

Fábio: E aí quando o telefone tocou, a menina falou: “Olha a gente tem um menino né? Pra apresentar pra vocês, mas ele tem um probleminha”... Falei: “Qual o probleminha”? Ela falou: “Ele tem seis anos e daqui há duas semanas, ele vai fazer sete anos. [Cenas do casal com Felipe e Hadassa na piscina]. Vocês aceitam conhecer? ” Aí a gente falou assim: “Poxa a gente aceita”. Eu tinha, eu tinha muito medo de não ser aceito pela aquela criança né? [Fábio é mostrado em close-up]. Devido à questão da nossa orientação sexual.

[Cena de Fábio nadando com Felipe e Davison, com voz de Marcos no fundo].

Marcos: E a gente tinha feito um perfil aberto né? E o Fábio falou assim: “Ah, eu acho que eu vou colocar do Estado da Paraíba”. Ele foi e marcou e quando a gente tava indo pra vara, a gente não sabia ainda o nome né? E eu falei assim: “ Ah Fábio se puder mudar o nome, eu vou botar de Felipe o nome dele”. [Marcos aparece em close-up]. E a gente foi indo, foi conversando né? E aí, a gente chega lá, é apesar da adoção ser feita aqui no Rio de Janeiro, ele era do Estado da Paraíba e o nome dele Felipe.

[Imagens do abrigo, do lado de fora, em plano aberto].

Fábio: [Em close-up]. E aí a gente, tocou a campainha, a gente entrou. Eram assim, mais ou menos, umas três horas da tarde. Ele tinha acabado de acordar, ele tava com uma cara feia, emburrado né?. [Marcos e Fábio em plano americano].

Marcos: Ele já tinha falado pra gente que ele não queria ser adotado.

Fábio: Que ele não queria família, que ele não queria família e sempre emburrado.

Marcos: Nós seríamos o primeiro casal que ele veria.

Fábio: E falavam também... conversando... “Ah porque o Felipe, ele é meio preconceituoso... [cena em plano geral, das chuteiras e quarto dos meninos no abrigo]. [Felipe em close-up]. Não gosta disso, não gosta daquilo outro e tal... E eu falei: “Poxa será que ele vai gostar da gente?”. [Marcos e Fábio em plano americano]. É aquela angustia né? Porque a gente sabe que nós somos uma família diferente. É normal, mas é algo diferente. [Fábio em close-up]. E aí ele falou assim: “O tio?” Aí eu falei: “Oi?” Ele falou: “o que que é isso na sua mão?”. Aí eu falei: “Ah, isso aqui é um presente”. Ele falou: “Presente? Presente pra quem?”. Aí eu falei: “Presente pro meu filho”. Aí ele falou: “Ué, você tem filho?” Aí eu falei assim: “Tenho”. “Onde que ele mora?” Aí eu falei: “Meu filho mora aqui ó [Batendo com a mão direita no peito esquerdo] no meu coração”. Aí ele falou: “Ué tio, como seu filho mora no seu coração?” [começando a chorar]. Aí eu falei assim: “Não, porque eu to procurando, eu to procurando alguém pra ser, pra ser meu filho”. Aí ele falou: “Pode ser eu?” Assim, aquele ali, foi o dia [Lágrimas escorrem pelo rosto de Fábio], aí gente desculpa, mais feliz da minha vida.

[Cenas de Fábio em plano geral, brincando com as crianças na piscina, na rede, na quadra de esportes].

Fábio: A pessoa pensa que adoção é você ir lá no abrigo, você olhar uma criança, como se você vai no mercado, olha uma mercadoria e você pega isso e leva pra casa. Não é. O x da adoção é você ser adotado e aquela criança entrar na sua vida, ela querer fazer parte da sua vida. [Cena em plano americano da família abraçados, sentados no sofá].

[Cena do corredor da casa, de longe, em plano geral, Felipe, visto de lado, sentado na cama].

Fábio: Mas, faltava alguma coisa e eu precisava contar pra aquele menino, que tinha me aceito, que eu era diferente. [Cena de Fábio, em plano geral, com Hadassa no sofá]. “Por que que você não tem mãe?” “Porque você é amigo do meu pai Marcos né?” Eu falei: “Não! [Fábio em close-up]. Eu sou casado com ele!”. Aí ele olhou pra mim e falou assim: “Casado?” [Marcos e Fábio em plano americano]. Eu falei: “É, a gente casou”. Eu peguei o álbum de casamento, mostrei pra ele. “A gente casou!”. Aí ele falou assim: “Pai, eu vou amar vocês, do jeito que vocês são. Eu quero é uma família”.

Felipe: [Andando, em plano sequência]. Não gosto de fala muito do meu passado, só do meu presente e do futuro. Eu queria ser advogado, porque meu pai é advogado. Ah eu acho legal o que ele faz.

Entrevistador: O que que é família pra você?

Felipe: [Sentando num banco em close-up]. Ah, é tudo! Carinho!

Fábio: [Cena de Felipe, em close-up, no carro]. E os dois estavam pra adoção, naquele abrigo. E quando Davison viu aquele movimento, [Cena de Davison em plano americano na praça] que criança é esperta né, de adoção do Felipe, Davison se aproximou da gente. Aí o Davison veio pra gente e falou assim: “Você pode me levar também?”.

Davison: [Em close-up]. A minha mãe foi, ela não quis ficar mais com a gente. Aí a gente foi pra casa do meu avô, foi eu e meus irmãos. Aí meu avô, ele não quis ficar com a gente e levou a gente pro abrigo. Eu queria que eles viessem comigo. Ai não deu, não podia eu acho.

Marcos: [Cena, em plano americano, dos meninos no banco detrás do carro]. A psicóloga falou que ele tava em processo de depressão, né? Que o sonho dele era ser adotado por nós dois, né? Tinha aquele sonho na vida dele. E parecia que tava, que tinha acabado, né? Porque a gente não ia mais, não tinha mais o direito de ficar fazendo aquelas visitas, né? E chegou o Felipe e tudo. E aí, ele pediu pra poder ser adotado pela gente, assim foi algo que partiu dele, “Eu quero eles dois como pais!”.

Davison: [Em close-up]. É meu pai adotou ele né? Aí, eu não sei porque adotou ele primeiro. Acho que por causa de certidão, eu não sei. Aí não entendi, eu não entendi primeiro. Aí levou ele né, aí tinha um dia que eu fui para escola chorando, que ele não tinha me adotado [cena dele e Felipe no banco detrás do carro]. Aí chegou um dia e me levou também para ser adotado. Aí me adotou.

Marcos: [Em close-up]. O Felipe, ele não queria irmão né? Ele achou que iria ser só ele, como também não queria uma irmã. Ele falou: “Não, tem que ser só eu, só! ”. [Marcos e Fábio em plano americano]. Mas a gente falou assim: “Não, a gente é uma família né? E a gente tem que aprender a lidar com as diferenças, com as novas pessoas, com todo mundo que tiver chegando.

Fábio: E aí eu fui pra um e acabamos com dois. [Imagem da foto dele e Marcos com os meninos].

Figura 27: Fábio e Marcos no aniversário do filho



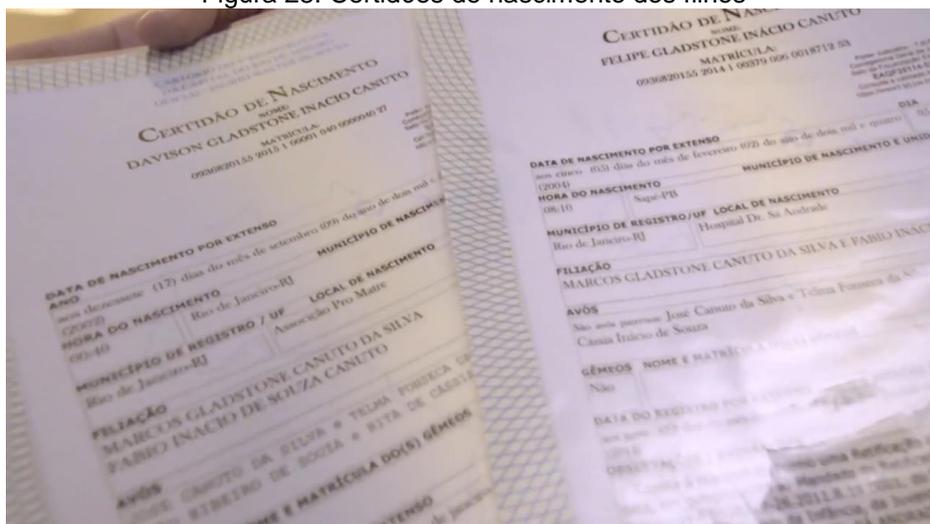
Fonte: Canal GNT (2016).

Fábio: Essa aqui é a etapa final do processo, [certidões de nascimento e carteiras de identidade em plano de detalhe] a justiça, ela reconhece aquilo que o amor já tinha reconhecido há muito tempo, né? Com dois pais na certidão de nascimento. [Foto de Marcos e Fábio com os meninos].

Marcos: [certidões de nascimento e carteiras de identidade em plano de detalhe]. O processo de adoção, ele tem um prazo longo. Foram quatro anos, o processo todo demorou mais ou menos uns quatro anos. Foi muito interessante, [em close-up] foi um dos dias mais especiais, até pra ele assim né? Porque ele queria ver como tinha ficado o nome dele. [Felipe em close-up, brincando com Hadassa] “Pai eu quero ver, eu quero ver” e a gente não entendendo na hora de pegar a certidão, né Fábio. “Pai, pai, eu quero ver, eu quero ver”, e ele viu e parece que tranquilizou ele, assim, né? Deu, deu uma paz assim, na verdade, ele tava vendo... e veio logo, primeiro a dele, depois a do Davison e foi assim, muito emocionante. E começa um novo tempo, marcar aí, legalmente, uma nova história um novo tempo.

Fabio: [imagens em plano geral dele e Marcos fazendo exercícios na praia com os meninos e na igreja com Hadassa]. A gente já tinha uma família feliz, completa, realizada, mas sentia que tinha muito homem, né? Eu falei então vamo entra na fila pra gente ir lá e adotar uma princesinha, né? Pra mandar na gente aqui em casa e hoje em dia, ela manda.

Figura 28: Certidões de nascimento dos filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

Figura 29: Fábio e Marcos com os filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

Figura 30: Fábio e Marcos com Hadassa



Fonte: Canal GNT (2016).

ROGÉRIO E WEYKMAN

No segundo episódio, Rogério Koscheck e Weykman Padinho descrevem os passos para a adoção dos irmãos Juliana, Maria Vitória, Anna Claudia e Luiz Fernando.

Juliana: [Em close-up]. Eu pensava que ia ser adotada sozinha, sem os meus irmãos. Aí um dia a psicóloga me chamou lá na secretaria e me perguntou se eu queria uma família sozinha ou com meus irmãos? Eu falei com meus irmãos.

Rogério: [imagens das crianças brincando em um parque em plano geral]. Nós que começamos com um perfil que o Weykman sempre fala que é o perfil racional, porque em determinado momento no processo a gente tem que marcar xizinho lá, quantas crianças tem, etnia, doenças tratáveis, é muito difícil né? Chegar naquele ponto das opções foi muito complicado e a partir daí, nós colocamos no perfil pra duas crianças, [Rogério em close-up], aí depois porque não três? Depois, sete anos? Porque não oito, nove? Não faz grande diferença né?

Weykman: [Em close-up]. A gente participou da primeira reunião, que é uma reunião aberta, que é uma reunião pra informar a pessoas né, como é que funciona a adoção. Lá a gente foi recepcionado por uma psicóloga e uma assistente social que foram uma grande surpresa pra gente, em relação a preconceito, não houve nenhum. Nós ficamos com certo receio de apresentar uma adoção pelo casal em si e perguntamos pra ela: Ah a gente vai fazer essa adoção separado ou junto? E ela questionou: “Ah vocês são um casal?” Somos. “Então, junto. Não tem porque fazer

separado”. E aí, a gente entrou pra reunião assim bem tranquilo, porque já viu que a porta de entrada tava ali e tava nos chamando.

Rogério: [Em close-up]. Nós recebemos a ligação de que havia quatro crianças num abrigo específico da zona oeste do Rio de Janeiro. E quando veio a possibilidade de conhecermos os quatro, nós ao invés de ficarmos com dúvidas, né? Pô são quatro, nós vamos ficar com quatro? Nós já começamos a pensar nas questões práticas em como é que vamos dividir o quarto? Se tiver que mudar de nome, não pensamos num terceiro, num quarto nome, em padrinhos, ou seja, a gente não tava questionando os quatros, a gente já tava procurando as soluções.

Rogério: [Em plano americano sentado ao lado de Weykman]. Fomos pra visitação, a visitação pública com todas as crianças, eram 23 crianças no abrigo. E a mais velha logo teve uma interação maior com ele, mostrou o caderno de inglês pra ele, perguntou se ele sabia alguma coisa de inglês. E em determinado momento perguntou pra ele: “Vocês são irmãos?” Aí ele, não, somos casados. Ela olhou: “Que nem o Niko e o Félix”? Que eram os personagens da novela. E ele é. Ela ah, tá. Ah, tá e ah, tá até hoje, né?

[Cena do casal passeando com os filhos em plano geral].

Figura 31: Rogério e Weykman com os quatro filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

Juliana: [Em close-up]. Quando eu morava no abrigo, eu nem sabia que existia dois pais. Eu pensava que era mulher e o homem. Eu pensava que não tinha dois pais. Eu pensava que isso não existia, na verdade, né? Só que depois que eu vi uma novela, acho que foi *Amor à vida*, aí depois que eu fui ver que existia homem

com homem. Eu falava homem sexual.

Rogério: [Em plano americano, dentro do carro, com Weykman e os filhos]. Agora, a gente vai sacramentar um dos dias mais felizes de nossas vidas. No coração, na alma, eles já são nossos filhos, mas, agora vem à oficialização.

[Cenas de Rogério e Weykman no carro com os filhos]. Se me contassem há cinco anos atrás que isso seria possível, eu diria que a pessoa estava fantasiando completamente. Ta com quem eu amo, a gente com quatro filhos e nossos pais, tudo junto é inimaginável. Então, isso é família, isso é felicidade.

[Cena de Rogério e Weykman chegando, com as crianças, à 1ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso do Rio de Janeiro].

Dra. Silvana Monte Advogada, Presidente da Comissão de Adoção do Instituto Brasileiro de Direito de Família: [Em close-up]. Hoje é a audiência de adoção das quatro crianças, onde serão ouvidos os requerentes, né? O Rogério e o Weykman e a Juliana. Porque a Juliana já tem 12 anos e ela precisa se pronunciar sobre sua intenção ou não de ser adotada. E daqui, eles já saem com a certidão de nascimento das crianças no nome deles, né? Já saem com tudo finalizado.

[Em plano geral, Juliana é levada à Sala de Audiência 1].

Figura 32: Juliana é encaminhada a sala de audiência



Fonte: Canal GNT (2016).

Na cena seguinte vemos, em plano geral, Rogério ao lado de Weykman e da Dra. Silvana Monte, sala de audiência.

Dr. Pedro Henrique Alves Juiz Titular da 1ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso da Capital-RJ: Senhores fechamos os dois processos. Com a assinatura

dos termos dessa audiência, em relação a esses dois processos, os senhores passam a serem os pais das quatro crianças. E, é muita responsabilidade. Eu acho que o mais importante é querer acertar e dar muito amor a essas crianças, que é o que elas precisam. Eu, realmente, desejo aos senhores e principalmente as crianças, muita felicidade agora nessa nova vida, junto ao casal. [Rogério e Weykman agradecem]. Os senhores assinando então, passam a efetivamente, sobre todos os aspectos serem os pais das crianças.

O episódio encerra com Rogério e Weykman abraçando as crianças em plano americano.

Figura 33: Juiz concede a guarda dos quatro filhos a Rogério e Weykman



Fonte: Canal GNT (2016).

ALEXANDRE E FRANCISCO

Assim como Rogério e Weykman, Alexandre e Francisco também adotaram irmãos. No terceiro episódio de *Histórias de Adoção* selecionado, o casal relembra as adoções de Gabriel, Pablo e Patrick.

Francisco: [Em close-up]. A gente queria, até por mais questão dele, mas a gente queria ter algumas coisas já básicas garantidas, pra não ser pego de surpresa. [imagens da rotina deles com os meninos em plano geral]. Assim que a gente conseguiu apartamento, bom agora já dá pra começar a fazer o processo de habilitação. Então, depois que a gente quitou o apartamento, um ano e quatro meses depois, a gente tava habilitado.

Alexandre: [imagens dele em plano geral, organizando as camas dos meninos]. Nos fomos tratados como candidato de adoção como outros qualquer. Fomos tratados igual a um casal hetero, igual a quem vai fazer uma adoção monoparental, igual. A vara não fez diferença nenhuma, nos não sentimos nenhum preconceito ou qualquer diferença por causa disso. [imagens em plano geral de uma praça vazia]. As pessoas acham que pode demorar muito, mas demora muito se você não fizer o perfil, se você tiver um perfil amplo, por exemplo, os nossos meninos, que foi uma adoção tardia, mas eles são meninos lindos, meninos saudáveis, meninos ótimos. E eles tavam no sistema há cinco anos, ninguém adotava eles e em uma semana a gente se habilitou e foi conhecê-los. Acho que isso é uma informação que os adotantes precisam saber, que se você tem um perfil mais amplo, você vai adotar rápido.

Francisco: [Em plano americano sentado ao lado de Alexandre]. A criança que a gente colocou no processo de habilitação era uma criança até seis anos, aí a gente não especificou cor/sexo. Inclusive no dia que a gente foi pegar o certificado, a gente falou com a assistente que tava lá, a gente ta querendo abrir nosso perfil pra criança um pouquinho maior, uma criança que talvez tenha um irmão. Ela virou pra gente “ta, eu vou ficar com o perfil de vocês posso? Semana que vem eu ligo”. E aí ligou. [Foto de Alexandre e Francisco com os meninos].

Alexandre: Aí ela ligou né? A gente foi lá pra Vara da Infância, nervosíssimos, aí ela chegou lá. Quando a assistente social chegou, ela tava com uma folhinha assim impressa, né? E uma folhinha amassada na mão. Aí eu olhei pra ela entrando assim... E já falei nossos filhos tão naquela folha. [Foto de Alexandre e Francisco com os meninos]. Aí ela leu tudo, a gente ficou meio assim, não muito interessado e ela falou tem esses três aqui.

Francisco: Não, esses dois.

Alexandre: Esses dois, ela tinha oferecido dois pra gente. A vara tava separando eles, porque eles já tavam no sistema há cinco anos, não tavam conseguido adotar os três juntos. E a gente ficou naquela, como é que a gente vai separar os irmãos? Como é que a gente vai separar os irmãos?

Francisco: A gente não conseguiu chegar em casa. A gente foi direto no colégio ver se a gente tinha condições de pagar escola pros três, não tinha. Porque o primeiro colégio que a gente pensou em colocá-los não dava. Ah como é que a gente vai fazer? Vai colocar eles três em meio período? Colocar alguém em casa?

Tá vamo tentar fazer isso, mas quem vai ficar em casa com eles meio período?

Alexandre: Até que eu liguei para o meu pai e falei assim: Pai, na última alternativa... Primeiro eu falei assim, pai olha só, não é um não, são três. Na última alternativa, cê fica meia parte do dia com eles, pra gente poder trabalhar?

Francisco: Depois que ele respondeu “Cê ta louco”...

Alexandre: É ele respondeu “Cê ta louco, mas fico sim, pode deixar! são os meus netos”.

[Imagens de Alexandre brincando com os meninos em plano geral].

Francisco: Ter adotado os três foi a decisão correta.

Alexandre: Em todos os níveis, o mais importante foi eles terem ficados juntos.

[Foto de Alexandre e Francisco com os meninos].

Alexandre: [Em close-up]. São eles, eu já naquele momento específico, eu reconheci eles como meus filhos. [imagens, em plano geral, de Alexandre e Francisco com os meninos em um parque]. É uma temporalidade esquisita né? Porque você pensa que foi instantâneo, como é que é isso? Como é que é esse amor que surge instantâneo? Eu não sei explicar direito, o que que aconteceu, mas houve um reconhecimento ali. E a partir de então surgiu.

Francisco: Essa proximidade, esse afeto maior, ele vai se construindo. Pra mim pelo menos, não foi uma coisa que veio de repente. Veio sim, eu sou pai hoje, agora eu sou responsável, eu tenho obrigação, eu tenho que fazer isso. Então, essa carga de responsabilidade, de coisa que você tem que ter, isso foi instantâneo, porque é uma decisão que você toma. Agora, o carinho, a questão da proximidade, isso foi se construindo. [Foto de Alexandre e Francisco com os meninos]. Hoje em dia, se um não tiver aqui é assim, não é só a questão de sentir falta porque não ta fazendo bagunça [risos], tem essa parte também. Mas, parece que ta faltando um pedaço.

Figura 34: Alexandre e Francisco com os três filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

Francisco: [Em close-up]. Foi depois de oito meses que eles estavam aqui que saiu a certidão. Nesses oito meses, eles tinham as atividades normais, a vida normal. Saiu esse documento, a partir do momento que saiu parece que eles se liberaram. Tirou um peso das costas, porque eles passaram a ser muito mais, muito assim, mais verdadeiros, mais naturais...

Alexandre: Mais espontâneos.

Francisco: Mais espontâneos, até aprontavam mais. Mas, assim, foi de repente, do dia que falou isso pra frente, houve uma mudança e deu pra perceber essa mudança.

Na cena final escolhida, Patrick, em close-up, explica de sua maneira como foi o processo de adoção.

Roberto Berliner Diretor *Histórias de Adoção*: Você lembra quando seus pais te adotaram?

Patrick: [Em close-up]. Foi no ano passado. Primeiro, ele trouxe alguns, muito lanche pra gente comer. Aí depois a tia Kátia conversou com a gente e falou “Ah, vocês tão gostando dos seus pais?” E a gente, sim. Aí a gente foi na audiência e o juiz liberou e a gente foi adotado. Fiquei feliz, porque é bom ter uma família.

Figura 35: Alexandre e Francisco com os três meninos



Fonte: Canal GNT (2016).

ELISABETH E JACQUELINE

No quarto e último episódio, Elisabeth e Jacqueline recordam as adoções de Saulo e Priscila.

Jacqueline: [imagens dela e Elisabeth, em plano geral, brincando com as crianças no sofá]. Eu queria filho, sempre quis filho, desde pequena. A minha mãe me conta, que quando eu tinha dois anos, ela me perguntava o “que você quer ser quando crescer?” eu falava, ah quero ser mãe! E era louca pra ter filhos. Então, quando a gente começou, eu falei, ih agora não vai dar.

Elisabeth: [Em plano americano, sentado ao lado de Jacqueline]. E eu também, eu da minha parte, eu pensei assim, bom já que eu to com a Jacqueline, não vai ter como. Eu não pensava em filhos, a verdade é essa. Eu sempre gostei muito de criança, sempre tive maior jeito com criança, mas a partir do momento que eu comecei a ter uma relação com a Jacqueline, eu pensei inviável.

Jacqueline: No começo, a gente tentou tratamentos. Vamo engravidar eu, você, você é mais nova, você é mais velha. Aí a gente tava tentando, fomos no médico e ele falou assim, “olha chances são muito poucas, mas cês podem tentar, mas se eu fosse vocês também pensava em adoção, cês pensam nisso?” Pensa , mas tamo aqui tentando... Eu queria ter um filho... Pensava, achava que isso era importante, cheguei a engravidar, perdi o neném com quatro meses.

Elisabeth: Nesse período da gravidez dela, fiquei me sentindo assim total... Foi um horror pra mim. Porque aí, realmente, a gente ia fazer as ultrassonografias,

ela... “ah quem é o pai?” “Quem é a...” Eu fiquei me sentindo... Foi péssimo!

Jacqueline: Saímos do médico com essa ideia da adoção. Falei Beth vamos? “Vamos!” e aí já pegamos os documentos tudo, tinha que fazer um curso, tinha que se inscrever na vara. A gente já saiu já se inscreveu, já fez o curso. [Imagem das crianças de mãos dadas em close-up].

Eu queria um recém-nascido. Eu queria bebê. Sempre quis bebê. Mas, quando a gente coloca o nome na fila, a gente coloca bebê. Bebê é de zero a um ano, então, não é recém-nascido só. No nosso caso, pra gente que queríamos bebês pequenininhos, aquele choro de madrugada, não dormir, a gente queria isso tudo. A gente deu a sorte de virem, os dois vieram bebês, saíram da maternidade e vieram pra gente. [Fotos delas com os bebês].

Elisabeth: Eu tava com muito medo. Meu Deus do céu, a vida da gente vai mudar totalmente né?

Jacqueline: Graças a Deus!

Elisabeth: Graças a Deus! Mas, deu aquela coisa assim né, dum frio na barriga.

Jacqueline: Chegou abriu a porta, aí “olha o filho de vocês!” Ele tava berrando de fome com umas bochechas imensas e berrava e berrava, tava vermelho de fome.

Elisabeth: vermelhão né? Aí a gente pegou assim no colo ele, acalmou, enfim, demos a mamadeira pra ele. E aí foi uma... Foi tudo de bom, eu me lembro que assim, a primeira noite que eu passei a Jacqueline, disse que eu, com ele do lado da gente, eu adormeci com um sorriso. Eu adormeci sorrindo.

Elisabeth: [Imagens das crianças, em close-up, brincando em uma praça]. Eu tava na zona de conforto com o Saulo né? E de repente vem aquele furacão [risos], que eu não tava esperando né?

Jacqueline: A gente tava aqui nessa casa, [sítio] a gente tava passando final de semana, era sexta-feira e aí Beth foi dar banho no Saulo e eu tava aqui embaixo resolvendo as coisas, me liga minha secretaria “doutora tão ligando urgente, pra senhora ligar urgente pra Vara de Infância”. Aí eu tentei ligar, difícil ligar no começo, aí eu consegui. Oh me ligaram agora, mandaram eu ligar urgente! “Ah sim, que eu queria saber, tem uma criança aqui pra adoção” Eu falei quero... “Uma criança recém-nascida, vocês querem?” Quero! “Mas é negra hein!” Eu falei, eu quero! “É uma menina negra tá?” Eu falei, mas eu quero! Nós queremos!

Elisabeth: A gente não tinha nem roupa em casa. Do juizado, a gente veio

com as roupas do juizado. A gente não tava esperando né? Então não tinha nada pronto e eu ficava muito preocupada né? Ai meu Deus, será que eu vou... Eu já fiquei naquela expectativa do segundo filho... Será que eu vou amar do mesmo jeito, será que eu consigo amar assim ela do jeito que eu amo Saulo? Aí foi devagarzinho, devagarzinho... Ela chegando no jeitinho... Que ela é toda assim né? Toda delicadinha e aí foi chegando e foi conquistando de um jeito meu coração, que eu não podia imaginar eu conseguiria dividir, não é nem dividir né? Na verdade é acrescentar.

Figura 36: Elisabeth e Jacqueline com os filhos



Fonte: Canal GNT (2016).

Jacqueline: [Em close-up]. Foi colorir a vida! E eu realmente colori, fomos de todas as cores né? Que a gente tem todas as cores em casa, então a minha vida agora tem sentido. Antigamente, vai pro trabalho, vem pra casa, viaja e aí? Agora não! Agora, realmente, tem o porquê ta viva!



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br